

PUCRS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

VICENTE MEDEIROS

**O JORNALISMO NA ÓTICA DE SEUS SUJEITOS:
as gerações porto-alegrenses de 1940 e 1960.**

Porto Alegre

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

VICENTE MEDEIROS

**O JORNALISMO NA ÓTICA DE SEUS SUJEITOS:
as gerações porto-alegrenses de 1940 e 1960.**

Porto Alegre

2015

VICENTE MEDEIROS

**O JORNALISMO NA ÓTICA DE SEUS SUJEITOS:
as gerações porto-alegrenses de 1940 e 1960.**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Rüdiger

Porto Alegre

2015

VICENTE MEDEIROS

**O JORNALISMO NA ÓTICA DE SEUS SUJEITOS:
as gerações porto-alegrenses de 1940 e 1960**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em _____ de _____ 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Rüdiger
PUCRS

Profa. Dra. Beatriz Dornelles
PUCRS

Prof. Dr. Flávio Porcello
UFRGS

Porto Alegre

2015

*Dedico este trabalho a Gabriela Rockenbach,
com quem compartilho maravilhosamente este presente chamado vida.*

AGRADECIMENTOS

O resultado final deste projeto deve-se à disponibilidade e boa vontade de dezenas de pessoas – e também entidades –, para quem registro minha gratidão. Entre elas, cabe destacar:

- Professora Dra. **Doris Fagundes Haussen**, pelo voto de confiança em mim depositado para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS;
- Professor Dr. **Francisco Rüdiger**, pela segura orientação rumo a um projeto significativo e de valor;
- Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, pela oportunidade de realização deste Mestrado;
- CAPES, pela bolsa de estudos concedida;
- Jornalistas que, gentilmente, cederam seu tempo e receberam-me em suas residências ou local de trabalho para reconstituir fatos de sua própria vida e contribuir de forma radical para o desenvolvimento deste projeto: **Antonio Hohlfeldt, Armando Burd, Carlos Bastos, Célia Ribeiro, Celito De Grandi** (*in memoriam*), **Elmar Bones, Flávio Porcello, Geraldo Hasse, J.A. Pinheiro Machado, Jayme Copstein, João Borges De Sousa, Juarez Fonseca, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann, Liberato Vieira da Cunha, Joseph Zukauskas, Jayme Sirotsky, Tânia Carvalho e Walter Galvani**.
- Meus familiares, pelo apoio e compreensão.
- **Gabriela Rockenbach**, pelo companheirismo que torna a vida uma poesia.

RESUMO

Este trabalho efetua um levantamento histórico e lança elementos para o entendimento sociológico da reportagem no Rio Grande do Sul, com base em um trabalho de entrevista com 19 jornalistas de Porto Alegre que iniciaram sua atividade profissional em duas épocas (1940 e 1960). Os entrevistados são: Antonio Hohlfeldt, Armando Burd, Carlos Bastos, Célia Ribeiro, Celito De Grandi, Elmar Bones, Flávio Porcello, Geraldo Hasse, J.A. Pinheiro Machado, Jayme Copstein, João Borges De Sousa, Juarez Fonseca, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann, Liberato Vieira da Cunha, Joseph Zukauskas, Jayme Sirotsky, Tânia Carvalho e Walter Galvani. Com a proposta de fazer emergir uma visão do percurso pela qual a atividade passou desde a primeira metade do século 20 até o início dos anos 1980, este estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica sobre a matriz da prática jornalística – e consequente rotina que esta transformou-se ao longo do tempo, em contraponto ao conceito de aventura – somada a análises sobre as fontes de informação jornalística e sua dinâmica de relação com os produtores da notícia, especialmente, com autores como Marcondes Filho (2002), Rüdiger (2003), Neveu (2006) e Wolf (2009). As entrevistas centraram-se em temas como biografia, concepções a respeito do trabalho jornalístico, relacionamento com as fontes de informação, especificidades da rotina, avaliação sobre o desenvolvimento da imprensa gaúcha e indicação de profissionais significativos no seu processo de formação. O apanhado conclusivo mostra que, principalmente: o jornalista conseguia desenvolver suas atividades de forma menos cerceada no passado; o avanço tecnológico, por um lado, facilitou os processos de captação da informação, mas, por outro, diminuiu a presença do jornalista nos locais onde os acontecimentos se desdobram; a imprensa organizou-se em rubricas e editorias que contribuíram para a rotinização da profissão; os repórteres mais antigos passavam por processos de formação profissional mais desafiadores, com menos instrução sobre a realização das tarefas; a relação entre jornalista e fonte de informação deve ser encarada como uma necessidade de postura ética por parte do repórter; e, por fim, a geração de 1940 viveu uma atmosfera mais romântica da profissão, enquanto que os componentes da geração de 1960 apresentam como marca principal a especialização.

Palavras-chave: jornalismo; reportagem; *newsmaking*.

ABSTRACT

The following study presents a historical survey of journalism in Rio Grande do Sul and covers elements that will aid in its sociological understanding based on 19 interviews with journalists from Porto Alegre that started their careers in 1940 and 1960. This study features interviews with Antonio Hohlfeldt, Armando Burd, Carlos Bastos, Célia Ribeiro, Celito De Grandi, Elmar Bones, Flávio Porcello, Geraldo Hasse, J.A. Pinheiro Machado, Jayme Copstein, João Borges De Sousa, Juarez Fonseca, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann, Liberato Vieira da Cunha, Joseph Zukauskas, Jayme Sirotsky, Tânia Carvalho and Walter Galvani. Aiming at presenting a view of the journey this profession went through since the second half of the 20th century up until the 80s, this study uses a bibliography based on the practice of journalism and also on the routine transformations it went through along the years in comparison to the romantic idea of being an adventurous profession. Besides that, this study also works with analysis on information sources and their dynamic with news broadcasters, especially with authors such as Marcondes Filho (2002), Rüdiger (2003), Neveu (2006) and Wolf (2009). The interviews covered themes such as biography, conceptions concerning journalism, relationship with information sources, routine specifications, evaluation of the development of Rio Grande do Sul press and professionals that had an important role in its formation. In conclusion, it is possible to assert that a journalist in the past could carry out their activities in a less restricted way; that the technological advances streamlined the process of collecting information but also made it less necessary for journalists to be present at the places where the news happened; the press organization was divided in sections and editorials that contributed to the standardization of the profession; older reporters went through more challenging processes in their professional education, with less instructions regarding the way tasks should be performed; the relation between journalist and source should be viewed as an ethical necessity and the generation from the 40s lived in a context that provided a more romantic view of the profession whereas the generation of 1960 main characteristic was specialization.

Keywords: journalism; broadcasting; newsmaking.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.1 AS ROTINAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	13
2.1.1 A matriz da prática jornalística	13
2.1.2 A rotina é a essência do <i>newsmaking</i>	19
2.1.3 Da burocracia à aventura	29
2.1.4 O <i>newsmaking</i> como construção social da realidade.....	31
2.1.5 As fontes de informação jornalística	38
3 O JORNALISMO SEGUNDO A GERAÇÃO DE 1940	47
3.1 AS ESTRATÉGIAS E ROTINAS PROFISSIONAIS DA CATEGORIA.....	47
3.2 DIAGNÓSTICO DA IMPRENSA GAÚCHA	63
4 O JORNALISMO SEGUNDO A GERAÇÃO DE 1960	73
5 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	118

1 INTRODUÇÃO

De 1940 a 1980 – delimitação temporal desta pesquisa –, Porto Alegre viveu uma sequência evolutiva na tiragem de seus jornais, passando de 65 milhões para 260 milhões, enquanto que o número de jornais diários reduziu de oito para quatro (RÜDIGER, 2003). Foi próximo dos anos 40, também, que se reconstruiu a Associação Rio-Grandense de Imprensa (1936) e que se criou o Sindicato dos Jornalistas (1942), entidades significativas para o desenvolvimento do jornalismo gaúcho. Da mesma forma, nesse recorte, as redações de jornais impressos, de rádios e de emissoras de televisão foram impactadas por novas tecnologias de impressão, de captação, de edição e de apresentação, responsáveis pela implementação de novos processos de trabalho e consequente alteração na velocidade e na forma como a notícia passou a ser produzida.

Regionalmente, nesse período, a imprensa gaúcha foi aquela do *jornalismo informativo moderno* (RÜDIGER, 2003), quando as grandes empresas jornalísticas fundiram-se com emissoras de rádio e televisão, transformando-se em conglomerados de comunicação e fazendo com que a imprensa ingressasse no estágio da indústria cultural. Em termos mais amplos, por sua vez, o intervalo é aquele transitório entre o *terceiro* e o *quarto jornalismo* (MARCONDES FILHO, 2002). Depois que o valor pedagógico da imprensa cedeu espaço a um modelo sincronizado com as exigências do capital (imprensa como negócio), passou a vigorar a “indústria da consciência”, com uma imprensa monopolista, marcada pelo surgimento de grandes rubricas e chegando a um modelo de informação eletrônica e interativa que perdura até o presente.

A linha investigativa condutora deste projeto, todavia, não se desenvolve tanto por asserções teóricas de caráter histórico-sociológico. Faz uso dessas premissas. Seu contributo, isso sim, reside na reconstrução e na elaboração dos pontos de vista, das experiências, das visões e das análises dos sujeitos que, em parte, foram agentes dos processos de mudança; em parte, foram também padecentes das metamorfoses silenciosas, mas profundas, que reprogramaram a práxis jornalística. Dezenove é o número de jornalistas participantes desta pesquisa: aqueles que iniciaram sua atividade entre os anos de 1940 e 1960 e entre 1960 e 1980. Mas não qualquer jornalista, escolhido aleatoriamente, e sim aqueles reconhecidos e referendados por seus pares de profissão. Aqueles que tornaram-se marca e referência em determinadas temáticas. E que ajudaram – e ainda ajudam – a construir a história da imprensa de Porto Alegre.

No âmbito dos estudos sobre o jornalismo gaúcho, verifica-se a existência de pesquisas a respeito das empresas midiáticas, sobre os conteúdos dos jornais, mas não ainda – até onde saibamos – sobre o exercício da profissão e a atividade da reportagem. Depositamos valor a essa perspectiva de análise porque uma investigação se faz mais ou menos rica a partir da qualidade da fonte pesquisada, apta a fornecer informações capazes de reconstruir cenários históricos e a compreender os movimentos que a sociedade desenvolve com o passar do tempo. Quando a fonte constitui-se de um protagonista humano, que vivenciou e agiu num movimento de transformação de uma realidade profissional, cremos na potencial riqueza que dela pode ser extraída nesse desafio de reconstrução, uma vez que presenciou dinâmicas sociais e carrega consigo experiências de valor.

Frente a essa lacuna, o objetivo deste trabalho é efetuar um levantamento histórico e lançar elementos para o entendimento sociológico da reportagem no Rio Grande do Sul a partir da experiência e pontos de vista dos seus protagonistas, os jornalistas, a fim de fazer emergir uma visão do percurso pela qual a atividade passou de meados do século passado até o início dos anos 1980. O recorte temporal escolhido ocorreu, inicialmente, a partir da identificação do jornalista com início de atividade mais remota. Então, procurou-se outros protagonistas, cujo trabalho remontava a período semelhante, e também foi solicitada indicação de novos nomes para figurar neste trabalho. Em seguida, optou-se por delimitar o universo de 20 anos por entender que trata-se de uma fatia capaz de oferecer elementos necessários para uma análise abrangente. Além disso, a segmentação em dois grupos permite também investigar cada período histórico e promover o confronto para alcançar sínteses esclarecedoras sobre a sociologia da reportagem no Rio Grande do Sul. Este trabalho, porém, não avança até a atualidade porque o registro do período posterior ainda está em elaboração por parte de seus sujeitos. Trata-se de um momento que não fechou seu ciclo geracional. A atual geração ainda vive o seu tempo. Assim, cremos que convém aguardar seu término para investigar a opinião que formou sobre suas circunstâncias.

Nas páginas que se seguem, à parte a substância teórica, reside o substrato de uma investigação preocupada em conhecer a rotina, os bastidores, as estratégias, as curiosidades, os fatos relevantes, a história, as experiências, as dificuldades e, especialmente, os ensinamentos que esses jornalistas carregam depois de décadas de atuação incessante. Conseqüentemente, graças a segmentação entre a geração de 40 e a geração de 60, foi possível também tecer conclusões frutíferas a respeito de cada grupo e também do cruzamento entre as informações de cada conjunto. Há semelhanças, há discrepâncias, mas

há, sobretudo, fundamentos úteis para novos jornalistas, que têm agora uma pequena base para se guiar e construir sua própria trajetória.

Este projeto está segmentado em três grandes áreas: primeiramente, é apresentada uma revisão bibliográfica sobre a matriz da prática jornalística (ou seja, elementos básicos da formação da atividade no ocidente), sobre a rotina que essa prática transformou-se ao longo do tempo, o conceito de aventura como contraponto à estrutura rotineira e, por fim, resgates bibliográficos sobre as fontes de informação e seu relacionamento com os jornalistas. Em seguida, entra-se no conteúdo elaborado a partir dos depoimentos dos dezenove entrevistados para este trabalho. O elenco dos personagens é apresentado de forma aleatória, dividido entre aqueles componentes da geração de 40 e aqueles da geração de 60. Por fim, são desenvolvidas conclusões a partir do cruzamento de diferentes temas resultantes dos diálogos, aqueles pertinentes a um resgate histórico-sociológico da atividade em Porto Alegre no século 20.

O trabalho aqui proposto consiste essencialmente em uma pesquisa baseada em entrevistas e no levantamento de informações originadas da história oral. Para desenvolver o estudo, foi preciso realizar um levantamento dos informantes a partir de indicação extraída de cada entrevistado, especialmente a respeito das suas influências profissionais de gerações anteriores ou de nomes considerados importantes quando do início de sua atividade. Com isso, chegou-se à decisão de se estruturar o trabalho por gerações (1940-1960 e 1960-1980). A seguir, estão listados os informantes de cada:

- 1940-1960: Carlos Bastos, Célia Ribeiro, Celito De Grandi, Jayme Copstein, Jayme Sirotsky, João Borges de Sousa, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann, Liberato Vieira da Cunha, Joseph Zukauskas e Walter Galvani.
- 1960-1980: Antonio Hohlfeldt, Armando Burd, Elmar Bones, Flávio Porcello, Geraldo Hasse, J.A. Pinheiro Machado, Juarez Fonseca e Tânia Carvalho.

Ao decorrer de cada entrevista, era percorrido um roteiro que identificava, inicialmente, informações biográficas do informante (nome e profissão dos pais, infância, estudos iniciais, entre outras), avançava na busca de concepções a respeito do trabalho jornalístico (rotina profissional, seu papel na sociedade, acontecimentos marcantes em sua carreira) até chegar na proposição de um diagnóstico a respeito da imprensa no Rio Grande do Sul (especialmente sobre o desenvolvimento da profissão ao longo do tempo).

Inicialmente, visava-se levantar informações objetivas, dados factuais para compor um retrato do contexto em que aquele entrevistado vivia. A seguir, a fonte era estimulada a expor a sua visão, sua opinião e seu juízo do modo como a profissão era exercida no começo de sua atividade até chegar nos dias atuais. Por fim, o diálogo concentrava-se no elenco de nomes

dos profissionais considerados por ela importantes no início de sua carreira, a fim de reconstruir os personagens marcantes de diferentes épocas valendo-se do cruzamento de informações.

De posse das informações recolhidas pelos entrevistados da “geração de 40” e da “geração de 60”, foram identificados elementos marcantes que poderiam servir de ponto de comparação e confronto entre cada época pesquisada e ainda com a atualidade. A temática da tecnologia, por exemplo, estava presente em cada entrevista, quando as fontes exprimiram análises a partir da sua experiência e ainda reportando sua visão para o progresso causado na rotina das redações. Ao final, espera-se ter produzido uma síntese capaz de analisar os principais tópicos elencados e sugeridos seja pelo pesquisador, seja pelas próprias fontes deste trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 AS ROTINAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

2.1.1 A matriz da prática jornalística

O jornalismo, assim como o conhecemos hoje, é fruto de um longo processo transformacional que a sociedade vem vivendo desde o século 18, i.e., não era da forma como é. Com a obra de Marcondes Filho (2002), torna-se possível vislumbrar um panorama histórico da atividade, segmentado em cinco etapas, para melhor compreender sua evolução.

- Pré-história (1631-1789), do tipo artesanal, carrega valores jornalísticos como o espetacular e o singularmente novo (desastres, mortes, seres deformados, reis etc.). Seu meio ainda assemelhava-se ao livro e era produzido por um empreendedor isolado.

- Primeiro Jornalismo (1789-1830), do tipo político-literário, trazia a razão, o questionamento da autoridade, a crítica da política e a confiança no progresso. Era o jornalismo da “iluminação”. É neste momento que se estabelecem a profissionalização da atividade e as redações. Seus agentes eram políticos, escritores, críticos e cientistas. Aqui, os fins econômicos ficavam em segundo plano e os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política.

- Segundo Jornalismo (1830 a aproximadamente 1900), tido como imprensa de massa, em que primava o “furo”, a atualidade, a “neutralidade”. Feito por jornalistas, no Segundo Jornalismo criam-se as reportagens, as enquetes, as entrevistas, as manchetes e o investimento nas capas, logotipo e chamadas de primeira página. Neste momento, impulsionado pela Revolução Industrial, o jornalismo sofre seu primeiro grande impacto de natureza tecnológica, que mudaria visivelmente sua atividade: a invenção da rotativa e dos processos de produção de jornais em massa. Também surge a mecânica por linotipos, o telégrafo e o telefone. As verbas publicitárias assumem papel preponderante nas receitas e o jornal, organizado como empresa, passa a ter que dar lucro. Observa-se também o aumento substancial das tiragens. O valor pedagógico cede espaço à imprensa sintonizada com as exigências do capital (imprensa como negócio).

- Entre 1900 e 1960, o autor aponta um Terceiro Jornalismo, do tipo imprensa monopolista. Surgem as grandes rubricas políticas ou literárias e as páginas-magazines: esporte, cinema, rádio, teatro, turismo, infantil, feminina etc., e verifica-se ainda mais influência da indústria publicitária e das relações públicas. Neste momento, a atividade era

gerida por jornalistas, publicitários e relações públicas, que promovem a “indústria da consciência”, na qual a audácia e a criatividade jornalística perdem terreno para o conformismo e para a repetitividade mercadológica.

- Por último, identifica-se um Quarto Jornalismo, do tipo informação eletrônica e interativa, surgido por volta de 1970 e que perdura até o presente. Aqui, o jornalismo sofre sua segunda grande inovação: as tecnologias de comunicação e informação. Marcado por impactos visuais, velocidade e transparência, este momento é caracterizado pelas implantações tecnológicas com consecutivo barateamento da produção, alteração das funções do jornalista e toda a sociedade produzindo informação. Os agentes passam a ser redes e sistemas informatizados com pessoas em interface e jornalistas como prestadores de serviço. Os financiamentos migram para a TV e internet e se observa a crise da imprensa escrita.

Dessa fria análise, é possível destacar elementos que se fazem prioritários a este projeto de pesquisa. O primeiro se refere ao valor de espetacular e singularmente novo. Ainda hoje a atividade jornalística carrega em seu espectro de objetivos a meta a tais fins. Em seguida, cabe ressaltar a profissionalização pela qual a atividade passa no Primeiro Jornalismo, na qual o jornal assumia um escopo de cunho político-pedagógico e cuja linguagem técnica se apresentava livre de um modelo geral. O desenvolvimento da imprensa como negócio, por sua vez, marca justamente a passagem de um jornalismo virtuoso, ansioso por valores iluministas e políticos, para um protótipo comercial e dirigido à massa. Este ponto, certamente, constitui-se fundamental para compreender a matriz jornalística atual, que por mais que carregue objetivos pedagógicos e sociais, encontra-se regulamentada pela lógica do sistema econômico vigente. Por fim, o autor sentencia a redução da audácia e da criatividade em prol da repetitividade mercadológica – o último golpe àquele modelo iniciado com a Revolução Francesa – e atualiza a atividade jornalística do tipo informação eletrônica interativa, com a redução do valor humano (marca individual do profissional) e reforço de um conjunto de redes e sistemas informatizados. Com destaque para estes pontos, tem-se um primeiro panorama histórico do jornalismo e uma melhor compreensão de seu desenvolvimento técnico e valorativo.

Outra estratégia da qual faremos uso para compreender os modelos reinantes na prática jornalística é a da comparação. Utilizaremos, aqui, da forma apresentada por Neveu (2006), que contrapõe o desenvolvimento do jornalismo anglo-americano – apontado como origem das práticas que constituem hoje a norma de referência da profissão – com o estilo francês para produzir uma síntese a partir de amostras significativas no jornalismo mundial. A riqueza de suas análises se deve ao aprofundamento de características das

principais escolas ocidentais da atividade e podem ser alocadas na passagem do primeiro ao segundo jornalismo identificada por Marcondes Filho (2002).

Neveu (2006) parte da força de cinco elementos para situar no modelo anglo-americano o exemplar da estrutura técnica, política e cultural que hoje impera na atividade jornalística: coleta de informações (*news-gathering*), discurso da objetividade, utilitarismo, lógica empresarial e profissionalização. Explicaremos a seguir detalhes de cada argumento.

A coleta por fatos é encarnada na figura de um profissional na busca por notícias e foi nos Estados Unidos que surgiu a prática – ou rituais elementares – de idas e vindas à delegacia e à prefeitura (atrás de notícias policiais e de fofocas sobre casamentos e divórcios), da reportagem (ligada à cobertura da Guerra de Secessão) e da entrevista, inventada nos anos 1860. “Ser jornalista supõe um relato de campo, a constituição de uma agenda de endereços e das habilidades a tomar notas, a apurar a informação, ao domínio da situação na entrevista” (NEVEU, 2006, p.23). O primeiro periódico destinado ao “homem comum” foi o New York Sun, em 1833, que introduziu as histórias de interesse humano e o relato de eventos chocantes e sensacionais (TUCHMAN, 1978). Aqui pode ser pontuada a “saída de campo” jornalística. Em busca do sensacional, os repórteres deixavam as redações para encontrar notícias na cidade. E para não se dispersar em locais de pouco interesse, seguiam uma lógica precisa de localização onde as histórias eram esperadas que ali ocorressem. Tuchman (1978) chama isso de “localização sistemática”, em que um local de uma fonte central de informações facilita o trabalho noticioso contemporâneo. “Localizar a agência central significa localizar dados considerados essenciais para a produção das notícias da maneira mais eficaz” (TUCHMAN, 1978, p.18).

Foi igualmente no modelo anglo-americano que se instituiu a predominância do discurso da objetividade aliado à reconstituição dos fatos e separando informação e comentário. Essa crença na reconstituição objetiva, para Neveu (2006), é uma ilusão, mas foi transformada em norma profissional. No resultado dessa atitude residem a desvalorização das formas empoladas de expressão e dos registros polêmicos ou normativos em nome de uma escrita sóbria e descritiva.

O utilitarismo, por sua vez, é identificado muito cedo no século 19 nos Estados Unidos, quando a imprensa passa a responder às necessidades práticas e cotidianas com informações econômicas sobre os mercados e movimento dos navios de comércio. Verifica-se também uma multiplicação das editorias de serviço, que vão de receitas de cozinha às crônicas religiosas. Outro traço desse jornalismo é identificado no *status* da imprensa como atividade empresarial. Junto a seus barões da imprensa, que constituem grupos de jornalismo

economicamente poderosos, coexistem causas econômicas (rápido desenvolvimento do capitalismo e uso precoce da publicidade), de direito (liberdade de imprensa consolidada desde 1791 nos EUA) e da urbanização, que reflete na maximização dos leitores.

Por fim, o autor liga a lógica empresarial com uma profissionalização forçada. O jornalista americano se constitui como um assalariado, cuja remuneração depende da originalidade das informações coletadas, e que reforça uma habilidade à base de técnicas, de capacidades de investigação e de uma escrita normativa.

Ainda no retrato do modelo jornalístico norte-americano, encontra-se em outro autor informações históricas que auxiliam na compreensão da prática profissional que, futuramente, ganharia o mundo. Por meio de um relato histórico-sociológico ao analisar jornais norte-americanos, Schudson (2010) esclarece que a notícia era algo mais ou menos “inventado” nos anos de 1830 e que o repórter também foi uma invenção social dos anos de 1880 e de 1890.

O modelo jornalístico no período indicado pelo autor se constituía, essencialmente, de um exército de um homem só.

[...] um único indivíduo atuava como impressor, agente de publicidade, editor e repórter. Os “correspondentes”, nos jornais do século XVIII e início do século XIX, eram geralmente viajantes ou amigos do editor em portos estrangeiros, que enviavam correspondências para os periódicos de suas cidades-natal. No curso do século XIX, os editores passaram a confiar menos nessas fontes informais de notícias e mais nos escritores *free-lancers* e repórteres contratados, que eram pagos para escrever. Os *penny papers* foram os primeiros a empregar repórteres para as notícias locais (SCHUDSON, 2010, p.81).

O autor identifica um movimento relevante de mudança com a revolução da *penny press*, jornais populares vendidos ao valor de um *penny*, ou um centavo, que redirecionou o jogo econômico e social norte-americano do século 19. Como ele mesmo explica: “Essa revolução levou ao triunfo da ‘notícia’ sobre o editorial e dos ‘fatos’ sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia e do mercado, e que, com o tempo, conduziria à incômoda submissão do jornalista à objetividade” (SCHUDSON, 2010, p.25).

Enquanto jornais comerciais ou políticos – representantes do período – pecavam de certa forma por serem prestadores de serviço para comerciantes ou partidos políticos, a imprensa *penny* tinha a originalidade de vender um produto ao leitor em geral (a notícia) e de vender o leitor ao anunciante. Para assegurar esse modelo comercial, no entanto, os jornais se caracterizavam por modelos editoriais mais sagazes e perspicazes. A imprensa popular inventou o conceito moderno de notícia, e pela primeira vez passou a divulgar relatos

policiais, dos tribunais, das ruas e da vida privada, reverberando as atividades de uma classe média cada vez mais urbana (SCHUDSON, 2010).

A imprensa *penny*, em comparação, mantinha o foco nas vizinhanças e no cotidiano e, pela primeira vez, contratou repórteres em bases regulares, para cobrir notícias locais. Os repórteres eram distribuídos entre a política, os tribunais, o distrito comercial, as igrejas, a alta sociedade e os esportes. Os *penny papers* fizeram da “narrativa de interesse humano” não somente uma parte importante do jornalismo diário, mas seu aspecto mais característico (SCHUDSON, 2010, p.39).

O autor ainda aponta uma ruptura fundamental nesse processo: a busca obsessiva pelos fatos. “[...] unicamente no âmbito da imprensa *penny*, a competição por ‘furos’ jornalísticos foi firmemente estabelecida como a principal base da empresa jornalística” (SCHUDSON, 2010, p.38). Outra consequência relevante foi a ascensão do *status* da condição de repórter. Após a Guerra Civil, verificou-se crescente apelo mercadológico pelo diploma universitário em jornalismo e a reportagem se tornou mais considerada e recompensada.

Se a imprensa *penny* colaborou na formalização de um modelo mundialmente aplicado, por certo que as agências de notícia também tiveram seu contributo nessa padronização. Ainda em Schudson (2010), observamos que a primeira delas em território norte-americano, a *Associated Press*, nascia em uma época marcada por jornais com alianças políticas amplamente diversificadas. Para atender a essa pluralidade ideológica, a agência precisou tornar sua reportagem o mais “objetiva” possível para ser aceita por todos os seus membros e clientes. “Desde então, tem-se argumentado que a prática da *Associated Press* tornou-se o ideal do jornalismo em geral” (SCHUDSON, 2010, p.14).

Em relação ao modelo europeu, Neveu (2006) resgata o jornalismo francês, que auxilia a visualizar como as práticas anglo-americanas foram absorvidas e também qual o contributo da escola francesa para a formalização de um molde mundial. O autor aponta que o primeiro traço desse jornalismo é a tradição de cooperação.

Até o nascimento da imprensa popular na *Belle Époque*, trabalhar para um jornal significava posição de expectativa pelas carreiras da literatura e da política. Nenhuma competência profissional específica era exigida e as publicações que fizeram decolar uma imprensa de massa se utilizavam de folhetins redigidos por célebres penas. Era a época do jornalismo literário (MARCONDES FILHO, 2002), quando os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política.

E este é, justamente, outro movimento registrado pelo modelo francês: o político. Para os eleitos, ter controle sobre um diário era estratégico, porque as páginas funcionavam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias (MARCONDES FILHO, 2002). Mas é sobretudo o esforço por traço estilístico brilhante que, substancialmente, diferencia o modelo francês do anglo-americano.

A dimensão do *news-gathering* se mantém pouco por um longo período. A excelência profissional se fixa sobre o domínio e o brio do estilo, a capacidade de defender uma linha editorial. Os conteúdos de informação jornalística, que valorizam críticas, pequenos artigos e crônicas, traduzem o peso do comentário, de um metadiscorso sobre a atualidade que privilegia a expressão das opiniões e transforma o acontecimento em pretexto para exercícios de estilo brilhantes e desenvolvidos (NEVEU, 2006, p.29).

Pelo viés legal também fica claro observar o processo tardio em que se deu a institucionalização de uma identidade profissional de jornalistas na França. Mais de um século foi necessário para que a mesma consolidação da liberdade de imprensa norte-americana fosse instaurada em solo francês (1881), o que fez o número da população de jornalistas passar de 4 mil em 1890 para 6 mil em 1900. Outra série de fatos serviu para colaborar na profissionalização da atividade: a Primeira Guerra Mundial, a criação do sindicato dos jornalistas em 1918 e redação, no mesmo ano, de uma carta deontológica, a criação da primeira grande escola de jornalismo em Lille, em 1924, e a aprovação do estatuto dos jornalistas pelo Parlamento em 1935. Apesar dos esforços, não havia formas de poder do tipo disciplinar e nenhuma condição de entrada era requisitada.

Até aqui foi possível navegar pelas principais transformações pelas quais o jornalismo do eixo anglo-americano e francês passou e deixou para o ocidente. Cabe ainda iluminar um elemento até então oculto e de relevância estratégica que determinou muitas das transformações que o jornalismo viveu: a inovação tecnológica.

Sobre esse argumento, encontramos em Marcondes Filho (2002) que o jornalismo romântico cedeu lugar para a imprensa moderna e sintonizada com as exigências do capital, com empresas jornalísticas necessitando alcançar o autossustento através de vendas, i.e., a imprensa como negócio para financiar os investimentos de maquinário (rotativas e composição mecânica por linotipos, telégrafo e telefone etc.). O autor data aproximadamente o ano de 1875 como da imposição plena desse novo regime, em que o jornal passa a ser um amontoado de comunicações publicitárias permeado de notícias.

E é essa nova imprensa, como objeto de alto investimento de capital, que manterá as características originais da atividade jornalística: a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o “caráter libertário e independente (MARCONDES FILHO, 2002, p.14).

O avanço tecnológico também contribuiu para dissipar a visão mítica do jornalista como aventureiro e audacioso, criada, especialmente, pela figura do enviado especial e do correspondente de guerra, que “saía à caça” de informações. Por meio de um telefone convencional ou celular, o jornalista constrói a sua matéria.

Hoje em dia, de modo geral, a informação chega à redação sem maior esforço do profissional que deve, sobretudo, distinguir e selecionar do conjunto aquele rol de informações a serem transformadas efetivamente em noticiário (HOHLFELDT, 2001, p.215).

Dessa forma, é possível enxergar o momento e o motivo responsável por uma mudança substancial na prática jornalística e que determinaria sua matriz profissional em todo o ocidente. De uma atividade desregrada – mas nem por isso destituída de influência e vigor no seio social – a uma composição de rotinas e estatutos que a colocam par a par com outras profissões já reconhecidas, o jornalismo se sincroniza com a lógica capitalista e mercadológica, na qual o profissional assume uma função bem estabelecida.

2.1.2 A rotina é a essência do *newsmaking*

O desenvolvimento dos processos de produção da notícia percorreu caminhos singulares ao longo da história até desaguar num modelo particular. Essa dinâmica temporal nos favorece a relativizar padrões absolutizados e induz a intuir o desfecho seguinte de determinada atividade social – no caso, o jornalismo.

Inevitavelmente, faz-se necessário inserir a componente tempo no processo de produção da notícia para reforçar a compreensão de porque as notícias são como são – questão norteadora das pesquisas no *newsmaking*. Desde que o segundo jornalismo (MARCONDES FILHO, 2002) se consolidou, as práticas profissionais se enquadraram nos ritmos produtivos industriais, que passaram a afetar o *news judgement* (julgamento noticioso) e o processo global do *newsmaking* (SOUSA, 1999), formalizando uma cultura cronometrada. Segundo o autor português, essa limitação temporal força o jornalista a considerar somente aquelas informações colhidas no período determinado e abre duas problemáticas à atividade:

A pressão do tempo, agudizada pela competitividade, levaria ainda os jornalistas a relatar frequentemente as histórias em situações de incerteza, quer porque nem sempre reúnem os dados desejados quer porque necessitam de selecionar rapidamente acontecimentos e informações. O fator tempo impediria também a profundidade, razão pela qual as notícias se concentrariam no primeiro plano (*foreground*) em detrimento do plano contextual de fundo (*background*), o que contribuiria para abolir a consciência histórica (SOUSA, 1999).

Apesar das problemáticas, o fator tempo é um dos fortes contribuintes a constituir o que se define como rotinização no trabalho jornalístico. Shoemaker e Reese (1996) definem as rotinas como práticas e formas modeladas, rotinizadas, repetidas que os profissionais da mídia usam para realizar o seu trabalho. Elas formam um conjunto de regras e se tornam partes integrais do que significa ser um profissional da mídia. Um dos problemas apresentados pelos autores, no entanto, é que essas rotinas – que deveriam ser consideradas ações para um fim – se tornaram institucionalizadas e ganharam vida própria. Em síntese, a rotinização está muito ligada ao desenvolvimento da eficiência.

O trabalho dessas organizações da mídia é entregar, dentro de limitações de tempo e espaço, o produto mais aceitável para o consumidor da maneira mais eficiente. Considerando que a maioria das organizações midiáticas são empresas com fins lucrativos, elas se esforçam para fazer um produto que possa ser vendido por mais do que o custo de produção. Uma organização midiática pode ser descrita muito mais como outros negócios que se esforçam para encontrar um mercado para seus produtos (SHOEMAKER e REESE, 1996, p.103-104).

Os autores explicam que essas rotinas ajudam a organização a endereçar as seguintes questões: a) o que é aceitável pelo consumidor (audiência)? b) o que a organização (mídia) é capaz de processar? c) que produto é disponível pelos fornecedores (fontes)? Dessa forma, a rotina serviria para a audiência como os requisitos da organização. A pirâmide invertida, e.g., permite ao sujeito interromper sua leitura logo após alguns parágrafos, ciente de que decodificou a informação mais importante. Um editor, por sua vez, pode reorientar as histórias a partir do começo para encaixá-las em determinado espaço da página sem a necessidade de reescrevê-las por completo.

Toda a organização, no entanto, não deve ser observada de um ponto de vista que considera o trabalho jornalístico como algo isolado. O alerta, feito por Neveu (2006), evoca a necessidade de se considerar as interações dentro de uma redação e a classificar como um paradoxo o jornalismo como uma atividade de rotina.

O autor esclarece que as habilidades de todo jornalista se desenvolvem dentro de uma estrutura de interdependências com sua hierarquia, colegas e fontes. No final, o aparato de relações profissionais para se produzir um periódico requer elevada coordenação, expressa na

hierarquia organizacional e numa rigidez de sequências temporais. A mesma lógica vale para o repórter cinematográfico de televisão, que se vale de uma cadeia de produção com departamentos de arquivo e de pesquisa, dos comandos da redação, depende da qualidade da imagem das fontes etc. A título de exemplo, cita o expediente das publicações e seus componentes, como o diretor da redação, o secretário da redação, os editores e o diretor comercial. A sequência produtiva pode ser identificada nestes elementos:

Este começa, para um diário matinal, no início do dia, pela comparação entre a edição da véspera com as da concorrência, pelo acompanhamento dos fatos via consultas às outras mídias e pela análise dos fatos do dia a cobrir, que terão sido pré-selecionadas a partir de mensagens enviadas por assessores de imprensa. As discussões nas editorias e entre os editores permitem, depois de uma primeira reunião de pauta no fim da manhã, elaborar um “espelho” (previsão de preenchimento das páginas), enviar os repórteres a campo, sugerir-lhes ângulos de cobertura. Matérias e reportagens retornam depois, num espaço de tempo muito reduzido, para as torres de controle que são os editores e o secretário de redação, atentos aos horários e aos formatos, e encarregados de improvisar as mudanças que um acontecimento exige [...]. Uma segunda reunião de pauta no fim da tarde termina com as decisões tomadas, com a composição da “primeira” e com o fechamento da paginação. Se o trabalho jornalístico *stricto sensu* termina nesse instante, é preciso, contudo, observar que as pressões temporais que pesam sobre a redação são inseparáveis de um aval da produção da informação: horários de mandar para a impressão, distribuição dos exemplares terceirizada ou por caminhões da empresa, remessa dos exemplares desde as 5 da manhã para entrega aos assinantes, efetuadas em domicílio (NEVEU, 2006, p.78-81).

Neveu (2006) ilumina a existência de outros agentes que participam do processo de produção da notícia. Tira o holofote exclusivamente do jornalista e o compartilha com outros personagens que, por sua vez, constituem departamentos diferentes (administração publicitária, departamento jurídico, serviços não-jornalísticos...). “Pequenas máquinas” frequentemente invisíveis ao público. A esse ponto, também expressa a importância das editorias e seus especialistas, considerando como elemento essencial da divisão do trabalho entre jornalistas. Essas funcionariam como instrumento de percepção da realidade – especialmente pela divisão de competências que elas consagram – e como filtro em função das definições implícitas e explícitas que os jornalistas fazem dos “seus” assuntos.

De fato, para Neveu (2006), a maioria dos acontecimentos relatados pelos jornalistas são rotineiros, previsíveis. O objetivo é antecipar o imprevisível, antecipar a atualidade. Sobre a rotina jornalística, explica:

O termo não visa ocultar o ritmo, o estresse, o imprevisto, Ele traz dois contrapostos importantes. Um é tornar visível o peso de uma matéria-prima programável antes do fluxo dos acontecimentos. O outro é enfatizar que uma competência do jornalista – sem jamais poder “extinguir o acaso” – é também antecipar o imprevisto (NEVEU, 2006, p.90).

Essa competência, muitas vezes, é auxiliada pelas fontes de informação ao cooperarem com a antecipação de algumas situações. Por fim, depois que a notícia é finalizada e alocada em meios específicos, entra em ação o que Neveu (2006) indicou como circulação circular, i.e., a intertextualidade midiática. “A importância de uma informação vem também do que as outras publicações falam dela [...]” (NEVEU, 2006, p.93).

Outro autor, Sousa (1999) chega ao ponto de afirmar que as rotinas servem para os jornalistas terem controle sobre o seu trabalho, i.e., assegurar fluxo constante e seguro de notícias e permitir a rápida transformação do acontecimento em notícia. Para Sousa (1999), uma das causas do surgimento dessas rotinas profissionais são as características empresariais dos órgãos de comunicação, com sua gestão criteriosa dos recursos humanos e materiais. Ocorre que, com o tempo, essa prática rotineira adquiriu uma espécie de vida e legitimidade próprias e que, cada vez mais, o jornalismo necessita da diferença e da criatividade (SOUSA, 1999). Por isso, o autor apresenta desvantagens dessas rotinas:

- podem distorcer ou simplificar o mundo dos acontecimentos;
- constroem os jornalistas;
- tornam o jornalismo uma atividade burocrática;
- levam à dependência dos canais de rotina e à institucionalização de determinadas fontes (conseqüentemente, a geração de vínculos entre jornalista e fonte que podem desvirtuar a informação);
- levam a utilização rotineira de fontes oficiais;
- tornam as notícias semelhantes nos diversos órgãos de comunicação (uniformidade nos produtos informativos em circulação).

Um pouco ligado a este último aspecto, Sousa (1999) também considera a consulta a outros jornalistas e *media* como uma rotina, chegando ao ponto de dar ao jornalista a sensação de que, se todos fazem igual a ele, é porque faz de forma correta. A observação reforça o conceito de *circularidade circular* apresentado precedentemente.

Caberia questionar, a este ponto, até onde as fases de produção se impõem à discricionariedade de atuação do jornalista em particular. Uma resposta é encontrada em Rodrigo Alsina (2009), ao expor as quatro proposições de Bechelloni (1978, p. 171-178) que dão sentido ao conjunto do trabalho jornalístico e que defendem, sim, a redução da independência. São elas: a) as notícias-ruptura, fatos que saem da normalidade, da continuidade, que se configuram como interessantes para a mídia; b) os fatos-notícia, criados para serem notícia; c) a realidade de que nem todos os sujeitos sociais são competentes para gerarem fatos-ruptura e fatos-notícia; e d) o sistema político, que recebe atenção privilegiada

por parte da mídia. Todo esse aparato seria o responsável pela semelhança encontrada nos diversos meios. “A determinação do acontecimento, as fontes, o trabalho jornalístico em si são elementos de um processo de produção institucionalizado. A mudança radical de algum desses elementos traria como consequência a alteração do tipo de imprensa” (RODRIGO ALSINA, 2009, p.178).

Uma tese apontada pelo autor em relação a essa temática poderia ser questionada à luz da proposta que defendemos neste projeto. Em função da homogeneidade do discurso verificada nos diversos meios de comunicação – uso das mesmas fontes, mesma terminologia etc. –, sobretudo pelas práticas produtivas que condicionam a produção, Rodrigo Alsina (2009) expõe que, quanto mais profissionalismo, menor será a discricionariedade produtiva. Ora, a existência de um campo de manobra por parte do jornalista na relação com as fontes de informação se constitui como espaço para a discricionariedade, não entendendo, assim, analisar o processo integral de produção da notícia. Julgamos válido o questionamento justamente para introduzir o aspecto humano na prática jornalística, uma vez que o profissional tem a possibilidade de se destacar da lógica pré-estabelecida e se valer de capacidades e habilidades próprias para, em meio à rotina, saber extrair a novidade, aquilo que causa impacto.

Rodrigo Alsina (2009) também elenca as fases do trabalho informativo naquilo que compreende as rotinas da informação. Importante destacar, antes de tudo, que esses hábitos se apresentam como medida de proteção e de suporte à estrutura de produção jornalística, pois não só permitem prever as notícias de sequência, mas também podem ser utilizadas para enfrentar o surgimento de uma notícia de última hora.

Ao se valer de Rositi (1981), o autor distribui as principais operações do desenvolvimento do trabalho jornalístico, quais sejam: a) seleção e preparação de redes e canais para o acesso direto aos acontecimentos; b) controle de relevância dos acontecimentos recolhidos; c) controle dos valores de verdade das enunciações selecionadas sobre acontecimentos; d) hierarquização entre acontecimentos selecionados; e e) preparação das comunicações finais sobre acontecimentos selecionados. Já ao se valer de outro autor, complementa com quatro momentos essenciais da produção: o planejamento, a recopilação, a seleção e a produção (GOLDING, P. & ELLIOT, 1979).

O jornalista deve pensar se conseguirá atrair a atenção do público. Não só é necessário que o tema seja considerado importante ou interessante por parte do jornalista, mas também deve ficar em sintonia com que o público possa vir a considerar também como importante ou interessante (RODRIGO ALSINA, 2009, p.184).

O autor também atenta para o fator da conveniência como peça-chave para o funcionamento da estrutura noticiosa. Trata-se de verificar se a informação está de acordo com as rotinas de produção da mídia, pois as características e limitações dos seus componentes é que determinam a produção das notícias, sobretudo em relação à política editorial e o viés ideológico do meio e a técnica da comunicação. Em síntese, expressa que toda produção informativa se reduz a dois processos: seleção e hierarquização. Contudo, alerta para a necessidade de um mecanismo específico e regulador, a credibilidade, que leva à necessidade de estabelecer um contrato pragmático fiduciário, no qual estabelece ser verdadeiro aquilo que é veiculado pelos meios de comunicação e pelo qual os jornalistas lutam para renovar cotidianamente. “O contrato pragmático fiduciário dos meios de comunicação é um produto histórico da institucionalização e da legitimação do papel do jornalista” (RODRIO ALSINA, 2009, p.199).

A credibilidade, assegurada por um conjunto de processos que constituem a organização noticiosa, verte de uma fonte individual – o jornalista –, inserido no contexto social da redação. A esse ponto, Rodrigo Alsina (2009) introduz três formas pelas quais as estruturas sociais da informação se manifestam: a) as exigências técnicas da redação das notícias; b) o controle da redação; e c) a seleção do pessoal e a socialização. Destes, o terceiro assume maior relevância para a proposta desta tese, sobretudo a socialização do trabalho jornalístico. De um trabalho de Trinchieri (1977b), o autor apresenta uma série de valores e atitudes respaldados pelos jornalistas, dos quais nos interessa o último: a importância do empenho e da capacidade individual como instrumento de autonomia profissional.

Interessante observar que Rodrigo Alsina (2009) contrapõe características de um jornalista da imprensa escrita – dito “ideal” – com as de um teórico da comunicação. O elenco dos 27 atributos ajuda a retirar da teoria algumas virtudes das quais o profissional poderia se valer para encontrar o novo em meio à rotina. São eles: polivalência; combinar qualidade e rapidez; formação multimídia; ser apaixonado pela tecnologia e se adaptar às mudanças; ter facilidade com a informática; ter pré-disposição à formação permanente; ter flexibilidade e mente aberta; possuir visão global do trabalho; ter perspectiva internacional; saber compreender o que acontece na rua (educar a curiosidade); iniciativa e *empowerment*; capacidade para se entusiasmar; interesse por viajar e conhecer idiomas e pessoas; ter uma ambição sadia; assumir o caráter competitivo da profissão; capacidade para continuar sempre se esforçando; saber trabalhar em equipe; cultivar diversas linguagens; batalhar pelo rigor da profissão; criatividade primária (boas ideias) e secundária (saber levá-las à prática); sacrifício

e disponibilidade; saber tomar decisões; resistência física e psíquica; humildade; fazer bem as coisas; concentração e clareza nas ideias; aprender a ouvir.

Seria uma pretensão descabida querer formalizar um conjunto de características capaz de rotular e diferenciar o “bom jornalista” do “mal jornalista”, como o parágrafo anterior pode sugerir. No entanto, a listagem nos auxilia a isolar algumas premissas da atitude do profissional que o impulsionaria a encontrar e desenvolver aqueles fatos de maior impacto, interesse e ressonância social. Adentraremos, então, em uma análise mais detalhada de alguns desses elementos, visto que os demais são autoexplicativos.

A *polivalência*, entendida como múltiplas habilidades, utilidades e atividades, pode ser analisada do ponto de vista da transitoriedade com a qual o jornalista trafega em uma pluralidade de temas e funções. Da essência laboral – interpretar um fenômeno para seu público –, variam as técnicas, as matérias-primas e os consumidores da notícia, cada qual com especificidades que exigem do profissional uma múltipla capacidade operativa. De fato, essa característica poderia ser procedida de dois pontos e seguida pelos demais atributos elencados pelo autor.

No que tange a *formação multimídia*, constata-se um sintoma do Quarto Jornalismo de Marcondes Filho (2002), i.e., as tecnologias de comunicação e informação como segundo elemento transformador da atividade ao longo de sua história. Dessa nova realidade, partem exigências até então inexistentes ao profissional da notícia, como a capacidade de decodificação e transmissão por meios plurais e específicos. É a metamorfose profissional natural que a humanidade vem assistindo em função do seu constante desenvolvimento e cambiamento. Esse novo requisito pode também ser relacionado com a característica seguinte, *ser apaixonado pela tecnologia e se adaptar às mudanças*, parcialmente controversa, por sinal. Afinal, “ser apaixonado” nos transmite um conceito um tanto exacerbado, dúbio, subjetivamente imensurável, que obscurece a clareza ao ser transposto a um cenário de requisitos profissionais. Já o fato de se adaptar às mudanças é *conditio sine qua non* para a sobrevivência no mercado.

Outra característica que vale ser mencionada é a *flexibilidade e mente aberta*. De fato, o jornalismo, assim como qualquer atividade, é constituído por uma sequência operacional, técnica, responsável por assegurar a ordem do proceder mecânico da atividade. O ponto em análise nesta pesquisa, porém, diz respeito à rotina no sentido de um uso comum, uma repetição, uma prática que se tornou semelhante a diferentes veículos (fontes, locais de cobertura, estratégias de coleta da informação). Nesse sentido, há uma controvérsia: a rotina é previsível, enquanto o jornalismo busca surpreender pelo inédito. Eis que entram os valores

individuais do profissional da notícia, entre eles, os citados neste parágrafo. Flexibilidade e mente aberta se constituem como valores fundamentais no sentido de “estar disponível” para colher a novidade que brota em toda parte.

O atributo seguinte em nossa análise – *saber compreender o que acontece na rua (educar a curiosidade)* – aproxima-se do chamado “faro” jornalístico (percepção, intuição, sensibilidade para a notícia), i.e., o jornalista conhecedor experiente do processo de produção da notícia, dos prazos, das exigências da audiência adota postura específica que lhe traga maior resultado. Isso pode ser materializado nas escolhas que adota (quem conversar, onde ir, o que perguntar) e no sentido de dirigir sua curiosidade para aquilo que agregue ao seu trabalho, como o cultivo de determinadas fontes aparentemente insignificantes, e.g.

Análise semelhante se pode fazer em relação à *iniciativa e empowerment*, termo aplicado na administração para representar o ato de delegação de uma atividade (do inglês *empower*: dar [a alguém] a autoridade ou poder para fazer algo). Sobre esse aspecto, Rodrigo Alsina acrescenta a *autorregulamentação*, i.e., não esperar que lhe digam o que tem de fazer. Trata-se, em última análise, de uma autonomia conquistada através da experiência e acúmulo de conhecimentos acerca da sua atividade. A delegação, por sua vez, abrange uma esfera mais gerencial, de mútua responsabilidade, e requer do profissional um maior controle sobre a atividade do outro.

Ligada a esse atributo, o jornalista deve apresentar uma *criatividade primária (boas ideias) e secundária (saber levá-las à prática)*. De fato, trata-se de uma união necessária, pois de nada serve a pura “inspiração” sem a conseqüente “transpiração”. Cabe registrar, assim como no parágrafo anterior, que o processo criativo, para atingir determinado valor intrínseco, requer o fundamento da experiência, ou seja, mais se conhece e se domina a técnica, mais afinada e refinada se torna a criatividade.

Tais características, então, apresentam-se como suficientes para construir um jornalista “ideal”? Por certo que não. Acreditamos que todo elenco de aspectos rígido a respeito de uma forma é válido até certo ponto. Uma vez que o sujeito da nossa análise é um ser humano – por detrás da roupagem profissional – inserido numa dinâmica social, toda categorização sobrevive até a próxima mudança natural do processo evolutivo dos seus agentes. O que se tornaria razoável, isto sim, seria a suposição de valores basilares para constituição de um código deontológico fundamentado em valores humanos capazes de zelar pelo progresso integral do cidadão.

Mesmo assim, torna-se necessário aportar a esta análise uma visão complementar acerca dos atributos do jornalista propostos por Beltrão (1960), especialmente por dois

motivos: a) por sua visão do humano como agente e não objeto da tecnologia, o que infelizmente não se constata em nossa sociedade atual; b) pela raridade e valor de sua compreensão a respeito da função do jornalismo no meio social, ou seja: orientado para impulsionar o homem e a sociedade à ação e ao bem comum. Assim, o autor destaca seis aspectos referentes à atuação do jornalista, que proporciona um ganho na análise que empreendemos sobre os valores deste profissional. São eles: *a vocação do jornalista, a curiosidade comunicativa, a fecundidade jornalística, a objetividade, a descrição e o senso estético*.

Por *vocação do jornalista*, Beltrão (1960) reforça sua concepção da atividade cujo fim levaria o homem e a sociedade à ação, em detrimento de uma prática puramente informativa e de entretenimento. Nesse contexto, o jornalista seria aquele que encontrou sua vocação no servir de porta-voz e intérprete dos fatos sociais. Para definir *vocação*, vale-se de Marañon (1958), segundo o qual esta seria um servir ao objeto da vocação e não uma condição platônica, inerte. Beltrão, inclusive, aponta os elementos capazes de despertá-la.

É pela formação cultural, pela sedimentação dos conhecimentos técnicos, pela prática do ofício [...], pela glória que perseguimos ou pelas vantagens materiais que colhemos – que se revela esta aptidão, que aqueles dons vêm à tona [...] (BELTRÃO, 1960, p.160).

Outro atributo de sua análise em relação ao profissional da notícia trata da *curiosidade comunicativa*, que seria o primeiro atributo do autêntico jornalista. Para o autor, ela se difere da curiosidade pura e simples porque se reveste de um desejo de passar adiante a informação obtida, ajuntando-lhe dados novos e comentários. Para explicitar sua visão, compara a reação de três personagens diante de uma ocorrência: o homem comum, o intelectual e o cientista e o jornalista. Enquanto o primeiro para, informa-se e segue seu caminho, o segundo faz o mesmo, quando muito retira inferências particulares ligadas à sua ordem cultural, mas o terceiro é singular:

A sua parada é mais longa ou mais intensa; a informação que colhe é mais completa e tem aplicação imediata porque ele lhe dá forma, julga-a, pesa-a, não em função dos seus próprios interesses mas da sociedade de que se sente receptor e transmissor [...]. Para ele, o fato tem um sentido que é preciso captar, definir, situar, comparar com outros, classifica-lo pela sua maior ou menor importância e, finalmente, exprimi-lo, divulgá-lo, comunicá-lo (BELTRÃO, 1960, p.161).

Em seguida, o autor prossegue para a *fecundidade jornalística*, ou seja, a capacidade de reconhecer o fato e mesmo provocá-lo e juntar-lhe os elementos que irão transformá-lo, da

mesma forma como um feto se transforma num ser definido e completo. Para isso, explica, faz-se necessário um processo específico, e ao jornalista cabe a missão de adquirir conhecimentos, possuir cultura geral e informar-se sobre o que ocorre pelo mundo, para que a sua mente seja a média aritmética das mentalidades às quais se dirige.

A fecundidade jornalística está em possuir o profissional um regular lastro cultural e uma agilidade mental que lhe permitam encontrar os conhecimentos necessários no momento preciso, no instante mesmo em que o seu instinto lhe indica haver concebido (BELTRÃO, 1960, p.163).

No que diz respeito à *objetividade*, torna-se prudente, pois admite a dificuldade de se manter fiel à realidade tal como se manifesta. Aliás, neste tópico o autor não aprofunda o argumento – sabidamente complexo – e se limita a pincelar orientações máximas para uma prática de valor. Beltrão, então, defende que a objetividade, o apego à verdade, ao realismo e ao sucedido são – ou deveriam ser – traços marcantes da personalidade do jornalista. Contudo, mostra-se ciente da dificuldade em se ter acesso aos fatos em primeira mão, muitas vezes dependendo do relato de terceiros.

Outro traço, a *discrição*, é entendido como aquele elemento que “evita pareceres e juízos precipitados, que podem deflagrar revoltas e iras e de cujas repercussões na opinião o jornalista se pode arrependar tardiamente” (BELTRÃO, 1960, p.167). Trata-se, na verdade, de uma capacidade de equilíbrio, uma vez que o jornalista tem a obrigação profissional de divulgar qualquer notícia comprovada que lhe chegue ao conhecimento, ao mesmo tempo em que necessita prever as consequências sociais dessa divulgação.

Por fim, inclui o *senso estético* no rol de valores dos quais o jornalista deve se nutrir. Para “acertar na ação”, como aponta, o senso estético seria a medida de equilíbrio de valores que condiciona seu comportamento profissional, mantendo-se fiel aos princípios de correção (igual distância entre o preciosismos e o vulgarismo), de clareza (fugindo ao simbólico e ao metafórico), de unidade (mediante a ordenação das ideias numa sequência lógica), de precisão, de energia (fixando expressões ou detalhes essenciais) e de harmonia (adotando ritmo próprio de linguagem, de molde, a evitar dissonâncias e choques).

Somente nestas condições, o jornalista realiza obra estética e neste afã é que jamais o poderá alcançar a máquina, jamais o poderá substituir o servo-mecânico, jamais o poderá violentar qualquer regime social estritamente materialista (BELTRÃO, 1960, p.170).

Ainda ligado a este último atributo, o autor traça um breve resgate histórico-evolutivo da atividade jornalística, cujas primeiras manifestações eram puramente utilitárias,

respondendo a exigências primárias da vida social; depois identifica uma fase de alegre despreocupação, com enredo e maledicência amável e inconsequente; passando então a uma época boêmia, de quase irresponsabilidade; até desaguar num modelo mais organizado e consciente de seu valor social:

Somente há pouco mais de um século é que o jornalismo e o jornalista iniciaram a sua batalha de aperfeiçoamento, de fixação de metas a serem ultrapassadas, de superação do empirismo para um enquadramento ético e estético, um planejamento filosófico e sociológico que responde não só a reclamações primárias e meramente utilitárias mas a necessidades do espírito do homem, com tempo para viver e para pensar (BELTRÃO, 1960, p.170).

A intenção, reforçamos, não é criar um elenco das características necessárias para se enquadrar em determinada categoria profissional, mas lançar luz para a exigência de valores no construtor da notícia a fim de oferecer um percurso para se atingir uma prática qualitativa, i.e., noticiar aqueles fatos que causam maior ressonância social e que se apresentam como serviço ao progresso do cidadão, baseado em critérios que portem os sujeitos recebedores da informação a uma maior consciência social do contexto em que vivem e, como sublinhou Beltrão (1960), conduzir o homem à ação. Dessa forma, busca-se a atitude para passar de um jornalismo como *burocracia intelectual* para um conceito de *aventura intelectual*, que afrontaremos a seguir.

2.1.3 Da burocracia à aventura

Se a prática jornalística, assim como a concebemos hoje, configura-se como uma atividade rotineira, assegurada por processos de produção bem definidos que, muitas vezes, dificulta o descobrimento de uma informação de valor e ressonância social, até que ponto se torna factível e concreto o exercício de estratégias operacionais a fim de desvelar uma novidade de impacto? Com esse questionamento, não entendemos partir ao encontro do elemento salvador que daria ao jornalismo o mesmo teor praticado na época da Revolução Francesa. Mesmo porque a atualidade social, provavelmente, não comportaria aquele modelo. Buscamos, isto sim, identificar até que ponto ainda há aventura, espontaneidade, criatividade nas atividades jornalísticas que sabemos que se tornaram burocratizadas. Não a aventura pela aventura, como um ato irresponsável e de puro divertimento por parte do jornalista, mas atrelada, conexa e dirigida a um resultado hoje impossível às práticas de rotina, i.e., se eu, jornalista, não encontro a novidade de valor nos canais rotineiros atuais, que estratégia ou

atitude adotar para sair do padrão e ter acesso a matérias-primas mais valiosas para execução do meu trabalho?

No esforço de situar uma atitude oposta, um contra-hábito se assim podemos definir, da práxis estabelecida pelas rotinas que constituem o desenvolver jornalístico na atualidade, buscamos no conceito de aventura aquele elemento instigante de abertura e respiro criativo capaz de conduzir o operador da notícia a perseguir o novo em meio ao costumeiro cenário cotidiano. Em contraponto ao conceito de “burocracia intelectual”, identificamos em Simmel (1986) que o conceito de aventura é caracterizado e distinto de todos os fragmentos da vida pelo fato de que algo isolado e acidental seja capaz de responder a uma necessidade e abrigar um sentido. Nela, explica, conduzimo-nos de maneira a confiar na oportunidade volátil, no destino e no incerto. Cortamos as pontes que ficam para trás e penetramos na névoa, constituindo o típico “fatalismo” do aventureiro.

O aventureiro confia, de algum modo, em sua própria força, porém, antes de tudo, confia em sua sorte e, na realidade, de uma combinação extraordinariamente indiferenciada de ambas. A força, da qual está seguro, e a sorte, da qual está inseguro, se fundem nele subjetivamente, porém em um sentimento de segurança (SIMMEL, 1986, p.18).

Assim que o aventureiro possui um traço de “genialidade”, pois a natureza do gênio consiste em manter uma relação direta com aquelas unidades ocultas, converte o mais inseguro e incalculável em premissa de sua ação, resultando numa “segurança sonâmbula” com que conduz sua vida. Por isso, o aventureiro constitui também o exemplo mais alto do homem a-histórico, da criatura do presente. No entanto, encontramos-nos mais desamparados na aventura, entregamo-nos com menos reservas do que nas relações unidas através de mais pontes com a totalidade da nossa vida no mundo, que nos protegem de choques e perigos.

Nesse sentido, somente os conteúdos que se desenvolvem não podem ser caracterizados como aventura, mas apenas quando existe certa tensão do instinto vital através do qual se realizam estes conteúdos. Por isso, superar um perigo mortal ou conquistar uma mulher com um pouco de sorte, não são suficientes para identificar a aventura. Em síntese, a aventura constitui uma forma do experimentar, é a radicalidade que se sente como tensão da vida mesma, como expoente do processo vital. Somente quando as tensões que caracterizam a aventura se tornam tão poderosas que dominam a matéria em cujo seio se desenvolvem, produz-se a aventura. Assim nos constituímos aventureiros da terra.

Reunindo os argumentos tratados até este subcapítulo, também foi possível pincelar alguns dos elementos que ajudaram a construir a realidade rotineira da produção da notícia.

De um jornalismo movido pelo impulso libertário e objetivando iluminar o que a igreja e o poder constituído obscureciam, a atividade se enquadrou nas normas e parâmetros estabelecidos pelo modelo empresarial de trabalho, tornando o jornalista um assalariado que contrapõe a figura precursora dessa vocação. Importante registrar, de toda forma, que tal verificação não se qualifica como uma crítica saudosista a um modelo hoje inexistente – que prontamente teve sua relevância e valor. A metamorfose social exige a adaptação e constante mudança de seus membros para, assim, assegurar a funcionalidade e relevância de seu serviço no dia a dia. O que se pretende é partir da realidade atual da atividade para provocar uma reimpostação de valor por parte do jornalista, i.e., encontrar o ponto que convalida a inteligência da atividade para o desenvolvimento social. E nisso também encontramos apoio em Pena (2005), que esclarece não serem deterministas, uniformes e imutáveis os pressupostos de rotinização do trabalho. Para o autor, há espaço de manobra para os jornalistas, e estão localizados na interação com os agentes sociais.

A rede de fontes, a capacidade de negociação e um talento para a investigação são trunfos utilizados para demonstrar que o processo de produção das notícias é interativo. Depende das rotinas profissionais, mas também de iniciativas dos jornalistas e de demandas da sociedade, entre outros fatores (PENA, 2005, p.132).

Dessa forma, o *focus* se desloca do aparato rotineiro constituído pelo desenvolvimento e transformação que a atividade passou ao longo dos séculos e recai na figura do jornalista, capaz de respeitar e jogar de acordo com as regras estabelecidas, mas se valer de habilidades e capacidades tipicamente humanas para, na relação e negociação com suas fontes de informação, extrair novidade que desperta o interesse público, reforçando a égide da atividade como serviço qualificado para o social.

Para o término deste capítulo, desenvolveremos a seguir os argumentos aportados por estudiosos da comunicação a respeito do *newsmaking*, que, nas pesquisas, engloba os conteúdos da nossa tese. As passagens e autores pretendem situar em nosso trabalho o arcabouço teórico das *communication research*.

2.1.4 O *newsmaking* como construção social da realidade

No início do século 20, as pesquisas em comunicação começaram a investigar a produção da notícia, sobretudo com a pergunta “por que as notícias são como são?”. Entre os estudos possíveis de destaque nesse esforço estão a tese de doutorado sobre o papel social do

jornal apresentada em 1910 na Universidade de Chicago, os escritos sobre as notícias por Max Weber em 1918 e o estudo sobre a natureza das notícias conduzido pelo sociólogo norte-americano Park em 1922. Durante os anos 40, as pesquisas de Lazarsfeld se debruçaram sobre a influência da campanha eleitoral sobre o voto dos cidadãos americanos e, na década seguinte, White aplica ao jornalismo o conceito de *gatekeeper* (VIZEU, 2003).

Importante salientar que, na década de 50, a investigação é essencialmente quantitativa e a metodologia dominante é a análise de conteúdo. Mas é nos anos de 1970 que se desenvolve o ponto de virada entre a teoria vigente (do espelho, segundo a qual o jornalista é definido como observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em emitir opiniões pessoais) e a abordagem sociológica do jornalismo, especialmente com a técnica da observação participante, com entrevistas e questionários. O pesquisador passa a estar presente no ambiente que serve de objeto de estudo, com hipóteses de pesquisa orientadas segundo aceitações teóricas precisas, até o ponto de se atingir o estágio de *going native*, i.e., o pesquisador torna-se um dos observados (WOLF, 2009). Essa abordagem etnometodológica permitiu considerar o jornalismo como uma construção social de uma suposta realidade – e não apenas o simples reflexo do real – e obter informações sobre as rotinas de produção que atuam na indústria da mídia.

Esses pressupostos estão contidos no modelo teórico do *newsmaking*, que estuda as práticas unificadas na produção da notícia realizada pelas empresas jornalísticas para colocar ordem no tempo e no espaço, e se preparar, assim, diante da imprevisibilidade dos acontecimentos (PENA, 2005). Um complemento para melhor compreensão do termo articula-se em dois binários: a cultura profissional dos jornalistas; a organização do trabalho e dos processos de produção. Do conjunto desses elementos, determina-se um apanhado de critérios de relevância que definem a noticiabilidade (*newsworthiness*) de cada evento.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia. [...] Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2009, p.195-196).

A aplicação da noticiabilidade se baseia nos valores-notícia, que é um dos seus componentes. Representam a resposta à pergunta: quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes, para serem transformados em

notícias? Funcionam em conjunto, com diversas relações e combinações, mas não estão presentes apenas na seleção da notícia, também permeiam os procedimentos posteriores. Os valores-notícia derivam de considerações relativas a: a) os caracteres substantivos das notícias; o seu *conteúdo*; b) a disponibilidade do material e os critérios relativos ao *produto* informativo; c) o *público*; e d) a *concorrência*.

Os critérios substantivos se articulam na importância ou no interesse da notícia, determinados por quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve; relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

Os critérios relativos ao produto dizem respeito à disponibilidade, i.e., quanto o evento é acessível aos jornalistas e possa ser tratado nas formas jornalísticas. Nesse contexto, entram em jogo a brevidade, a novidade, a qualidade da história e o balanceamento (composição equilibrada do noticiário em seu conjunto).

No que tange os critérios relativos ao meio, o autor apresenta a possibilidade de a informação – no caso, a televisiva – oferecer bom material visual; seguido pela frequência, que se relaciona com características do meio informativo; e pelo formato, i.e., limites de espaço e tempo que caracterizam o produto jornalístico. O autor também salienta que os critérios relativos ao público tratam do papel que reveste a sua imagem, compartilhada pelos jornalistas, e os critérios relativos à concorrência, que influenciam a ação do jornalista em relação a outros veículos.

Rodrigo Alsina (2009), por sua vez, apresenta um complemento a essa especificação dos critérios para a seleção dos acontecimentos que se tornarão notícia. Ao estudar Lempen (1980), identifica dois critérios de seleção que, a nosso ver, confluem, mas que também enriquecem a análise empreendida por Wolf (2009). O primeiro se refere ao princípio da autoridade daquele que emana mensagens, i.e., alguém reconhecido por parte substancial da sociedade, seja em campo político, econômico, cultural, científico etc. Trata-se de uma discriminação dos indivíduos que terão acesso aos meios de comunicação e que a própria mídia acaba consolidando. O segundo, por sua vez, trata do princípio do papel social, que justamente complementa o da autoridade. Nesse caso, o valor da informação depende da origem social do indivíduo e do papel que desempenha na sociedade e tudo aquilo que não possui uso social fica fora e se limita à comunicação interpessoal.

Outra realidade que se constitui a partir das práticas unificadas na produção da notícia é a sistematização do trabalho jornalístico. Pena (2005) a avalia numa trilogia organizacional: a divisão de tarefas (pauteiros, repórteres e editores), a divisão em editorias e o processo industrial (hora de fechamento e cartão ponto). Tudo para satisfazer as fases da produção cotidiana, segmentadas por coleta, seleção e apresentação, que serão aprofundadas a partir de agora.

Wolf (2009) nos introduz em uma visão bastante crítica a respeito do momento da coleta da informação. Em seu resultado de pesquisa, indica que o percurso foi invertido, i.e., em vez de os jornalistas buscarem as notícias, hoje são as notícias que “buscam” os jornalistas, especialmente no contexto de produção televisiva. O autor deixa claro a integração entre procedimentos de coleta e os valores/notícia, que ocorrem quase simultaneamente, como se o jornalista selecionasse aquilo que respondesse a uma exigência pré-existente. A crítica, no entanto, reside no que resta de seu trabalho: “[...] a estruturação do trecho e o ‘corte da notícia’ são, em grande parte, predeterminados na fase de coleta, e o jornalista se limita a uma função de ajuste marginal” (WOLF, 2009, p. 230). Aqui ressalta o caráter passivo do profissional da notícia, que teria parte de seu trabalho amputado em nome de características atualmente enraizadas no processo de produção da notícia. Entre elas, a exigência em se ter notícias suficientes.

Vislumbra-se, assim, a formação de uma circularidade uma vez que os canais de coleta já se encontram estruturados em função de avaliações sobre sua noticiabilidade – que acabam por reforçar os critérios de relevância. Nesse processo de retroalimentação, o tipo de cobertura informativa é marcada pela natureza regular, planejada e repetitiva desse tipo de canais e, sobretudo, pelo caráter insubstituível das fontes institucionais. “Este [trabalho rotineiro] produz uma limitação e uma redução substanciais [...] dos possíveis canais de coleta [...] e prevalecem também os procedimentos que satisfazem contemporaneamente mais exigências” (WOLF, 2009, p. 232). Entre esses requisitos, o autor elenca a racionalização do trabalho, a redução dos custos, a redução dos tempos, a fidedignidade de quem fornece os materiais, a oficialização das fontes, o impedimento das pressões externas, a redução das necessidades de controle, entre outras.

Para encarnar o processo de coleta, são apresentadas três instâncias da produção jornalística que servem de farol para onde o jornalista olha quando decide construir sua notícia. Cabe advertir que uma delas, as fontes de informação, serão aprofundadas no segundo capítulo, por isso ateremo-nos às agências de notícia e ao memorando. As grandes agências de imprensa constituem a fonte mais ilustre de materiais noticiáveis. Por sua relevância no

processo de construção da notícia, é apresentada pelo autor como um dos elementos importantes da etapa de coleta da informação.

Três são as conveniências que elas oferecem às redações: a) econômica, cujo uso acaba determinando uma forte homogeneidade e uniformidade sobre as definições daquilo que faz notícia – especialmente porque os custos de se enviar um correspondente ao exterior se apresentam como maior; b) reforço dos critérios de noticiabilidade, provocado pela função insubstituível das agências internacionais; e c) funcionam como primeiro sinal de alarme às redações, que agirão a partir da sua informação, i.e., as agências dão o primeiro conhecimento em base ao qual se articulará todo o trabalho dos jornalistas.

Como em um resgate histórico que auxiliar a compreender as motivações que fizeram surgir as agências de notícia no mundo, encontramos em Tuchman (1978) o momento norte-americano de crescente competitividade entre os veículos de comunicação em busca de anúncios e consumidores. Para atrair novos públicos – e inclusive roubá-los de outros veículos – a imprensa popular do século 19 buscava o “furo”, enviando repórteres para capitais nacionais onde poderiam conseguir uma história. E foi justamente a limitação técnica dessa motivação que originou a *Associated Press*, para combater as exigências do correio expresso e o poder das companhias de telégrafo, que cobravam altas taxas e até mesmo limitava seu serviço.

Também os profissionais da mídia definem critérios e avaliações de fidedignidade e de respeitabilidade em relação às agências de notícia, definidas pela experiência passada, por funcionalidades práticas, por avaliações subjetivas e por inúmeros outros fatores, que discriminam diversos graus de noticiabilidade.

[...] tanto as agências de notícia quanto as de serviços filmados enfatizam mais a tendência à programação do trabalho [...] do que o jornalismo de pesquisa, de ‘descoberta’ dos fatos, de aprofundamento dos eventos e de seus contextos (WOLF, 2009, p. 249).

Apesar de não ser bem-visto pelos jornalistas, o memorando se apresenta como outro componente da rotina organizada. Trata-se de um elemento formado pela agenda que enumera os eventos que acontecerão e cuja noticiabilidade é dada por conhecida. São acontecimentos previstos por tempo, que entram na esfera político-institucional-administrativa ou judiciária e permitem organização com antecedência dos aparatos de informação. “Representam quase o oposto da imagem que a profissão fornece de si mesma e atribuem ao jornalista uma função passiva de cotejador de fatos previstos, que vencem antecipadamente” (WOLF, 2009, p. 250).

Em Tuchman (1978), é possível encontrar a gênese dessa realidade. Como decorrência do surgimento das agências de notícia nos Estados Unidos no século 19, duas novas práticas simbolizaram posições-chave do serviço de telegrama como alimentadores da mídia: *rip and read* (copiar e ler, em tradução livre), na qual emissoras de rádio e de televisão coletavam a informação das agências noticiosas e as liam no ar sem qualquer modificação, e o *Day Books*, que listava o que supostamente ocorreria na cidade naquele dia e permitia à organização midiática escolher se cobriria o ocorrido por conta própria ou se utilizaria do serviço da agência.

A atualização tecnológica vivida pelos meios de comunicação na produção da informação se constitui como fator de reforço à atual engrenagem do trabalho jornalístico. As redações se encontram cada vez mais preparadas para dar informações em tempo real, fato este que, porém, incide diretamente na escolha das fontes, especialmente as institucionais. “O conjunto desses elementos contribui para uma tendência geral à *estabilidade* da cobertura informativa, e também para a falta de flexibilidade por parte dos aparatos, tendência que o uso do memorando ilustra bem” (WOLF, 2009, p. 252) [grifo do autor]. A partir de um estudo de Schlesinger (1978), o autor relata a existência de um novo fenômeno oriundo dessa realidade “cotejadora” da mídia, o *advanced diary*, que indica expectativas estáveis daquilo que provavelmente fará notícia.

Já em relação à fase de seleção da informação, pode-se compará-la a um funil ou a uma sanfona, uma vez que muitos dados são colocados e apenas poucos passam pelo filtro ou então notícias são inseridas no último momento ou deslocadas. Contudo, o fluxo do material da seleção já se encontra regulado e estabilizado de maneira consistente, com objetivo de organizar racionalmente o trabalho e torná-lo rotineiro e por ser congruente com o conjunto de valores-notícia.

[...] não se pode explicar a seleção apenas como escolha subjetiva do jornalista (mesmo que motivada profissionalmente), mas é necessário vê-la como um processo complexo, que se desenvolve ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado por instâncias diferentes (das fontes a cada redator) e com motivações que não são todas imediatamente reconduzíveis à necessidade direta de escolher quais notícias difundir (WOLF, 2009, p. 255).

A seleção não é motivada apenas por sua relevância, mas também por sua eficiência, pois permite aos jornalistas a distribuição de três recursos escassos: a equipe, o formato e o tempo de produção.

A última etapa em relação às fases de produção cotidiana é a edição e apresentação das notícias. Enquanto nos outros momentos os acontecimentos eram descontextualizados do seu âmbito social, histórico, político e cultural em que ocorrem, nessa fase há uma

recontextualização, mas adaptada ao formato do noticiário. Assim, de um lado verifica-se a extração dos acontecimentos do seu contexto, de outro a sua reinserção no formato do produto informativo.

Os principais pontos destacados pelo autor dizem respeito à edição – e destaque de determinados momentos da mensagem – e à imagem do público elaborada pelos jornalistas. No primeiro, sua função é dar início, meio e fim ao acontecimento para respeitar a produção da atividade informativa.

A edição destina-se, portanto, a dar uma representação sintética, necessariamente breve, visivelmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia: imposta pelas exigências e pelas técnicas de produção, transforma-se em algo diferente e a mais. Torna-se um modo de condensar, de focalizar a atenção em algumas partes do acontecimento (*highlighting*) e, presumivelmente, traduz-se numa maneira semelhante de receber, decodificar e memorizar as informações recebidas (WOLF, 2009, p. 260).

O *highlighting* se trata da seleção dos traços salientes do acontecimento, e.g., filmar imagens que acompanham uma notícia já tendo em mente a possível montagem que será feita. O fenômeno também se evidencia em termos de áudio, salientando aquilo que convir.

Wolf (2009) critica os procedimentos – *highlighting* como modalidade da edição e edição para encaixe na matriz do noticiário – ao escrever que prejudicam as tendências inerentes à dinâmica social. Essa distorção, assim, teria um efeito cumulativo, i.e., as fases de produção concorrem para reforçar a distorção involuntária, independente da intencionalidade do jornalista, ligada à organização das estruturas informativas e do trabalho redacional.

Ao abordar a imagem do público elaborada pelos jornalistas, o autor aponta dois fatores: uma espécie de profecia que se autoverifica e a falta de *feedback* de quem recebe a informação. Assim, os jornalistas não se utilizam dos dados a respeito do público, mas parecem valorizar mais a sua compreensão e capacidade para compreender os termos utilizados nos noticiários.

Com o breve panorama teórico resgatado até aqui, foi possível registrar alguns elementos a respeito do fazer jornalístico. São lucubrações, críticas e apontamentos de pensadores que ajudam a formalizar características de produção da atividade. Certamente poderiam ser enriquecidas e complementadas por outros autores, mas nossa proposta foi oferecer uma síntese com os elementos coligados ao nosso foco de estudo. Dessa maneira, acreditamos situar nosso estudo na rica pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o século passado no campo da comunicação e extrair dela proposições de valor que deem significado para o rumo da nossa tese.

2.1.5 As fontes de informação jornalística

Outro recurso do qual o jornalista se vale no processo de coleta de informação é sua relação com a fonte. As interações, contudo, são complexas e indiretas – apesar das diferentes classificações e extensas abordagens de estudos que agora serão apresentadas, que tendem a construir uma imagem de relação mecânica, rígida e suficientemente bem analisada. Inicia-se, aqui, um esforço em apresentar a conclusão de diferentes pesquisadores que se debruçaram no estudo das fontes de informação para oferecer um panorama abrangente e, muitas vezes, interligado, e que sirva de passagem a uma particularidade muito cara a este texto: a negociação.

A revolução das fontes (CHAPARRO, 2007) pode ser elencada como um dos aspectos que causou impactos profundos no processo de produção da notícia. A profissionalização, contudo, não se refere a um fenômeno assaz recente, pelo contrário. Já na década de 70 do século passado, Molotch e Lester (1974) consideravam as fontes promotoras (*news promoters*), capazes de realizar um acontecimento e endereçá-lo aos jornalistas (*news assemblers*), que preparariam a notícia para ser observada pelos leitores (*news consumers*). A análise alertava para a não passividade da fonte de informação, i.e., percebia-se o florescer de um campo de estudo marcado pela negociação, pelo confronto de interesses, que permitiria trilhar novos caminhos no estudo da relação jornalista-fonte. Ao longo da segunda metade do século XX, novas pesquisas sobre o tema ganharam corpo, sobretudo com as análises de Hall et. al. (1978), Gans (1979), Tuchman (1991), Schlesinger (1992), Tixier-Guichard e Chaize (1993), Pinto (2000), Lage (2001), entre outros, que buscaram identificar e classificar as fontes de informação segundo o seu contexto histórico num esforço que contribuiu para a consolidação de um ramo de análise nas *communication research*.

Na concepção de Chaparro (2007), os sujeitos institucionalizados se capacitaram para interferir na pauta jornalística e utilizá-la como espaço público para agir e interagir no mundo. Como bem frisa Gomis (2004, p.103), “[...] os fatos a que se dará forma de notícia foram previamente escolhidos e isolados dos processos, de alguma ‘ação em marcha’, pelos interessados em que o fato seja conhecido”. A notícia, então, torna-se um palco no qual se enfrentam mais elementos que simplesmente duas entidades.

Para este autor, de fato, a fonte fundamental das informações que ocupam os meios de comunicação são esses interessados, como que num acordo entre o meio, que precisa da notícia, e a fonte, que deseja que se saiba algum fato. Assim, defende: “A imagem da atualidade é uma combinação dos fatos que as fontes interessadas (às vezes contrapostas)

fornece e a impassibilidade e relativa neutralidade com que os meios os apresentam, pensando no público ou na audiência” (GOMIS, 2004, p.106). Sua dica, portanto, é ler as notícias se perguntando quem contou o fato e com que interesse.

Ainda em seu argumento, poder-se-ia questionar se o tom informativo e despedido de qualquer emotividade ou afeto linguístico do jornalismo seria capaz de neutralizar e universalizar a seleção das notícias. Em parte sim, segundo o autor. Contudo, não significa que a origem da notícia não seja geralmente interessada. Trata-se, no fundo, de uma crítica aportada por Gomis (2004) ao uso de fontes “autorizadas”, de “meios diplomáticos”, de “fontes próximas”, cuja solução reside na responsabilidade dos meios em verificar não apenas a quem o fato beneficia, mas também a quem prejudica. “A notícia é uma interpretação de um fato, mas a interpretação da notícia se faz melhor se nos perguntarmos a quem beneficia ou prejudica, como pista para averiguar quem pode ser a verdadeira fonte” (GOMIS, 2004, p.106).

Os interessados passam a ganhar mais luz nas pesquisas em comunicação, e esse fenômeno pode ser engrenado à visão de Hall et. al. (1978), segundo os quais a mídia não cria as notícias de forma autônoma, mas elas são sugeridas por relevantes fontes institucionais. Para os pesquisadores, as próprias regras que visam preservar a imparcialidade da mídia – como a oficialidade das declarações, a representatividade das instituições consultadas e a qualificação do especialista – servem para orientá-la nas definições de realidade social. Assim, a mídia tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder na ordem social institucional, uma vez que essa mecânica permite às instituições estabelecer a definição inicial ou primeira interpretação do tópico em questão, ou seja, tornam-se definidores primários que comandam o campo em todos os argumentos subsequentes e definem os termos de referência.

A mídia não simplesmente “cria” as notícias; nem simplesmente transmite a ideologia da “classe dominante” em uma moda conspiratória. De fato, sugerimos que, num sentido crítico, frequentemente a mídia não é um “definidor primário” das notícias em geral; mas seu relacionamento estruturado com o poder tem o efeito de fazê-la desempenhar um crucial mas secundário papel na *reprodução* das definições daqueles que têm acesso privilegiado à mídia como “fontes acreditadas”. Nesse ponto de vista, no momento da produção das notícias, a mídia fica em uma posição de subordinação estruturada em relação aos definidores primários (HALL *et. al.*, 1978, p. 59).

Outros autores tendem a reforçar as conclusões dos pesquisadores britânicos quando escrevem que “a rede de fontes [...] reflete, de um lado, a estrutura social e de poder existente e, de outro, organiza-se na base das exigências colocadas pelos procedimentos de produção” (WOLF, 2009, p.235). Aquelas que se encontram às margens dessas determinações pouco

podem influir na cobertura jornalística e um dos nós que provocam a distorção estrutural e sistemática da informação pode residir num conjunto de razões ligadas aos ritmos de trabalho, à forma do profissionalismo e aos valores culturais compartilhados. “Sendo assim, esta [distorção] pode ser atribuída não a determinações ideológicas simplistas ou a manipulações conscientemente perseguidas, e sim a um conjunto interligado de causas [...]” (WOLF, 2009, p.241).

Já o conceito de “primeira definição” será rebatido por Schlesinger (1992), que o substitui pelo de “ação estratégica”. Nessa concepção, os atores culturais, na competição pelo espaço público midiático, utilizam suas diferentes formas de capital como recursos suscetíveis de aumentar seu capital futuro. Trata-se da tentativa do autor em criar um modelo operativo a partir do conceito de campo intelectual de Pierre Bourdieu.

No âmbito da relação entre jornalistas e fontes, pesquisadores como Tixier-Guichard e Chaize (1993) destacam a existência de culturas que se interpenetram, cada qual com seus interesses. Para os autores, a instituição mente “honestamente”, utilizando-se de técnicas específicas e até mesmo da omissão para determinadas situações com objetivo de domesticar e gerir a imprensa. Essa proatividade das fontes abre espaço para a distinção apresentada por Wolf (2009), quando separa fontes verdadeiras e agências de informação. Segundo o autor, estas últimas – ao citar Cesareo (1981) – configuram-se como empresas especializadas que se situam num estágio avançado do processo de produção.

O entendimento de uma cultura partilhada também é indicado por Blumler e Gurevitch (1995). Apesar de desempenharem papéis diferentes, jornalistas e fontes (no caso de seus estudos, a fonte política) estabelecem uma relação de dependência adaptável, que inclui valores/notícia como imparcialidade, objetividade, respeito pelos embargos, anonimato das fontes e confidencialidade do *off-the-record*. Critérios semelhantes e de ambas as partes também são elucidados por Molotch e Lester (1974, p.59), dos quais resulta a realidade social construída pela notícia.

As notícias são, em primeiro lugar, resultado de um processo comunicacional entre jornalistas e fontes. Desta interação específica resulta a realidade construída socialmente pela notícia. A notícia é resultado deste diálogo, onde jogam confiança e desconfiança. Assim como o jornalista tem seus critérios de definição da sua rede noticiosa, as fontes têm seus critérios de definição da sua rede de mediação, onde valores semelhantes entram em jogo: credibilidade, produtividade, confiança, disponibilidade etc.

Santos (1997) considera que os estudos de Gans (1979) representam uma virada no entendimento da ligação entre fonte noticiosa e jornalista, indicada como um “cabo de

guerra”. Para o autor, que estudou o comportamento dos jornalistas nos veículos *CBS*, *NBC*, *Newsweek* e *Time*, do ponto de vista das fontes, existem quatro fatores que determinam o acesso aos jornalistas: os incentivos, o poder das fontes, sua capacidade de fornecer informações fidedignas e sua proximidade social e geográfica dos jornalistas. Além disso, elenca seis fatores de conveniência na utilização das fontes: adequação passada, produtividade, confiança, confiabilidade, oficialidade e expressividade. O autor oferece uma primeira definição: “Ao mencionar fontes, refiro-me aos atores que os jornalistas observam ou entrevistam, incluindo entrevistados que aparecem na televisão ou são citados em artigos de revistas, e aqueles que apenas fornecem informação de base ou sugestões de história” (GANS, 1979, p.80). Em Wolf (2009), encontramos que a eficiência é um dos principais elementos observados pelo jornalista, que permite concluir um produto informativo dentro de um dado período e com meios limitados, e que o caráter fidedigno da informação é o mais valorizado:

A capacidade de fornecer informações fidedignas é maior para as instituições, organizações ou aparatos que podem programar sua atividade a fim de satisfazer a necessidade contínua da mídia de ter eventos para cobrir com prazos estabelecidos em precedência (portanto, de maneira que possa organizar racionalmente a distribuição dos meios e recursos disponíveis) (WOLF, 2009, p.235-236).

Outro acréscimo de importância em relação à fonte é feito por outro estudo de Sigal (1986). Para o autor, mesmo que um jornalista esteja em posição de testemunhar um acontecimento – recordemos Lage (2001), ao introduzir que “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta” (p. 49) –, ele sente necessidade de recorrer a outras fontes. A partir de um estudo em jornais durante um período de 20 anos, Sigal também concluiu que as fontes oficiais (governantes, responsáveis de empresas ou outras instituições) representam maior valor de aceitação, enquanto que as pessoas desconhecidas raramente são encontradas nas notícias.

Essa dependência das organizações jornalísticas em relação às fontes legitimadas também é tratada por Tuchman (1991), que estuda o valor da fonte autorizada e conclui que sua afirmação é sempre considerada um acontecimento, reforçando, de certa forma, a compreensão já citada de Molotch e Lester (1974) de “promotores”.

As fontes, agora com estratégias e táticas bem determinadas (PINTO, 2000), podem ser responsáveis por aquilo que Chaparro (2007, p.14) definiu “Revolução das Fontes”:

As fontes, hoje são sujeitos institucionalizados, se capacitaram para produzir acontecimentos noticiáveis. Aprenderam a gerar conteúdos e a interferir na pauta jornalística. E transformaram o jornalismo em espaço público dos conflitos em que se movimentam, usando-o para agir e interagir no mundo, à luz dos seus interesses, provavelmente legítimos.

No que se refere à tipificação e classificação das fontes, Pinto (2000) apresenta as seguintes taxonomias: a) segundo a natureza; b) segundo a origem; c) segundo a duração; d) segundo o âmbito geográfico; e) segundo o grau de envolvimento nos fatos; f) segundo a atitude face ao jornalista; g) segundo a identificação; e h) segundo a metodologia ou a estratégia de atuação.

Outra matriz das fontes é elencada por Schmitz (2011), que propõe uma classificação a partir do estudo de pesquisadores e de informações dos manuais de redação dos principais jornais brasileiros, dividindo-a em categoria, grupo, ação, crédito e qualificação. A Folha de S. Paulo (2001, p.37), ao apresentar a sua classificação, introduz: “Hierarquizar as fontes de informação é fundamental na atividade jornalística”. No manual de redação do periódico, é possível distinguir quatro tipos de fontes: fonte tipo zero, fonte tipo um, fonte tipo dois e fonte tipo três. E Chaparro (2007), na sua iniciação à teoria das fontes, classifica-as em sete tipos: organizadas, informais, aliadas, de aferição, de referência, documentais e bibliográficas. Após sua classificação, Schmitz (2011, p.9) também propõe uma definição:

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, creíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.

O resgate teórico permitiu vislumbrar o papel ativo e estratégico que as fontes de informação desempenham para conquistar seu espaço de visibilidade na agenda jornalística. De fato, verifica-se a inexistência de uma relação linear, neutra e transparente na passagem da informação entre fonte, jornalista e público, e na qual somente o jornalista é responsável proativo na busca de informações, conduzindo a dança (GANS, 1979) no jogo com as fontes. A esse ponto, Wolf (2009) nos alerta para a existência de um espaço de descontinuidade que permite a contratação, i.e., um processo de negociação cujo resultado determinaria a noticiabilidade de um acontecimento. Em relação às fontes, o autor identifica que o predomínio das oficiais, institucionais e estáveis pode inclusive ser atenuado por procedimentos de ajuste da tendência principal. “Um exemplo são as modalidades de relação

que os jornalistas instauram com as próprias fontes, a maneira como se relacionam com elas e as consequências delas derivadas sobre a informação produzida” (WOLF, 2009, p.238).

Um dos elementos que possibilitaria a maior ou menor eficácia desse processo de negociação seria a natureza e o grau de conhecimento de um jornalista a respeito do tema em que trabalha, nomeada como sua especialização. Trata-se, sobretudo, da bagagem com a qual se valem para entrar em contato com as fontes e das consequências que cada tipo de relação pode gerar. Os jornalistas especializados desenvolvem relações estreitas e contínuas com as próprias fontes, que acabam se tornando quase informantes, fontes pessoais. O preço disso, porém, é uma relação quase simbiótica de obrigações recíprocas entre o jornalista e a fonte especializada e a dependência significativa que se desenvolve – o que, de certa forma, reforça o vínculo exclusivo. Aos jornalistas não-especializados, por sua vez, falta-lhes um conhecimento aprofundado das fontes a que recorrem, que por um lado os libera das relações complexas e por outro incide sobre seu modo de observar os acontecimentos, sobre a informação que exigem das fontes e sobre as notícias que delas extraem.

Quem também se debruça sobre o tema da negociação entre jornalista e fonte de informação é Santos (1997). Na última parte de sua obra, expõe que a relação entre os pares é uma luta e um negócio permanentes. Para ilustrar essa proposição, o autor elenca estratégias utilizadas pelas fontes para atrair o jornalista e a forma que este se vale para colher informações com maior profundidade.

As fontes são especializadas na arte de dar certas quantidades de informação, não toda a informação, constituem-se como “filtros”. O jornalista, porém, colhe sempre mais dados do que a fonte pretende dar. Um porta-voz, mesmo muito treinado, pode libertar aquilo que não deve dar, durante uma conversa. Ao jornalista chega um simples indício para prosseguir investigação. Esta continua no contacto com outras fontes, que podem satisfazer as suspeitas do jornalista (SANTOS, 1997, p.164).

Outras técnicas elaboradas pelas fontes incluem a persuasão, pressão, manipulação – em casos de fontes oficiais – e marcação da agenda política, num pendular entre confiança e suspeita contínuas, que parece ser de amor e de ódio. Já a importância da fonte pode ser vista sob três aspectos: relacionamento entre jornalista e fonte; o fato de a fonte não atuar de forma desinteressada; e a conclusão de que quanto mais alta a posição da fonte, mais confiança merece.

Os jornalistas, por sua vez, mantêm a hierarquização de contatos sobretudo pela manutenção de fontes ligadas diretamente ou com acesso ao poder. Nunca desprezam suas informações, mesmo que discordem de certos comportamentos. A exceção à regra reside em

casos de terrorismo, nos quais os meios de comunicação asseguram acesso jornalístico a familiares e amigos dos detidos, que até anulam o discurso racional e justificativo do Estado.

Outro requisito de valor quanto às fontes se refere à responsabilidade e velocidade no atendimento às pretensões do jornalista, i.e., fornecer informações adequadas, facilitar o acesso dos jornalistas à fonte autorizada, ajudar a encontrar um interlocutor, responder sem deformação e respeitar a liberdade de imprensa e independência do profissional da mídia. “Um dos aspectos que o repórter mais aprecia na fonte é o gosto que esta tem pelo jogo, o saber distinguir as organizações noticiosas, as horas de fecho, as diferentes necessidades de informação, o valor do exclusivo ou fuga de informação” (SANTOS, 1997, p.167).

Independente dessa relação funcional, na qual se compreende quase uma prestação de serviço às necessidades e exigências do outro, o autor acrescenta que o processo de interação entre fontes e jornalistas sofreu alterações sociais e profissionais, o que modificou a percepção de um para o outro. Entre os agentes dessa mudança, destaca o aumento do número de jornalistas – em quantidade e qualidade – em contraposto ao fato que as instituições e empresas adotaram estruturas de relações públicas e assessorias de imprensa para protagonizar a luta e o negócio com os jornalistas. Outra verificação que influencia a relação entre os pares diz respeito à rotação profissional de ambos, o que pode tornar efêmera sua ligação. Jornalistas mudam de meio de comunicação ou até mesmo de atividade; as fontes, igualmente, estão constantemente a mudar posições, especialmente quando se trata de cargos políticos.

Mas como harmonizar uma relação marcada por interesses muitas vezes diversos? Santos (1997) entende que fontes e jornalistas organizam estratégias de adequação, i.e., “[...] formam um círculo hermenêutico cujo entendimento tem por missão a articulação de interesses comuns” (SANTOS, 1997, p.169). Entre os objetivos, e.g., de empresas, estão a angariação de grupos econômicos para sua aquisição, promoção de seus líderes e notoriedade perante outras empresas do setor. Já os jornalistas procuram exclusividade, fugas de informação ou investigam dados publicados em primeira mão. “As notícias são, em primeiro lugar, uma comunicação entre jornalistas e as suas fontes recomendadas” (SANTOS, 1997, p.169).

Além das estratégias de adequação que equilibram a relação entre jornalistas e fontes, a confiança e suspeita mútuas são as marcas que definem a habilidade do negócio. Por um lado, o repórter pode considerar que a organização quer tão somente publicidade, por outro, a fonte receia o uso impróprio de informações pelo jornalista. Trata-se, na verdade, da relação entre público e privado, na qual uma parte busca resguardar a intimidade, enquanto a outra

pretende torná-la pública. Dessa forma, entende o autor, há uma permanente angústia no desfecho do negócio entre fonte e jornalista, porque uma parte não conhece por completo as motivações e linhas condutoras da outra.

Esse embate um tanto quanto nebuloso deságua no conceito de negociação, que, no caso das fontes e dos jornalistas, pode ser comparado ao jogo diplomático. Na negociação, movimenta-se segundo regras reconhecidas, atua-se a influência, a ação e a sedução, cujo melhor resultado seria alcançar interesses comuns, como expectativas, juízos, opiniões. “A negociação pressupõe uma relação de forças: cada protagonista quer exercer uma pressão sobre o outro, tentando demovê-lo das suas opiniões e aproximá-lo das suas próprias” (SANTOS, 1997, p.175).

Na parte conclusiva, o autor acena as principais observações sobre as fontes e os jornalistas e seu relacionamento no processo de produção da notícia. Constata-se que as fontes são ativas e estrategicamente organizadas enquanto produtoras de ocorrência de acontecimentos, traçados antecipadamente e enviados sistematicamente aos jornalistas. “Disponibilidade permanente e acesso garantido pressupõem organização e rotinas produtivas por parte das fontes de informação, que estruturam estratégias definidas e adequadas aos acontecimentos a divulgar” (SANTOS, 1997, p.193).

De forma semelhante, o jornalista adéqua a informação aos objetivos da organização noticiosa. Identifica-se uma luta permanente entre os objetivos individuais do jornalista e os interesses sociais e econômicos da organização a que pertence. “Isto significa que o jornalista, após a seleção de acontecimentos, produz a notícia seguindo normas e protocolos relativamente definidos, e que resultam no conjunto de reuniões formais e informais, a que chamei de cultura de redação” (SANTOS, 1997, p.193).

Outra conclusão frutífera diz respeito aos interesses que movem fontes e jornalistas e caracterizam o jogo estabelecido no campo da notícia. Tanto fontes como jornalistas movem-se em sentidos antagônicos em suas esferas de atuação. No caso das fontes, por um lado procuram revelar o sucesso, os acontecimentos dos dias luminosos ou de glória; por outro, tentam esconder o desvio, os acidentes, as perdas. Por sua vez, o jornalista trabalha para destacar o anormal, o escândalo, a revelação de segredos e lutas internas das fontes, dando atenção modesta ao que a fonte considera como sucesso. “Pode-se considerar, assim, que entre as duas partes há cooperação mas também autonomia, em que esta ambivalência é acompanhada de sentimentos distintos de confiança e suspeita” (SANTOS, 1997, p.194).

A partir do trabalho de campo realizado pelo autor na revista *Fortuna*, na qual permaneceu durante cerca de dois meses na sala de redação, o autor também reuniu

conclusões acerca dos modelos de comportamento dos protagonistas, marcados, sobretudo, por classe média, estudos universitários, a fonte sendo mais velha do que o jornalista e tendência política de centro/centro-esquerda. Do lado das fontes, percebe-se um esforço de modernização de protocolos administrativos, incluindo a comunicação proativa, de crise e o planejamento de acontecimentos.

O campo de notícia também teve sua pertinência destacada. Nele, ocorre luta pelo poder, na afirmação de paradigmas legitimadores de posições que o mesmo poder pretende perpetuar.

Há uma circularidade neste processo de luta e de negócio entre fontes e jornalistas, com aquelas a clamar valores positivos das suas instituições e este a tornar objetivos os seus ideais de rigor e isenção, mas, ao mesmo tempo, com as fontes desconfiando do peso crescente de opinião no tratamento da notícia e os jornalistas realçando o aspecto de relações públicas e de promoção por parte das fontes (SANTOS, 1997, p.196).

Até aqui, objetivou-se apresentar um panorama sintético a respeito dos estudos dedicados à relação entre jornalista e fonte de informação até desaguar no conceito de negociação, que a este trabalho é central. Das pesquisas inglesas dos anos 1970, foi possível individuar a reprodução da ideologia dominante por parte da mídia e, posteriormente, o jogo cada vez mais ativo entre os pares até a efetiva confecção da notícia. Cabe destacar, especialmente, que se trata de um resgate inicial, certamente incapaz de dar conta do vasto universo que se desenvolveu ao longo do século XX e início do XXI, mas que pretendeu introduzir e mostrar a importância desse viés na coleta de informação jornalística.

3 O JORNALISMO SEGUNDO A GERAÇÃO DE 1940

Em linhas gerais, as entrevistas com os jornalistas procuraram aprofundar questões atinentes à atividade com as quais se pudesse constituir um entendimento sociológico da reportagem no Rio Grande do Sul, além de registrar informações biográficas e o percurso profissional por eles trilhados. Dessa forma, os diálogos tocaram elementos como o estilo de trabalho desenvolvido pelo profissional, avaliações pessoais a respeito da reportagem e do jornalismo gaúchos quando iniciaram suas carreiras e na atualidade, estratégias profissionais utilizadas, concepções a respeito das fontes de informação, rotinas, histórias relevantes, percepções sobre o papel do jornalista, nomeação de profissionais de gerações anteriores considerados referências ou guias e iniciadores na atividade e profissionais da mesma geração. Cabe registrar que assuntos além poderiam ser investigados e, cientes dessa limitação, ficam convidados outros pesquisadores a, a partir desse levantamento, conduzir novos e complementares estudos em linhas semelhantes de análise.

3.1 AS ESTRATÉGIAS E ROTINAS PROFISSIONAIS DA CATEGORIA

A partir de uma abordagem cronológica, os depoimentos dos entrevistados a respeito do desenrolar-se cotidiano da atividade jornalística no Rio Grande do Sul situam-se no que Marcondes Filho (2002) classificou como Terceiro Jornalismo e Quarto Jornalismo, isto é, o primeiro, marcado entre 1900 e 1960, do tipo imprensa monopolista, é quando surgem as grandes rubricas políticas ou literárias e as páginas-magazines. Um momento em que a audácia e a criatividade jornalística perdem terreno para o conformismo e para a repetitividade mercadológica. O segundo, por sua vez, do tipo informação eletrônica e interativa, surge por volta de 1970 e perdura até o presente. Marcado por impactos visuais, velocidade e transparência, este momento é caracterizado pelas implantações tecnológicas com consecutivo barateamento da produção, alteração das funções do jornalista e toda a sociedade produzindo informação. Esse enquadramento na literatura permite, de antemão, compreender as características que marcaram determinado período na história do jornalismo brasileiro. Além, possibilita verificar a homogeneidade ou assimetria dos depoimentos acerca da realidade cotidiana da profissão.

Em busca de uma melhor organização na análise das respostas dos entrevistados, optou-se por dividir os jornalistas em dois grupos de gerações: aqueles que iniciaram suas carreiras entre 1940 e 1960; e entre 1960 e 1980. Sendo assim, o primeiro será denominado

“geração de 40” e o segundo “geração de 60”. A segmentação, acreditamos, permite comparações e confrontos capazes de fornecer melhor compreensão a respeito da realidade e do percurso pelos quais a atividade passou no contexto do Rio Grande do Sul. Inicialmente, foi delimitado o período de 1943 a 1959, que marca o início da atividade profissional dos jornalistas entrevistados da geração de 40, composta pelos seguintes nomes: Carlos Bastos, Célia Ribeiro, Celito De Grandi, Jayme Copstein, Jayme Sirotsky, João Borges de Sousa, Joseph Zukauskas, Liberato Vieira da Cunha, Lucídio Castelo Branco, Ruy Carlos Ostermann e Walter Galvani.

Na visão de **Joseph Zukauskas**¹, a rotina imbeciliza o repórter. O jornalista iniciou sua carreira na Revista do Globo, em 1952, em substituição a Carlos Rafael Guimaraens². Em média, produzia de uma a duas matérias por quinzena sobre temas que ele próprio julgava relevantes. Não havia a figura do pauteiro. Também não havia rotina e questionava-se: “Quem entrevistaria naquele dia?”. Considerava estimulante, sobretudo porque mantinha acessa uma característica para ele radical ao repórter: a curiosidade. “O repórter é o cara que passa por uma aglomeração humana e para”. A única sistematização que figurava na revista era sua divisão em alguns setores (polícia, esporte, política). O restante era considerado “geral”. Essa setorização mostrou-se mais presente a ele quando trabalhou na Folha da Tarde, em que se concentrou na cobertura dos acontecimentos da Prefeitura de Porto Alegre. Relata que acompanhou a trajetória de quatro prefeitos da cidade. Nas pautas, na maioria dos casos, chegava direto ao prefeito, mas aprendeu que “uma autoridade não é enciclopédia”, então procurou abrir espaços, novos canais de informação nas secretarias com os secretários. Após percorrer esses caminhos, buscava o depoimento do prefeito, marcando assim uma atitude proativa. Comenta, igualmente, que jornalista também não precisa “ser uma enciclopédia” e que, por isso, necessita saber a quem buscar apoio ou “socorro”, pontuando a característica da humildade como necessária ao repórter. Sobre este, afirma: “A base do jornalismo é o repórter. O cara é largado num território inimigo e tem poucos momentos para se ambientar e se salvar (onde estou e o que fazer). Tem a missão de investigar isso, entrevistar alguém etc.”.

Nas entrevistas, Zukauskas sempre tratou as pessoas com respeito e sustenta: “A gente pode falar o que quiser para uma pessoa, exceto algo com o qual você não consiga encará-la no

¹ Nascido a 28/10/1930 em Corbeil-Essonnes (França). Filho de pai lituano e mãe polonesa, veio para o Brasil em 1935. Antes de atuar como jornalista, trabalhou em uma empresa propagandista de produtos farmacêuticos. Cursou a primeira turma da faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas não concluiu. Foi colega de Cândido Norberto, Josué Guimarães, Antônio Carlos Ribeiro e aluno de Ernesto Corrêa e Albino de Ben Veiga. Iniciou sua carreira na Revista do Globo, em Porto Alegre, no ano de 1952, passando depois pela Folha da Tarde, A Hora, Jornal do Brasil e Associated Press (correspondente).

² 1956. Jornalista desde 1976. Atuou como repórter, editor e secretário de redação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (Coojornal). Foi editor de Política do jornal Diário do Sul, do grupo Gazeta Mercantil.

dia seguinte”. Ao refletir sobre o tema, considera que existem elementos de psicologia para entrevistas presenciais, como a simples questão que o repórter deve se fazer: “Essa pessoa gosta de ser entrevistada?”. O jornalista entende que, geralmente, o entrevistado sente-se em um interrogatório e, se a fonte for um político, sempre raciocina qual repercussão haverá se disser isso ou aquilo. Essa afirmação revela uma sensibilidade no trato com as fontes, que pode resultar em uma coleta de informações mais eficaz. O jornalista aconselha, então, abrir a guarda do entrevistado e recomenda como melhor ocasião para entrevistar pessoas um coquetel. Como exemplo, cita o caso de Paulo Brossard³, que era seu amigo, mas não gostava de dar entrevistas. Em público, chamava-o de “senhor”. Para conseguir um depoimento seu, telefonava para sua residência e perguntava se podia passar lá apenas para vê-lo. Confessa que, depois de bajulá-lo, sempre conseguia alguma informação. Conta, também, o caso que ocorreu durante uma de suas visitas a Brossard. Durante a conversa, bateu à porta um repórter inesperado querendo colher um depoimento sobre determinado assunto político. Um pouco a contragosto, foi convidado a entrar. Já na primeira pergunta recebeu a resposta do anfitrião: “Se é isso o que veio me perguntar, pode sair agora mesmo”. Na análise de Zukauskas, o repórter começou pela questão errada, pois o intimidou. Sobre o argumento, conclui que cada fonte tem seu lado de “montar”.

No mesmo veículo, no qual fazia em média duas reportagens por semana, começou ele próprio a desbravar setores, visitando pessoalmente locais como sindicatos em busca de notícias. Compreende-se um cenário de forte autonomia do jornalista, talvez, até mesmo, por uma necessidade do próprio veículo que poderia não dispor de pessoal alocado para a função. Lembra que, naquela época, as fontes não concediam entrevista por telefone, por isso a necessidade de locomoção do repórter. Recorda que o aparelho passou a ser aceito com o uso feito pelas sucursais, pois até então imperava a desconfiança nessa comunicação a distância.

Porém, a dificuldade de uso do telefone não se tratou apenas de uma questão cultural, mas sobretudo econômica. Em Iachan (2010), encontram-se dados que revelam a precariedade do sistema telefônico no Brasil no início do século 20. Enquanto que no mundo já existiam 41 milhões de telefones em 1939 (50% deles nos Estados Unidos), o Brasil contava com 360 mil, 100 mil deles no Rio de Janeiro. “Nova Iorque, sozinha, tinha cinco vezes mais telefones que o Brasil inteiro” (IACHAN, 2010, p. 52). No início da década de 1960, o tempo de espera para obtenção do tom de discar chegava a 30 minutos no centro da capital fluminense.

³ Nascido em Bagé (RS) em 23/10/1924. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exerceu os cargos de deputado estadual (1955-1967), deputado federal (1967-1971), senador (1975-1983), Ministro da Justiça (1986-1989) e Ministro do Supremo Tribunal Federal (1989-1994).

Outro repórter que experimentou a “selva jornalística” na pele foi **Walter Galvani**⁴. Criador do sistema de estágios para alunos de jornalismo na imprensa gaúcha – possivelmente fruto de sua experiência no início da atividade –, Galvani foi contratado para um período experimental na editoria de esportes do Correio do Povo em 1955 – na época, editado por Cid Pinheiro Cabral – e relembra não ter recebido orientação alguma para realização das primeiras reportagens. Diziam: “Vai lá e ouve o fulano sobre tal assunto”. Comenta ser uma situação comum na época. Comunicado de sua dispensa pelo editor após aquele período (em função de seu fraco desempenho), pediu nova oportunidade e foi atendido. Nesse trecho, observa-se que os contatos profissionais eram marcados por certa impessoalidade e pouca burocratização.

Em seu processo de formação profissional e moral no Correio do Povo, o jornalista não cita como guia inicial outro profissional do setor, mas o ex-treinador do Grêmio Oswaldo Rolla, com quem aprendeu a ser “honesto, franco e leal”. O técnico mantinha uma alfaiataria na Rua da Praia, onde Galvani apresentou-se dizendo-lhe que tinha uma chance, mas que precisava de ajuda, em síntese, de notícias, ato que revela uma atitude de autonomia e humildade. Desde então, o repórter passava periodicamente por aquele edifício na Rua da Praia para conversar com o treinador em busca de novidades do time tricolor. “Assim que aprendi, na marra, no combate”. Chegava na redação com a notícia fornecida por Rolla, sentava-se à máquina e redigia “mal e porcamente”, porque não sabia como fazer. Entregava ao editor que ou dizia que estava muito mal e que precisava reduzir ou que a notícia era interessante, mas que deveria colocar algo a mais porque “aí não tem nada”. Lembra que era difícil, mas que era assim que se aprendia.

Certa vez, o treinador informou-lhe que dispensaria um goleiro idolatrado pela torcida gremista porque sua estatura era muito baixa. O jornalista foi para a redação e escreveu: “Oswaldo Rolla: Sérgio pode seguir o seu caminho”. O jornal circulou e a diretoria do Grêmio foi para o Correio do Povo se reunir com o diretor do veículo, Breno Caldas⁵, e pedir que aquilo fosse desmentido e o repórter demitido. Nessa hora, Galvani ligou para o treinador informando o ocorrido, que em seguida adentrou a sala onde estava a diretoria do Grêmio e,

⁴ Nascido a 06/05/1934 em Canoas (RS). Já aos 13 anos de idade esboçava o jornal “Ecos de São Luis” junto aos colegas do La Salle. Em 1954, trabalhou no jornal “Expressão”, semanário criado por um grupo de canoenses, dirigido por Túlio Medina Martins, cujo irmão, Lineu Medina Martins, foi responsável pela indicação de Galvani ao Correio do Povo. Trabalhou em todos os veículos da Caldas Júnior até se aposentar, passando pelo Correio do Povo, Folha da Tarde, Folha da Manhã e Rádio Guaíba. Fez estágio profissional no Jornal da Tarde, de São Paulo, e no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, financiado pela Caldas Júnior. Não cursou a faculdade de Jornalismo, mas lecionou a disciplina de Teorias da Comunicação no curso da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Atualmente, é cronista de jornais do interior, entre eles, Diário Popular, ABC Domingo e Nova Folha Guaibense.

⁵ Breno Alcaraz Caldas (1910–1989). Filho de Caldas Júnior, fundador da Companhia Jornalística Caldas Júnior, foi um jornalista que dirigiu a empresa de 1935 a 1989.

na frente de todos, disse que estava certo o que havia sido publicado. O jornalista acabou sendo mantido na redação e comenta ter aprendido valores fundamentais para sua carreira e para sua vida com essa atitude do treinador.

Aos poucos, Galvani foi desenvolvendo contatos, outras fontes, começou a frequentar os treinos do Grêmio e foi progredindo na profissão. Comenta que até hoje mantém sua lista de fontes e que, sempre que conhece uma nova pessoa que considera interessante, toma nota de seus dados (telefone, endereço etc.). Recorda que certo dia noticiava a renovação de contrato de jogador, outro sobre o treino assistido, outro ainda sobre mudanças na equipe. Diariamente, passava ou pelo estádio ou pela alfaiataria do treinador. Para informar-se, também lia os jornais de São Paulo e Rio de Janeiro – Gazeta Esportiva, Jornal dos Esportes – comprados na banca da Rua da Praia. Informa que, naquele tempo (década de 60), a sessão de esportes do Correio do Povo era composta por cinco pessoas: Cid Pinheiro Cabral (editor), Luiz de Miranda (cronista), José Domingues Varela (subchefe), Túlio de Rose (esportes amadores) e Galvani (único repórter de futebol profissional, que cobria Grêmio, Internacional e o Grêmio Esportivo Renner). Em sua rotina, relembra usar muito o telefone e as pernas na jornada de trabalho composta de sete a oito horas por dia, que marca uma trajetória de esforço, inclusive físico.

No início das suas atividades, não usava gravador, exceto em situações especiais, pois era muito grande e pesado. Munia-se apenas de caneta e bloco. Receava esquecer o que lhe diziam e confessa que, algumas vezes, até esquecia. “Tentava fazer o melhor possível, mas às vezes tropeçava”. Durante as entrevistas, aprendeu a não se limitar à informação transmitida pela fonte, mas sobretudo procurava colocar a pessoa que entrevistava em seu texto. Observava suas atitudes e descobria seus traços fundamentais, especialmente para tornar a matéria mais humana.

Ruy Carlos Ostermann⁶ foi outro jornalista que iniciou sua carreira na Caldas Júnior, na Folha da Tarde Esportiva em 1954, dirigida por Manoel Amorim de Albuquerque (“seu Maneca”), que, como primeira tarefa, indicou ao jovem repórter ir ao aeroporto porque “estava chegando um jogador”. Como não tinha prática na atividade, decidiu ter a curiosidade do leitor, perguntando o que gostaria de saber a respeito dessa pessoa que nunca havia visto.

⁶ Nascido a 26/09/1934 em São Leopoldo (RS). Exerceu a conversação desde cedo, no café de seus pais, onde vivia de uma mesa a outra conversando com as pessoas. Começou a trabalhar na Folha da Tarde Esportiva, em 1954, quando pela primeira vez utilizou uma máquina de escrever. Na Caldas Júnior, também passou pela Folha da Tarde e Rádio Guaíba, trabalhando na empresa até 1982. Ingressou na RBS a convite de Nelson Sirotsky, que havia sido seu aluno no Colégio Israelita, de Porto Alegre, e lá permaneceu até se aposentar. Cobriu 13 edições da Copa do Mundo da FIFA. É graduado em Filosofia e em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Não sabia o que jogava, o que fazia, então entrevistou-o na tentativa de esclarecer quem era. No começo da atividade, Ostermann não anotava. Ouvia com atenção. Naquela época, lembra que o repórter tinha que aparecer na fotografia publicada no jornal porque podiam levantar a dúvida de que ele não havia feito a entrevista. Após o diálogo, voltou para a redação, redigiu seu texto e, para sua surpresa, o editor gostou e publicou como praticamente ele havia escrito. Daí para frente, tomou-se de certo entusiasmo e começou a se dedicar à profissão. Como morava em São Leopoldo, cobria o Clube Esportivo Aimoré e, após o meio-dia, chegava na redação em Porto Alegre.

Em grande parte, suas entrevistas e reportagens eram dedicadas ao esporte, mas um dia precisou fazer uma matéria sobre o Clube de Cinema de Porto Alegre, que aporta lições para a produção de uma reportagem. Inicialmente, foi ao local para observar o comportamento de todos: se chegavam na hora, que tipo de filme faziam a cabeça das pessoas, quem ficava para conversar etc. Fez uma reportagem com muita entrevista, mas também com muita descrição ambiental. “Você precisa ter certeza do fato em si, como ele se realiza, como ele se dá, qual sua grandeza, suas características, e imediatamente colocar protagonistas do fato, aqueles que vivenciam isso e dão volume a esses acontecimentos. Tem que ter o fato e as pessoas. Essa é a estrutura da reportagem”. Para adensar a matéria e criar um corpo, explica ser necessário uma descrição das circunstâncias do entorno. Nesse caso, o Centro da cidade, a movimentação, as pessoas. Indica ser isso que dá tonalidade e força ao texto. “Aí ele fecha, faz sentido. A rigor, é preciso escrever para quem não conhece. Atinge uma pessoa que não sabe do que se trata, cortesmente, com um viés pedagógico muito forte”.

Em uma autoavaliação, Ostermann conclui que fez uma ou outra reportagem investigativa, mas afirma que esta não foi sua vertente. Seu jornalismo foi mais de recepção, como cronista e comentarista. Nunca usou gravador escondido. Sua estratégia consistia em falar claramente, ver a reação do entrevistado diante do fato e verificar se estava preenchendo aqueles espaços de curiosidade e de novidade que toda conversação tem que ter.

Sobre a temática das fontes de informação, Ostermann orienta que o repórter deve ter boas relações nos vários setores da atividade social, como intelectuais com que possa conversar e de importância no seu campo operacional, professores, jornalistas, mulheres interessantes. “Com isso, você vai armazenando uma massa muito grande de informações. São as fontes de informação”. O jornalista cita um exemplo: “A Greta Garbo está chegando a Porto Alegre. Quem a conhece? Ninguém. O que podemos fazer? Verificar tanto quanto se possa. E finalmente tentar averiguar com a pessoa que organiza sua vinda o que ela vem fazer e que tipo de pessoa ela é, como se relaciona etc., para que não seja frustrado”.

Uma de suas crenças é de que o jornalista precisa se informar. Como exemplo, conta um episódio no qual desembarcou em Porto Alegre um escritor americano e Ostermann foi recebê-lo. Chegou a seu encontro falando o nível de inglês que tinha, mas com grande esforço para se fazer entender. Quando atingiu a exaustão, o escritor perguntou: “Por que não falou em português?”. Deu-se conta de que existe um pressuposto equivocado. “Escritor americano chega a Porto Alegre. Ele fala inglês, é claro, mas não falará espanhol? São informações indispensáveis de se ter previamente, informar-se a respeito. Ou então perguntar quem conhece o fulano. ‘Ah, é um cara chato assim e assado’. Já se tem uma informação. Em seguida, vai montar um quadro e tentar comprovar. Jornalismo é assim”.

Essa análise pode compor o que **Carlos Bastos**⁷ entende por “sensibilidade jornalística”. O repórter, que iniciou sua carreira no O Clarín – jornal diário que pertenceu a Leonel Brizola – em 1955 por influência de José Silveira, corrobora a versão de outros jornalistas a respeito da inexistência de um pauteiro no início de suas atividades e acrescenta que a criação de notícias era muito espontânea. “Era o repórter que saía à rua para colher notícia”. Como o jornalista cobria o setor sindical para o veículo e assinava uma página sobre o tema intitulada “Porta de fábrica”, percorria em média dez sindicatos por dia para conversar com o presidente ou secretário durante alguns minutos e relata sempre ter encontrado notícia. Em caso de fato maior, como uma greve, por exemplo, fazia sua cobertura.

Diferentemente do entendimento geral de que jornalista deve manter-se neutro no tocante a temas como política e esporte, por exemplo, Bastos admite fugir à regra e, mesmo assim, ter conseguido construir sua credibilidade nos veículos em que atuou. Ao mesmo tempo em que mantinha uma coluna política no Jornal do Comércio, era filiado ao PDT; contemporaneamente ao exercício do cargo de editor de esportes da TV Gaúcha, era conselheiro do Grêmio. Sua explicação para esse mérito é que não brigava com a notícia. “Quando era notícia eu dava, contra ou a favor dos meus interesses”. Apesar da distinção, contudo, relembra que seu maior erro também proveio do excesso de imparcialidade. Em 1983, então diretor da TV Gaúcha e conselheiro do Grêmio, confrontou-se com a decisão sobre o momento de divulgar a saída de Renato Gaúcho do time tricolor após a final do Mundial Interclubes em Tóquio. Bastos era a favor de que se divulgasse no noticiário normal de segunda-feira, enquanto que seus colegas de TV (torcedores do time rival, o Sport Clube

⁷ Nascido a 25/07/1934 em Passo Fundo (RS). Não concluiu o Ensino Médio. Em sua carreira, passou por diversos veículos: O Clarín, que pertenceu a Leonel Brizola, A Hora, Rádio Gaúcha, TV Gaúcha, Última Hora, Zero Hora, Jornal do Dia, Rádio Difusora, Rádio Guaíba, Jornal do Comércio e TVE e cargos públicos de secretário de comunicação no governo de Alceu Collares, superintendente de comunicação da Assembleia Legislativa, assessoria de imprensa da Secopa (Secretaria Extraordinária da Copa) e atualmente é secretário de comunicação da Prefeitura de Porto Alegre.

Internacional) achavam que deveria ir ao ar logo após a partida, que ocorreu na madrugada de sábado. O jornalista deixou a decisão com os outros editores e acredita com isso ter causado um impacto negativo na torcida do Grêmio que, enquanto comemorava a conquista do título, recebia a notícia de que um dos principais jogadores deixava o clube.

Bastos também considera ter montado a melhor equipe de reportagem do estado em 1971, enquanto era chefe de reportagem do jornal Zero Hora. Entre os profissionais contratados, estavam Luiz Cláudio Cunha, Pedro Maciel, Juarez Fonseca, Ademar Vargas de Freitas, Sérgio Capparelli, Letânia Menezes e Marina Woedke. Nesse momento, foi implantada a grande reportagem no veículo – ideia de Armando Burd – para as páginas 2 e 3. Segundo Bastos, Zero Hora não era hegemônico como atualmente. Fortes eram Correio do Povo e Folha da Tarde. Para concorrer com esses, o jornalista decidiu valorizar a cobertura local, tratando de assuntos do Rio Grande do Sul ou de Porto Alegre, fruto de uma lição que aprendeu com Liev Tolstói⁸: “Canta tua aldeia e serás universal”.

Para o jornalista, encontrar e manter as fontes é uma grande sabedoria do repórter, principalmente político e policial. No âmbito político, atenta para o fato de que o homem público tem sempre seus interesses, e é preciso saber “caldear essa carreira”. Como exemplo, narra um episódio em que ocorreu uma reunião na bancada do PDT e havia um deputado no local que foi informante de Bastos sobre como ocorreu o encontro. No dia seguinte, o jornalista publica a notícia com manchete no jornal Última Hora e recebe o contato de um político dizendo que sua fonte havia mentido e que ele deveria fazer um desmentido sobre a notícia. Bastos rebateu dizendo que estava escondido atrás das cortinas daquela sala de reunião, ao que o político respondeu: “Como você é mau caráter”. E Bastos finalizou: “Obrigado por ter confirmado minha notícia”. Em outra época, quando foi colunista do Jornal do Comércio, o jornalista foi avisado por um político que conhecia quem estava passando informações para sua coluna e que das dez notícias, nove eram fajutas. Bastos foi verificar e de fato havia incongruência e interesse nas informações a ele repassadas.

Entre os entrevistados para esta pesquisa, quem iniciou sua trajetória profissional mais remotamente foi **Jayme Copstein**⁹. A prática começou nos seus cadernos de aritmética no Ginásio, quando montava seu próprio jornal e já aos 14 anos lia as próprias redações na rádio

⁸ Escritor russo (1828-1910).

⁹ Nascido a 07/01/1928 em Rio Grande (RS). Tem seu primeiro texto publicado em jornal em 1943 (O Tempo, de Rio Grande), fruto de um concurso de redação. Ainda no colégio, começa a colaborar com jornal com mesmo nome de sua cidade. Aos 15 anos, já era cronista policial na Gazeta da Tarde. Em Porto Alegre, concluiu o curso de Odontologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul aos 20 anos de idade e exerceu a profissão por pouco período, para satisfazer seu pai, que não aprovava o trabalho de jornalista. Na Capital, começou na Rádio Farroupilha como redator, passando pelos veículos A Hora, Rádio Gaúcha, Diário de Notícias, Correio do Povo, Jornal do Comércio, Zero Hora, Rádio Pampa e jornal O Sul.

da escola. Esse fato é importante a este estudo pois permite, por meio de seu depoimento, alcançar características distantes, fruto de uma fonte viva, ajudando assim a dar cor e volume a um resgate histórico da reportagem no Rio Grande do Sul.

Copstein exemplifica como pode ocorrer o surgimento de uma reportagem. Na época em que trabalhava na Rádio Gaúcha, nos anos 1980, substituiu o jornalista Ruy Carlos Ostermann no programa “Gaúcha Entrevista”, criado nos anos 80 e extinto em 2011, ao mesmo tempo em que apresentava o “Gaúcha na Madrugada”, criado pelo próprio Copstein em 1985. Certo dia, escutou no rádio que um vereador do município de Novo Hamburgo havia pregado o extermínio do menor de rua porque, no futuro, seria um problema para a sociedade. O jornalista indignou-se e descobriu que seu entrevistado da tarde daquele dia era um economista que foi menor de rua. Com isso, teve a ideia de, num programa, aprofundar sua história como menino de rua, tendo sua voz alterada pela produção do programa, e no outro conversar sobre o Plano Real¹⁰. Enquanto dialogava sobre economia, Copstein colocava no ar trechos da outra entrevista, misturando as vozes do mesmo entrevistado, enquanto recebia críticas dos ouvintes sobre a história do menino de rua. Até mesmo os diretores da rádio já estavam se mobilizando para tirar o programa do ar, pois ninguém havia sido avisado. Ao final, o jornalista revela quem era o menino de rua e finaliza dizendo: “Não telefonem para seus problemas. Resolvam-nos”. A entrevista foi agraciada com o Prêmio ARI de Jornalismo e angariou também um reconhecimento internacional em Nova Iorque.

Outra estratégia de reportagem colocada em prática por Copstein foi quando trabalhou no Jornal do Comércio, em 1984, que deixa uma lição de transparência geralmente repudiada pela imprensa. O jornalista deveria conversar com o então presidente do Tribunal de Justiça, que não concedia entrevistas porque alegava ter sempre suas informações deturpadas. Com o desafio de driblar essa barreira, Copstein propôs à fonte gravar a conversa, redigir o texto e levar para sua aprovação. O então presidente aceitou e, após a publicação da notícia, disse ter sido a primeira vez que alguém havia divulgado o que efetivamente havia dito. Como resultado, seguidamente passou a telefonar para Copstein passando-lhe informações exclusivas e sublinhando o valor da confiança na relação profissional.

O caso também nos abre a possibilidade de análise a respeito da relação que o repórter pode estabelecer com suas fontes de informação na busca por vantagens. Copstein destaca que, a partir da relação de afeto que se estabelece com a fonte, pode nascer a informação, mas reitera a necessidade da confiança e da transparência como base do relacionamento. Essa

¹⁰ Lançado em 1994, quando Itamar Franco era Presidente do Brasil e Fernando Henrique Cardoso ministro da Fazenda. Originou nova modelo, o Real.

compreensão fica evidente quando o jornalista orienta que, se a fonte disser que vai fazer uma confidência, o repórter deve responder se pode ou não guardar sigilo. Sobre o tema, o jornalista é objetivo: “Não existe fonte com informação que cai do céu e ninguém dá notícia exceto em dois casos: ou é seu amigo ou é inimigo de alguém querendo prejudicá-lo”.

A proximidade de confiança é foco de crítica de **Liberato Vieira da Cunha**¹¹, no sentido de que hoje, na era da comunicação, vive-se a incomunicabilidade entre as pessoas, cada qual olhando para seu “videozinho”. “O jornalismo era menos complicado do que hoje. As pessoas chegavam mais perto uma das outras e eram mais acessíveis. Não havia culto à privacidade absoluta. Havia mais contato humano, mais comunicação”.

O jornalista iniciou suas atividades aos 14 anos no Jornal do Povo, de propriedade de sua família, em Cachoeira do Sul, em 1959, e na década de 60 foi contratado pelo Diário de Notícias, em Porto Alegre, onde exerceu as funções de repórter, redator, subsecretário de redação, secretário de redação, secretário gráfico, aprendeu a escrever editoriais e a sugerir pautas, pois não havia pauteiro. Esse cenário revela uma época em que o profissional era estimulado a uma polivalência de funções e capacidades.

A convite da embaixada da Alemanha, estudou no Instituto Internacional de Jornalismo em duas ocasiões, que reuniu 15 alunos de diferentes países em Berlim durante um semestre em 1982 e em 1987. Era o único brasileiro entre professores e colegas alemães, americanos e ingleses. A rotina era marcada pela produção de reportagens diárias, entre as quais algumas que enviava ao Correio do Povo, feitas no computador – instrumento ainda embrionário nas redações brasileiras –, que deixou impressa no jornalista um estilo de profissional preocupado com a exatidão, precisão, veracidade e clareza dos textos. Na sua carreira, orgulha-se do fato de nunca ter recebido uma contestação de seus escritos e revela como suas características a acuidade e a facilidade de apreensão da realidade. Durante as entrevistas, optava sempre pelo diálogo presencial, por ser mais valioso ao revelar mais do entrevistado, o que, por outro lado, exigia do repórter habilidade em conversar, fazer perguntas e bagagem sobre o assunto tratado.

¹¹ Nascido a 25/05/1945 em Cachoeira do Sul (RS). Aos 14 anos, iniciou no jornalismo no jornal de sua família (Jornal do Povo) durante as férias a convite de seu tio, Paulo Salzano Vieira da Cunha, na época diretor do veículo. Também foi um dos dirigentes do jornal O Anchieta, do colégio Anchieta, em Porto Alegre. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1967. Começa a trabalhar no serviço de divulgação da Secretaria da Educação até ser contratado pelo Diário de Notícias. Em 1969, é convidado para trabalhar no Correio do Povo onde ficou até 1984, quando ingressa em Zero Hora. Trabalha nesse veículo até se aposentar. É detentor de vários prêmios nacionais e internacionais na área do jornalismo e da literatura, dentre os quais um Erico Verissimo, dois Açorianos, um Norton e um da Sociedad Interamericana de Prensa, um prêmio Kronika, além do grau de Chevalier des Arts e des Lettres da República Francesa.

Assim como Carlos Bastos, que iniciou sua carreira jornalística cobrindo a área sindical, também **João Borges de Sousa**¹² trabalhou com o tema no A Hora, em 1958, junto a Joaquim Campos Neto, que assinava uma coluna sindical. Em certo período, passou a responder por uma seção chamada “Um trabalhador por dia”, na qual saía pelas ruas com um fotógrafo entrevistando pessoas sobre temas variados, principalmente trabalhadores e os problemas de seu meio (economia, salário, custo de vida etc.). Na década de 1960, dedica-se ao trabalho de assessoria de imprensa a convite do então secretário de Saúde José Lamaison Porto¹³ e junto a Flávio Antônio Corrêa. Um dos desafios era conscientizar a população sobre os riscos da paralisia infantil e sensibilizar os pais para a vacinação dos filhos. Para isso, compuseram faixas que foram colocadas nas laterais dos bondes e pequenos textos para rádio (texto-foguete), que eram mais econômicos. Na década seguinte, no Palácio Piratini, participou da modernização da assessoria de imprensa com a instalação de um telex para distribuição de notícias aos jornais do interior do estado, como Diário de Pelotas, Jornal de Bagé, veículos de Cachoeira do Sul, entre outros.

Um dos temas que o jornalista destaca é a relação ética que o repórter precisa desenvolver com seu trabalho. Para isso, narra uma situação em que participava de uma reunião, não como jornalista, em que um diretor de empresa, diante de uma situação de negociação com o governo, exclama: “Ao diabo com a ética!”. Mesmo com a surpresa de todos, não sentiu-se moralmente habilitado a divulgar aquela reação consternadora como notícia.

Essa mesma linha analítica a respeito do caráter do profissional jornalista é mencionado por **Lucídio Castelo Branco**¹⁴, segundo entrevistado com início de carreira mais remoto desta pesquisa. Castelinho, como é conhecido entre os colegas, nasceu em Teresina (PI) e começou a trabalhar no vespertino A Vanguarda, do Rio de Janeiro, em 1945, como auxiliar de repórter. Sua função era registrar o boneco das vítimas que seriam divulgadas na editoria de polícia. O jornalista recorda que, naquele tempo, praticamente toda imprensa era

¹² Nascido a 23/12/1933 em Pelotas (RS). Mudou-se a Porto Alegre aos 14 anos com a intenção de cursar Direito, mas em 1956 foi trabalhar como revisor no jornal A Tribuna, do Partido Comunista. Colaborou com A Gazeta Sindical, de São Paulo, enviando matérias. Em seguida, trabalhou no A Hora, Última Hora e primeiro ano de Zero Hora. Ingressa na Rádio Gaúcha e, em 1968, é convidado para trabalhar na Caldas Júnior, no projeto Folha da Manhã. Editou política na Folha da Tarde e eventualmente fez matérias para o Correio do Povo. Volta para Zero Hora até se aposentar em 1997.

¹³ 1926-1989. Nascido em Passo Fundo (RS) e graduado em Direito, foi vereador, deputado estadual, presidente da Comissão de Obras Públicas, Transportes e Comunicações e membro da Comissão de Constituição e Justiça.

¹⁴ Nascido a 13/11/1926 em Teresina (PI). Começou na profissão em 1945 no jornal A Vanguarda, do Rio de Janeiro. Seu irmão, Carlos Castelo Branco, trabalhava no Jornal do Brasil com a “Coluna do Castelo”. Muda-se para Porto Alegre em 1949 em função de um concurso na Justiça Federal Militar e trabalha na Folha da Tarde, enquanto seguia como correspondente do A Vanguarda. Em 1961, inicia como correspondente do Jornal do Brasil, em Porto Alegre, onde inaugura a sucursal do veículo.

subsidiada pelo governo (papel, máquinas, tinta, inclusive o salário dos repórteres) e havia ainda os privilégios da categoria: isenção de IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano), boate, cabaré, cinema, teatro, 50% de desconto em passagens aéreas, entre outros. “Uma categoria que se formou e até hoje vive nas asas do poder”.

Castelo foi o responsável pela inauguração da sucursal do Jornal do Brasil em Porto Alegre em 1964, no prédio onde atualmente funciona a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), e enxerga a si, como repórter, sério na essência e na aparência, pois a característica, somente na primeira, não é suficiente. Trata a confiança como o bem mais precioso de um bom jornalista, responsável por fazê-lo usufruir da liberdade de imprensa, e considera-se ter sido um profissional transparente e, diferentemente de Carlos Bastos – que revelava sua posição política –, sem posição política, fator ao qual credencia a confiança conquistada pelos demais. “Não escrevia a favor de alguém. Escrevia o que acontecia. Não era articulista. Era repórter. Repórter faz a notícia e a notícia tem que ser verídica. Esse é o princípio da profissão”.

Testemunha de uma época em que os textos jornalísticos eram escritos a pena, o entrevistado observa que, no início de sua carreira, o saudado era o chamado “nariz de cera”¹⁵, em que se começava a reportagem descrevendo o ambiental, as pessoas, as circunstâncias etc., para no fim expor o fato. O jornalista aprovou a mudança de estilo para o *lead*, pois acredita que o importante é dar a informação. “Como o espaço foi ficando caro, isso tinha que acontecer”.

Outro entrevistado foi **Celito De Grandi**¹⁶. Defensor da reportagem e da figura do repórter – “a parte mais bonita do jornalismo porque é sua busca pela versão mais próxima da verdade” –, Celito não acredita em reportagem feita de dentro da redação e revela-se de uma fase em que, na notícia, descrevia-se o personagem e suas reações.

Entre as reportagens que marcaram sua carreira, orgulha-se da primeira que o possibilitou entrar no Diário de Notícias, em 1961. O então chefe de reportagem Fúlvio

¹⁵ Texto introdutório, longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava ambientar ao leitor sobre os fatos que seriam narrados a seguir. Geralmente, utilizava linguagem prolixa, com preciosismos e pouco objetiva.

¹⁶ Nascido a 16/02/1942 em Marcelino Ramos (RS). Aos 14 anos, atuou na Sociedade Rádio Marcellinense e, um ano depois, foi secretário de redação do jornal O Semeador, daquela cidade. Em Porto Alegre, começou a vida profissional no Diário de Notícias, em 1961, e lá permaneceu até 1970. No mesmo ano, trabalhou em Jornal Zero Hora, assumindo, nesse mesmo ano, a direção da sucursal do jornal Correio da Manhã, em Porto Alegre, onde permaneceu até 1973. Junto com seu irmão, Luizinho De Grandi, adquire o jornal A Razão, de Santa Maria, em 1979. Em dezembro de 2004, assume o cargo de Coordenador Geral da Assessoria de Comunicação Social do Governo do Estado. E a partir de janeiro de 2007, a Superintendência de Comunicação Social da Assembleia Legislativa. Cursou Jornalismo, Direito e Ciências Sociais, mas sem graduar-se. Faleceu em 21 de novembro de 2014, durante a elaboração deste projeto.

Bastos disse que queria um teste mais vigoroso daquele menino que iniciaria, então foi desafiado a noticiar o ingresso de uma nova noviça no convento das Clarissas, em Porto Alegre. O local era muito restrito, sobretudo para homens, e Celito revela ter usado “aquelas coisas de repórter” para conseguir seu objetivo: bateu à porta do convento às 6h, acompanhado de um fotógrafo, pedindo para falar com a madre. Destaca que deve ter feito um ar tão penalizado naquele horário que a líder aceitou recebê-los.

Ao longo de sua carreira, dedicou-se à política, economia, educação, literatura e artes. A rotina de trabalho começava com o recebimento de uma pauta. Os repórteres já eram mais ou menos setorizados – cada qual com suas fontes de contato –, mas isso não impedia o deslocamento no caso de eventos especiais. O chefe de reportagem distribuía as tarefas e cada um partia para colher informações. Assim como Lucídio Castelo Branco, Celito também aponta os benefícios considerados absurdos que os jornalistas ganhavam, como isenção de Imposto de Renda e passagem aérea gratuita.

Celito defende a necessidade da especialização para o exercício da reportagem. Aponta que, para essa atividade, o profissional tem que ter temperamento e talento especiais, de busca incessante, de não se conformar com a primeira informação que lhe chega, de ir atrás e não se dar por satisfeito enquanto não atingir o fundo da questão. “Tem que ouvir as várias partes, ver todos os ângulos, aprofundar a pesquisa ao máximo. Fundamental é dar ao leitor as informações para que ele conclua”.

No que tange o cultivo de fontes de informação, Celito enxerga uma das principais qualidades do jornalista. Em seu caso como repórter de política, conta que mantinha contato diário com suas fontes, telefonando em busca de novidades. Destaca que, na sua época, não havia departamentos de assessoria de imprensa, o que levava o repórter a criar vínculos de amizade com pessoal de secretaria, assessores de políticos, entre outros, que davam as notícias.

Em contraponto ao modelo perspicaz aportado por Celito, vislumbra-se também um estilo de jornalismo mais leve, acompanhado de histórias que complementam o fato, muito praticado por **Célia Ribeiro**¹⁷. A jornalista trata como fundamental sua passagem pela televisão gaúcha, com início na TV Piratini, em 1960, em que produzia e apresentava um programa semanal intitulado “O mundo da mulher”, contratada pela agência MPM

¹⁷ Nascida a 07/06/1929 em Porto Alegre (RS). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, começou sua carreira no jornal A Hora, passando também pela Revista do Globo. Em 1960, assina contrato com a TV Piratini e depois trabalha na TV Gaúcha. Também atuou na Rádio Guaíba e produziu matérias para o Correio do Povo. Depois de mais de 20 anos no meio televisivo, dedica-se ao trabalho no jornal Zero Hora, em que ingressou em 1970 até se aposentar, em 1990. Nessa década, também trabalhou na revista Cláudia, da Editora Abril. Atualmente, é colunista semanal do veículo.

Propaganda. Como o programa era ao vivo, a tensão dos profissionais no estúdio era maior do que atualmente, o que mudou com a entrada do videotape. Após a tecnologia, conta que passavam horas à noite esperando para gravar devido ao número restrito de fitas, o que também acarretava na necessidade de apagar o que havia sido gravado, causando muitas vezes imagens tremidas e som prejudicado.

Célia mantinha profundo respeito em relação a seus entrevistados, considerando-os uma oportunidade de ganhar a vida na forma que gostava. Crítica, de certa forma, entrevistadores atuais que sequer leem a obra de seu entrevistado, no caso de um escritor, e atualizava-se com leitura de revistas sobre seus temas de interesse. Considera que suas fontes eram tratadas com ética, ainda que os assuntos abordados fossem amenos, como cultura, moda, cozinha etc. Relata, também, que formou-se numa época em que se trabalhava de chapéu na redação, marca nostálgica de uma geração com costumes extinguidos na atualidade.

Por fim, um dos entrevistados desta pesquisa que, de certa forma, contribuiu de modo profundo com o desenvolvimento e construção de uma identidade para o jornalismo gaúcho, **Jayme Sirotsky**¹⁸ não atuou em primeira pessoa no fazer jornalístico cotidiano, mas pode-se dizer que organizou as margens pelas quais o rio da atividade percorreu o final do século 20 e início do 21 no Rio Grande do Sul. Sirotsky não cursou a faculdade de Jornalismo, que na época era desnecessária. Porém, é formalmente registrado. Pessoalmente, pensa não ser obrigatório ter o diploma para o exercício da profissão.

Sua história e de seu irmão, Maurício Sirotsky Sobrinho¹⁹, está ligada à construção de um dos maiores grupo midiáticos do Brasil, a Rede Brasil Sul (RBS). Seu primeiro contato com a comunicação ocorreu na Rádio Passo Fundo, sua cidade natal, quando tinha cerca de 15 anos de idade, contratado para fazer locução e preparar textos publicitários e para a rádio-teatro. Lembra que as novelas eram distribuídas em grandes discos e reproduzidas nas emissoras do interior e em Porto Alegre. Em paralelo, compravam os direitos de reprodução dessas novelas produzidas no Rio de Janeiro e adaptavam com elenco local (amador), alguns deles composto por Maurício, sua esposa Ione, Jayme, entre outros. Em 1956, associa-se com o irmão e fundam a agência de propaganda Mercur Publicidade, em Porto Alegre. Mais tarde,

¹⁸ Nascido a 13/10/1934 em Passo Fundo (RS). Teve seu primeiro contato com a comunicação na Rádio Passo Fundo. Cursou Direito, mas não concluiu. É Presidente Emérito e membro do Conselho de Administração do Grupo RBS. Em sua trajetória no Grupo, que teve início em 1962, foi Vice-Presidente Executivo até 1986, Presidente de 1986 a 1991 e Presidente do Conselho de Administração entre 1991 e 2008. Foi presidente da Associação Mundial de Jornais (WAN), de 1996 a 1998, entidade da qual ainda participa como membro do Conselho e do Comitê Executivo, e presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ/Brasil) por duas gestões. Foi membro do Conselho de Comunicação Social do Senado Federal.

¹⁹ 1925–1986. Fundador do Grupo RBS.

associam-se novamente na Rádio Gaúcha e, logo adiante, começam a operar a TV Gaúcha e assim constituir a marca RBS. Em consonância com os escritos de Rüdiger (2003), uma das bases da RBS foi sua capilarização por meio de emissoras regionais com produção local. Dessa forma, atraíam anunciantes nacionais porque sabiam da ampla cobertura estadual oferecida pelo sinal da emissora.

Outra análise aportada por Rüdiger (2003) – que trata dos elementos que permitiram à RBS ultrapassar seus concorrentes no cenário midiático gaúcho – encontra consonância com o depoimento de Sirotsky. O jornalista sublinha a posição hegemônica e de vanguarda da companhia Caldas Júnior, mas admite que a RBS passou a colocar em prática técnicas de operação bastante distantes do seu principal concorrente, como uma gestão mais moderna, visão mais aberta, estímulo de participação de seus integrantes em eventos nacionais e internacionais, entre outros, levando essa cultura à produção de conteúdo, possibilitando a jornalistas, editores e produtores trazer informações e aprendizados externos, que eram adequados às demandas do mercado.

Apesar de não ter atuado diretamente com o jornalismo, sempre esteve próximo de seus agentes. Credencia à Caldas Júnior o ambiente de informação constituído no estado, por sempre terem levado a qualidade da notícia a sério, que de certa forma propiciou o desenvolvimento dos trabalhos da RBS. Lembra que, na época, havia condições limitadas de trabalho e que havia a necessidade de se ir a campo. “O corpo jornalístico da RBS sempre foi estimulado a produzir com qualidade e com um tipo de participação dos proprietários muito positivo”. Em harmonia com Carlos Bastos, não brigavam com a notícia.

A respeito da qualidade jornalística, Sirotsky resgata essa característica nas raízes familiares em que a honestidade, o respeito ao trabalho e os valores comunitários sempre foram preponderantes. Com o tempo, esses elementos foram sendo formalizados nos manuais de redação. A respeito da reportagem, entende que o jornalismo cumpre papel efetivamente importante na sociedade quando é capaz de investigar, criticar e sugerir encaminhamentos e soluções. Para fazer isso, é preciso independência de ordem política e econômica. No primeiro, já enfrentaram a ditadura com variados tipos de censura; no segundo, foram conquistando um caminho que hoje não dependem de nenhuma fonte de receita isoladamente. “Nenhum deles [anunciantes], isoladamente, representaria a ponto de não fazer o registro de uma matéria coerentemente porque está envolvendo aquele segmento”. Sirotsky também lembra que houve um processo de educação do próprio anunciante que, no passado, considerava o ato de cortar a publicidade como o caminho correto, mas hoje a maioria entende essa dicotomia entre a obrigação do meio de comunicação como informador da

sociedade e sua condição de bom veículo de publicidade. “Se você é um adesista a eventual governo, ou pior, se é financiado por esse governo, está completamente fora da credibilidade que precisa ter para ser respeitado por seus usuários, leitores, ouvintes e telespectadores”. Para ele, a credibilidade adequada advém do uso dessa liberdade com a responsabilidade necessária. A respeito dos componentes de uma reportagem, adverte não existir a verdade absoluta, ficando o repórter no dever de procurar as informações e transmitir com as diversas versões, por isso a importância do jornalismo investigativo.

Sobre os motivos que levaram à preponderância de mercado da RBS, Sirotsky credita a conquista não a um desejo monopolista ou oligopolista, mas fruto de um trabalho na direção certa que os levaram a ter grande preferência entre ouvintes, leitores e telespectadores. Coloca Zero Hora no nível de bons jornais brasileiros, com características que sempre quiseram dar de um jornal regional. “O jornal é quase sempre um veículo predominantemente local e regional, mesmo aqueles que se consideram nacionais, quando se vê o conteúdo, são regionais”. Como exemplo, cita o NY Times, Los Angeles Times, Libération, Ouest-France, entre outros. E considera ter conseguido dar essa proposta a Zero Hora, um jornal com características regionais e de repercussão nacional.

O aporte de elementos da vivência de cada jornalista na imprensa gaúcha permitiu-nos visitar um fragmento do modelo que a atividade apresentava no período delimitado entre 1943 e 1959, composto por jornalistas da “geração de 40”. Muitas conclusões e comentários podem ser tecidos a partir dos escritos, mas em linhas gerais, chama-nos atenção o aspecto formativo pelo qual passou grande parte dos profissionais. Observa-se uma geração que construiu seu conhecimento da atividade a partir da experiência prática, geralmente iniciada de forma desafiadora, na qual o jornalista encontrava-se diante de uma situação sem saber a técnica para alcançar o objetivo solicitado por seu superior. Tanto é que nenhum dos profissionais entrevistados concluiu a faculdade de Jornalismo.

Outra característica evidente é a forma como a atividade desenvolvia-se tendo em vista a inexistência de determinadas tecnologias, cujo teor mais forte sobre a temática encontra-se no depoimento de Liberato Vieira da Cunha. Trata-se de um fator relevante na medida em que influenciava no cotidiano da vida do repórter, que obrigava-o a deslocar-se para os locais onde os fatos desenrolavam-se e acentuava ou até mesmo estimulava a proximidade entre as pessoas, no caso, jornalistas e suas fontes, jornalistas e informantes e até mesmo jornalistas e a dinâmica da realidade.

Elemento fundamental no processo de produção da reportagem, as fontes de informação configuram-se, muitas vezes, como ponto de partida, ponto de dialética e ponto

conclusivo do trabalho jornalístico, constituindo-se como parâmetro capaz de ditar o curso que a mensagem vai receber. Além disso, no momento em que um jornalista realiza o contato com sua fonte, inicia-se o que a literatura classifica como “negociação”, um jogo de forças e interesses com cada elemento buscando prevalecer em seu discurso. Dada a relevância do tema, cada jornalista entrevistado para esta pesquisa expressou seu ponto de vista e relatou sua experiência durante o exercício de suas atividades, mostrando-se unânime a presença de valores como honestidade e transparência na construção da confiança para a relação. Também ficou clara a constante presença de interesses que caracterizam essa negociação, exigindo do repórter uma postura inicialmente destacada das versões coletadas de suas fontes. Um caso que mostra-se divergente da média foi relatado por Carlos Bastos, único a manifestar claramente sua posição política e preferência futebolística mesmo atuando em espaços da imprensa que, teoricamente, exigiriam neutralidade pelo menos manifesta por parte do jornalista.

3.2 DIAGNÓSTICO DA IMPRENSA GAÚCHA

Durante as entrevistas, os jornalistas foram questionados a respeito da evolução pela qual a imprensa gaúcha passou desde que iniciaram na atividade até a atualidade. Uma visão pessoal acerca dos pontos positivos e negativos. Cabe destacar, de antemão, que o elemento da tecnologia foi bastante apontado nas análises, sublinhando ser um tema pertinente ao estudo do jornalismo no Rio Grande do Sul. Percebeu-se, também, que alguns profissionais preferiram manter a boa diplomacia, criticando e, ao mesmo tempo, aportando outros pontos de vista que neutralizam sua opinião.

Ruy Carlos Ostermann entende que o jornalismo está bem diferente de sua época para hoje. “Os meios de comunicação são modificados, o processo é acelerado, é simplificado, ganha velocidade, mas perde densidade, perde referência, e esse é o grande dilema do jornalismo contemporâneo: é de fácil captação, mas de difícil apresentação. A reportagem rápida ficou prejudicada porque é apanhada na corrida e nem sempre reproduz aquilo que aconteceu. É um dado equivocado. Então o texto tem que procurar corrigir isso, e não é fácil”. Ostermann critica que hoje se vê matérias com muita informação, mas desordenadamente, ou seja, sem que se tenha o itinerário seguro, porque a facilidade de obtenção dessas informações acaba tumultuando o conjunto e isso é um problema que precisa ser conversado sob pena de cair no descrédito do leitor. Sobre este, afirma: “O leitor hoje está optando olhar nas mídias a informação, e a informação diminuta, restrita, sem desenvolvimento, e está no lugar do que

deveria ser o mais denso, mais demorado, mais bem elaborado. Esse é o problema. Como se passa de um para outro ou de como não se chega a esse primeiro”.

O jornalista exemplifica a partir de um nome, Winston Churchill²⁰, e aponta alguns passos: “Tem que ter a informação básica, mas e aí? Baseia-se naquilo para algo? Em que se apoia depois? Aí está o problema. Exige muito do jornalista autor do texto. Se você não está suficientemente apto a entender o que está acontecendo, você não tem condições de reproduzir e nem de dar opinião sobre isso”. Reclama que estamos caindo num vazio, vez por outra, em que as coisas parecem ser uma coisa, mas são outra. Relata ser comum ver alguma informação desenvolvida como se fosse “a” informação, e tem ainda algumas panes básicas de entendimento que prejudicam o sentido. “O leitor atento se dá conta da superficialidade da informação e da velocidade da conclusão. E dá o descrédito”.

Em seu depoimento, como que inevitavelmente, Ostermann desenvolve seus argumentos influenciado por sua formação em Filosofia. Essa constatação tem lugar quando o jornalista avalia o avanço da tecnologia, em que rapidamente comenta que haviam formas mais lentas e duradouras de informação (linotipo, máquina de escrever, gravadoras etc.) – e que com base nisso armazena-se e organiza-se um universo de coisas – e em seguida parte para a seguinte análise: “Na verdade, você está dentro de um mundo com alta significação. Tudo nele significa, tudo tem importância, tudo nele quer dizer alguma coisa. O problema é que você tem que saber do que se trata. E isso é uma habilitação que tem que desenvolver através de um humildade reconhecimento de que a metade das coisas ou mais você não conhece”.

Para o jornalista, a realidade é móvel, tem várias formas, aparece e desaparece, confunde-se com a imaginação, com a memória. “Tudo faz parte de uma realidade magnífica e ampla da qual se você não tiver uma atitude curiosa, sensata e verdadeiramente respeitosa, você fica aquém disso”. Por isso, indica que o repórter não pode se dar por satisfeito, podendo, até mesmo, criar a dúvida artificialmente, perguntando-se: “Mas será mesmo?”. E orienta que o profissional precisa se dar conta da humanidade que está presente em tudo.

Outro exemplo aportado por Ostermann mostra uma situação em que o repórter entra na redação e seu chefe diz para ele ir imediatamente na prefeitura porque o prefeito está fazendo uma reunião com pessoas interessantes que não se sabe quem são. “Você tem um fiapo de informação: prefeitura, prefeito, grupo de pessoas. Você vai, tenta se aproximar e vai indagando. O prefeito você conhece. Se puder falar com ele, maravilha. Se não puder, tenta os

²⁰ Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965). Primeiro-ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial.

circunstantes. Puxa para o lado: ‘escuta, o que é?’. Tenta verificar. Depois presta atenção no que está acontecendo e só se dá por satisfeito quando terminar a reunião e as pessoas realmente disseram o que foi que fizeram, senão a matéria não está completa e dará uma informação incompleta, que é a pior coisa que existe. A informação mal feita, mal organizada, é péssimo, mas a incompleta, da qual faltam coisas importantes, é pior ainda, porque ela induz as pessoas a imaginarem uma realidade bem mais integrada e muito mais ampla do que na verdade está sendo proposta”.

Questionado a respeito da influência da filosofia na atividade jornalística, Ostermann aponta que essa ciência exige sempre a pergunta, a indagação nova, o avanço. Não se pode ficar parado. “Se estagnar, as coisas passam por você, e é o pior do que pode acontecer”. Essa postura requer uma atitude continuamente curiosa, atenta, indagadora, de verificação das coisas e nenhuma satisfação, no sentido de “chega”. “Não. Por hoje é isso, amanhã continuamos”. Essa análise vai ao encontro do quanto defendido por Celito de Grandi a respeito da necessidade de o repórter se aprofundar na pesquisa o quanto consiga.

Joseph Zukauskas, por sua vez, conta que às vezes interrompe a leitura de algum veículo porque não admite “músico que não sabe juntar notas musicais”. Logo, não admite jornalista que não saiba escrever português. Em sua análise, sempre considerou a Folha de S. Paulo o melhor jornal do Brasil, por seu texto e sua coragem, e aponta que o problema da imprensa – com exceção da revista Veja – é a dependência da publicidade oficial. “O maior anunciante chama-se Governo Federal e ninguém vai colocar em risco sua existência se cortar sua água”.

A partir da leitura de matérias antigas na imprensa regional, o jornalista observou que algumas das informações publicadas eram “chutes”, invenções dos jornalistas. Por isso, admirava profissionais de São Paulo e Rio de Janeiro, mas não cita qualquer referência gaúcha. Durante sua experiência, observou roubo de matérias entre concorrentes e gritos na redação de que não havia matéria e que muitas vezes o chefe da redação conclamava em alta voz a necessidade de matérias para fechar aquela edição.

De acordo com a visão de Carlos Bastos, a imprensa gaúcha já foi melhor no tempo em que existiam dez jornais em Porto Alegre. “Houve uma evolução, o custo operacional foi sendo reduzido e temos a realidade de hoje, ornamentada por mais instrumental e equipamentos”. Para o jornalista, houve diversos avanços tecnológicos que ajudaram o profissional, mas sua crítica reside na acomodação do repórter, cujo lugar é onde ocorrem os fatos, não apenas na redação.

Para Bastos, o jornalista atualmente precisa ter outras qualidades, como rapidez de raciocínio. Destaca a figura do jornalista multimídia, que precisa de uma polivalência de habilidades para falar no rádio, na TV e escrever bem para o jornal. Considera essa realidade boa para o jornalista, mas estafante. Por outro lado, acredita que a especialização em um tipo de mídia é fundamental e mais importante.

O que o jornalista acentua é a consequência que a Internet trouxe para as redações no sentido de acomodar o repórter. “O repórter não sai para a rua e o lugar de repórter é na rua, é onde estão se desdobrando os acontecimentos”. Quando foi superintendente da Assembleia Legislativa, recorda que sempre haviam setoristas de todos os jornais que cobriam os assuntos do local, e que depois essa presença passou a ocorrer somente diante de grandes assuntos. Os jornais passaram a pegar as informações da agência de notícias. “No local, o repórter tem a sua visão. Pela Internet, está comendo pela mão de outro”.

Walter Galvani transparece sua visão humana a respeito da atividade. Entende que a função do jornalista é ser testemunha dos acontecimentos, mas que, para isso, ele precisa ter condições de interpretar o que está vendo. Necessita ter formação, posições firmes, caráter, poder de observação acima do comum das pessoas e saber ver as coisas. Tem que cavoucar, xeretando, perguntando e incomodando. Enxerga-se, em seu depoimento, a necessidade de uma atitude curiosa no centro do jornalista, assim como apontada por Ruy Carlos Ostermann e reforçada por Celito de Grandi. O jornalista como um indivíduo que chama para si a inquietude do saber, para depois revelar com valor para a sociedade a qual serve.

A respeito da atuação da imprensa atual, Galvani observa que, apesar da invasão da tecnologia, ainda existem pessoas que conseguem impor-se, sair do chão e escrever coisas que valem a pena mergulhar no texto. Aponta que isso pode ser feito em relação a qualquer assunto, desde que o repórter contribua com sua visão humanista dos fatos, dos comportamentos etc. Uma tendência que chama sua atenção, todavia, é que a objetividade jornalística é algo que ninguém vai ler por causa da sua divulgação no rádio e na TV. “As pessoas comuns jamais irão além do *lead*”. Como exemplo, durante a entrevista, Galvani abre a edição do dia do jornal Zero Hora e lê uma matéria factual na editoria de “Mundo”. Limita-se ao *lead* e comenta que basta. “Agora, se o repórter colocar no texto uma pessoa envolvida naquele drama de guerra, por exemplo, o leitor lerá”. E antevê: “O que vai sobreviver no jornalismo é o velho conteúdo humano”. O jornalista abre outra matéria do mesmo jornal com o título “Entre porcos e vacas na Úmbria”, escrita pelo repórter Henry Alford (2014) para o The New York Times. Comenta que essa chamada não despertaria sua atenção, mas sim o que

leria depois, no primeiro parágrafo: “O orgulho faz com que nos tornemos idiotas”. Então continuou lendo e considerou uma matéria profundamente humana.

Refletindo sobre sua trajetória, Galvani afirma nunca ter usado gravador escondido ou ter pego informações indevidamente. Recorda uma ocasião em que presenciou “certas coisas” no vestiário de um clube, após uma partida entre Grêmio e Internacional, mas não as reportou porque não tinha provas. Uma virtude que sempre desenvolveu e que considera mais importante que o próprio sucesso profissional foi sua capacidade de fazer amigos e de preservá-los com sua atitude de nunca trair alguém. “Se um dissesse que aquela informação era segredo, eu não divulgava”. Considera essa característica como espontânea e natural de sua personalidade.

Galvani recorda também que na sua época se trabalhava muita mais. Havia menos profissionais nas redações e precisavam se desdobrar trabalhando. Talvez tenha sido essa dificuldade que o fez instaurar o sistema de estágios para alunos de jornalismo na imprensa gaúcha em 1966. Não era chefe de redação, mas organizou esse esquema com outros jornalistas para selecionar os primeiros alunos, sobretudo porque acredita nos jovens. Lembra que Divino Renato Fonseca e Maria Iara Rech (falecida) foram os dois primeiros selecionados pelo sistema de estágios da Caldas Júnior, e acredita que o projeto só teve bons resultados. Rejubila-se com todos os profissionais que ajudou a colocar no mercado, entre eles, Nilson Souza, atual editor de Opinião do jornal Zero Hora, que foi seu estagiário. Apesar de achar fundamental a experiência de vida e cultura do repórter, pensa que não se deve fechar as portas para os mais jovens. Isso o jornalista obtém por meio da sua curiosidade, do seu índice de leitura e de sua dedicação.

A respeito da tecnologia, João Borges de Sousa tem uma visão interessante. Entende que ela é capaz de melhorar o jornalismo, mas que requer uma atenção especial. No caso de entrevistas, por exemplo, observa que diante da fonte, conversando, obtém-se resultados muito melhores, uma qualificação da informação, e afirma que a expressão “olho no olho quero ver o que você diz” é verdadeira, porque se o repórter faz a entrevista e não é dito o que precisa saber, pode perguntar novamente no diálogo presencial. Entende que isso não acontece a distância. “Por e-mail, se envio dez perguntas, recebo dez respostas. Não se pode abusar disso”. Da mesma forma, compara com o uso que se fazia do telefone em seu tempo de redação. O aparelho era utilizado para agendar entrevistas. Lembra que havia um sistema no jornal Última Hora – segundo sua memória – em que era proibido publicar *press release*. O documento era usado como pauta para a notícia e o repórter tinha que saber o que não estava naquele texto, porque ele representava o interesse da fonte. A respeito da imprensa gaúcha

como um todo, atualmente, destaca como positivo a consolidação de veículos do interior (Santa Maria, Bagé, Pelotas, Rio Grande etc.), no sentido de que conseguiram descentralizar a informação.

Para João Borges, o jornalista só vai exercer bem o seu trabalho quando souber o que está fazendo, quando tiver pleno conhecimento daquilo que vai perguntar, daquilo que vai dizer. E que não pode ficar perplexo com o destempero da fonte em alguns casos. O que não se pode fazer é deixar isso em branco.

Na visão de Célia Ribeiro, que investiu grande parte de sua carreira no jornalismo televisivo, muita coisa melhorou na atualidade, especialmente em função da tecnologia, mas observa que hoje há mais sensacionalismo. Entende que a informação é imediata e a repercussão da notícia dura menos do que antigamente. Com o avanço tecnológico, uma notícia se sobrepõe à outra e tudo fica muito rápido. O efeito desse cenário no telespectador é que a sucessão de impactos é maior e causa uma urgência para absorver os meios de comunicação. Como exemplo, cita o Jornal Nacional, que divulga notícias curtas. “Em decorrência da falta de comunicação, os telejornalismos tinham mais espaço para cada notícia porque elas não eram numerosas”. Apesar dessa efervescência noticiosa, jornalistas como David Coimbra²¹, Millôr Fernandes²² e Luis Fernando Veríssimo²³ destacam-se pelo diferencial de texto e de humor que alcançou uma nova dimensão de cultura. “Eles conseguem ser atuais e brilhantes na velhice de um jornal de ontem”.

Em termos de imprensa escrita, lembra que uma marca do passado era o fato de o repórter sempre comparecer aos locais onde ocorriam os fatos, não havendo *press releases* nem assessorias de imprensa fortes como no século 21. Nas redações, no lugar do silêncio atual dos computadores, havia o barulho das máquinas de escrever e dos teletipos com noticiário de agências como Reuters²⁴ e Associated Press²⁵. Recorda que também não havia tanta reunião de pauta e que o telefone era utilizado assim como atualmente.

Liberato Vieira da Cunha aporta uma análise com teor saudosista ao recordar que o jornalismo do passado era mais divertido porque, hoje em dia, entra-se em uma redação e “imperava um silêncio sepulcral”, todos diante de seus computadores. “Antigamente, as

²¹ Porto Alegre (RS), 28/04/1962. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1984. Trabalhou em mais de 10 redações no Sul do Brasil, entre elas: Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina, Jornal da Manhã (Criciúma), RCE TV (SC), Rádio Eldorado (SC), Correio do Povo, Rádio Guaíba e Jornal NH. É editor executivo de esportes e colunista do jornal Zero Hora.

²² Milton Viola Fernandes (1923-2012). Foi um desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, tradutor e jornalista.

²³ Porto Alegre (RS), 26/09/1936. Filho de Erico Verissimo, é um escritor, cartunista, tradutor, roteirista e músico.

²⁴ <http://br.reuters.com>

²⁵ <http://www.ap.org>

redações eram uma zona, com todos falando alto e conversando. Ainda penso como conseguia me concentrar no meio daquela zoeira toda”. Uma de suas críticas reside no fato de que as pessoas se aproximavam mais, havia mais companheirismo e solidariedade. “Hoje a coisa está disciplinada demais. Jornalismo, naquela época, era quase sinônimo de boemia. Ao sair da redação, os jornalistas iam para os bares e se fazia grandes amizades”. Liberato recorda, ainda, que chegou a comprar livros em sociedade com Mário Quintana²⁶ na Livraria do Globo.

Essa redução de contato humano deve-se, basicamente, aos avanços tecnológicos que privam as pessoas do convívio pessoal. “A tecnologia ajudou muito o jornalismo, foi uma grande ferramenta e não pode ser desprezada. Mas também afastou as pessoas”. Apesar dessa circunstância, Liberato acredita que atualmente a imprensa gaúcha tem bons jornais, mas que a atividade já foi mais dinâmica. “Dava mais gosto, mais alegria. Quando a coisa é muito tecnológica, afasta as pessoas das emoções”.

A respeito da reportagem, entende que, quando se faz uma matéria com base em aspectos humanos, ela dá um salto de excelência. Outro elemento importante é a fidelidade aos fatos, a precisão. Entende que a boa reportagem deve ser exata, precisa, veraz, clara e bem escrita. Sobre este último aspecto, comenta que sua “fome de leitura” ajudou bastante. Além disso, comenta que é preciso ter presente que o jornal é uma espécie de consciência ética da sociedade. “A imprensa tem que interpretar a realidade social em que a gente vive. Isso, primeiro, faz-se pela veracidade”. O jornalista lembra que nunca usou gravador escondido e acha a estratégia “golpe baixo”.

Liberato, atualmente, lê os jornais de Porto Alegre, mas avalia que a situação está muito enfeitada. “Em vez de escrever uma sentença declarativa simples, enrolam o leitor com metáforas, não no sentido de enganar, mas fazem firulas. E o jornalismo tem que ser direto ao ponto”. Como modelo de precisão, cita o *The New York Times*.

Celito De Grandi faz uma análise mais otimista, mas também registra sua crítica especialmente com a formação dos atuais repórteres. Para o jornalista, a imprensa hoje está muito mais profissionalizada, pois antigamente havia uma atividade algumas vezes distorcida. Enxerga que hoje há mais consciência de classe, mas enxerga que as escolas de jornalismo não preparam os alunos para o exercício da profissão, e com a chegada da Internet e outras facilidades, a apuração da notícia foi prejudicada. “Precisaria mais exercício de prática de jornal e estímulo à leitura. O jornalista tem que ler muito e se preparar para isso, por isso

²⁶ Alegrete (RS), 30/07/1906. Poeta, jornalista e tradutor, publicou mais de 20 livros e trabalhou nos jornais *O Estado do Rio Grande* e *Correio do Povo*.

matérias como ciências sociais, políticas sociais, antropologia, entre outras, são essenciais para sua formação”.

Em relação às novas tecnologias de comunicação, Jayme Sirotsky entende que já existem bons *digital natives* reconhecidos e confiáveis, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, acredita que ainda existam muitos blogs e sites marcadamente ligados a empresas ou partidos políticos. Questionado sobre as perspectivas do jornalismo no meio digital, Sirotsky destaca a função do jornalista de editor de informações, ou seja, profissional preparado para selecionar adequadamente as informações de forma que o cidadão possa escolher essa fonte. Diante disso, comenta que, até hoje, lê as principais notícias de sete jornais por dia, em média. Busca saber a ótica da Folha, do Globo²⁷, do Valor Econômico²⁸, do The New York Times sobre determinado assunto, mas que resume isso a poucas fontes. “Se tiver quatro ou cinco boas fontes de confiança, serei uma pessoa bem informada. Hoje são milhões de fontes que, infelizmente, produzem muita espuma e pouco conteúdo”.

Dos entrevistados para esta pesquisa com início mais remoto na atividade jornalística, Jayme Copstein enxerga que o problema de hoje está na redação. “O que o pessoal não sabe é escrever”. Durante o diálogo, Copstein lê algumas matérias no jornal O Sul e conclui que o jornalismo tem que dar a informação, não vender. Comenta que o título de certos textos deveriam ser modificados. Por exemplo: “Diretor do DAER é exonerado pelo Governador uma semana depois de assumir o cargo”. Para Copstein, o título deveria ser algo como “Fraude em merenda de escola exonera diretor do DAER”, porque essa é a notícia. Ao ser questionado de que a forma como a abordagem foi feita poderia ser uma estratégia para destacar a figura do governador, o jornalista afirma que se o leitor for contra ou a favor do político, isso não mudará sua opinião.

Em outro exemplo retirado do mesmo veículo, Copstein lê que o Brasil havia sido destaque na imprensa internacional por meio do portal Global Post²⁹, em matéria que afirmava que os turistas estrangeiros nadariam em fezes na cidade do Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo por causa dos problemas de saneamento básico da capital carioca. Para o jornalista, a crítica reside no fato de que ninguém havia ido ao local e constatado essa realidade e que a notícia era o que havia dito o portal norte-americano. Conclui que toda notícia ou reportagem tem que começar pelo o que é mais importante e que isso precisa estar claro ao jornalista.

²⁷ <http://oglobo.globo.com>

²⁸ <http://www.valor.com.br>

²⁹ <http://www.globalpost.com>

Por fim, Lucídio Castelo Branco defende que atualmente existe muita coisa boa, mas que as linhas editoriais são muito reacionárias, como os falsos economistas que pretendem mostrar que o Brasil vai mal ou então um movimento de querer acabar com o governo. Em contraponto, afirma que o Brasil conquistou terceiro lugar no mundo no Produto Interno Bruto e não entende a posição da mídia em querer afundar o governo. Segundo ele, é porque trata-se da esquerda, mas que nem existe mais. Nesse ponto, afirma ser socialista: “Os ricos não fazem bem para o Brasil, mas para eles próprios”.

Nesse momento, recorda um episódio que ilustra a relação de poder entre o público e o privado e que mostra a força que um veículo de comunicação pode alcançar. O Correio do Povo divulgou uma matéria afirmando que o Instituto Parobé iria desabar depois de sofrer um incêndio. Castelo explica que o local era a vedete do então governador Brizola, que chegou a pedir uma audiência para falar com o proprietário do jornal, Breno Caldas. Este chegou a ficar encabulado, dizendo que governador não precisa pedir audiência, e foi até o Palácio Piratini para reunir-se e discutir o assunto. Brizola³⁰ reclamou da notícia publicada e chegou a entregar um parecer de uma comissão técnica contratada pelo estado, que afirmava que o prédio não desabaria. Pediu a Caldas que publicasse no mesmo lugar e com o mesmo destaque, mas o pedido foi recusado. Castelo lembra da afirmação de Brizola: “O senhor é mais importante que o próprio governador, mas dessa sairá arranhado”.

O diagnóstico da imprensa gaúcha por parte dos jornalistas da “geração de 40” mostra-nos uma visão – em grande parte – redutiva da qualidade jornalística ao longo do percurso da atividade até a atualidade. Desde visões saudosistas a análises objetivas de simplificação, colhemos que o modelo e os valores se modificaram com o passar do tempo, não entrando aqui no mérito de suas causas (tecnologia, preponderância comercial, velocidade etc.). Em relação ao uso de novas tecnologias, especialmente a Internet, é quase uniforme a opinião de que um pouco contribui para a profissão, mas que em grande parte prejudica no sentido de acomodar o repórter na redação em vez de confrontar a realidade presencialmente. Outro elemento que se sobressai a partir dos depoimentos trata da crítica a respeito da qualidade textual das matérias publicadas. Mais de uma vez, observa-se ser esta uma característica fundamental ao jornalista, mas que atualmente encontra-se com falhas. Apesar das advertências, colhe-se também visões otimistas sobre a profissão na atualidade, como a profissionalização da categoria e a existência de fontes digitais confiáveis.

³⁰ Leonel de Moura Brizola. Carazinho (RS), 1922-2004. Foi Governador do Rio Grande do Sul (1959-1963) e do Rio de Janeiro (1983-1987). É fundador do PDT (Partido Democrático Trabalhista).

Os jornalistas da geração de 40, realmente, transitaram no interior de um cataclismo. A grande maioria vivenciou um começo árduo na profissão, com pouca orientação do que fazer, e até mesmo desafiante. Essa característica, ao contrário do que se percebe na atualidade, de alguma forma, contribuiu mais na formação de um bom profissional? Ou acaba por atrasar esse processo? São questões que podem incentivar o desenvolvimento de novas investigações. Outra dificuldade (se comparado com a atualidade) reside na existência de instrumentos complexos, como os gravadores, que exigiam esforço em seu deslocamento, até as máquinas de escrever. Porém, avaliar se essas circunstâncias são acretivas ou não à qualidade jornalística, é outra tarefa a ser pesquisada, mas que merece ser aqui comentada no sentido de promover reflexões inevitavelmente pela releitura deste capítulo. Por fim, cabe comentar, também, a respeito da velocidade de produção da notícia. Como exemplificado por alguns entrevistados, o deslocamento do repórter chegou a ser realizado através de bonde, quando muito não ocorria somente a pé. A existência de veículos com motoristas e a construção até mesmo de frotas de alguns jornais tornou-se realidade mais à frente. Com isso, da ocorrência do fato até a chegada do repórter, quanto tempo se passava? De que forma isso afetava sua cobertura? Tornava-o mais dependentes das fontes do que atualmente? Mas certamente o que se sobressai ao final do diálogo com esses 11 jornalistas é o aspecto humano, ou seja, a capacidade de se relacionar com outras pessoas, a habilidade no diálogo, a presença de personalidade e até mesmo o vigor na defesa de suas visões. Esses fatores, por um lado, podem ser ocasionados pela experiência de vida adquirida ao longo do tempo, mas também podem residir nos desafios a que eram submetidos para a construção da própria carreira. Em síntese, trataremos de expor conclusões mais pontuais ao final deste projeto. Serão analisados, agora, os depoimentos dos jornalistas da geração de 60, que permitirá um rico confronto com as entrevistas já realizadas.

4 O JORNALISMO SEGUNDO A GERAÇÃO DE 1960

Neste capítulo são apresentadas as informações e consequentes elaborações feitas a partir das entrevistas com oito jornalistas que iniciaram sua atividade profissional na década de 1960 no Rio Grande do Sul. São eles: Antonio Hohlfeldt, Armando Burd, Elmar Bones, Flávio Porcello, Geraldo Hasse, José Antônio Pinheiro Machado, Juarez Fonseca e Tânia Carvalho. Identificado o início da atividade de cada um, delimitou-se o período entre 1960 e 1969. Da mesma forma procedida em relação aos jornalistas da década de 40, o diálogo com essas fontes orbitou sobre os seguintes temas: histórico profissional, avaliação acerca da atividade no início de sua trajetória e posterior comparação com a atualidade, pormenores em relação à prática da reportagem, atitudes para com as fontes de informação, autorretrato do perfil de atuação, indicação de nomes de jornalistas considerados referência, histórias que contribuam no detalhamento da prática da reportagem no passado e elementos da rotina profissional. Cabe registrar, de antemão, que alguns – aqueles que incorporaram a prática da reportagem quase que integralmente em suas rotinas – ultrapassaram o roteiro de questões e aportaram informações a respeito do caráter, da atitude e da impostação consideradas ideais para um repórter. Isso, a nosso ver, enriquece o espectro de elementos lançados pelas fontes, uma vez que contribui na compreensão de uma mentalidade da época, isto é, como os repórteres que fizeram história no Rio Grande do Sul pensavam a própria atividade no contexto social.

Elmar Bones³¹ foi um dos jornalistas mais referendados por seus pares da década de 60 durante as entrevistas desta pesquisa como profissional que exerceu de forma mais ativa e intensa a prática da reportagem. “Bicudo”, como é conhecido, começou a trabalhar aos 17 anos como editor de anúncios sociais. Sua promoção no A Plateia, de Santana de Livramento, ocorreu graças à qualidade de sua redação, que levou o proprietário do veículo a realocá-lo como revisor. Na época do vestibular, matriculou-se nos cursos de Arquitetura e Jornalismo, em Porto Alegre, sendo aprovado para o segundo.

Seu ingresso no mercado jornalístico porto-alegrense ocorreu por meio de estágio na Caldas Jr., na Folha da Tarde, junto aos colegas Danilo Ucha³² e Kenny Braga³³, que também

³¹ Nascido a 23 de janeiro de 1944 em Cacequi (RS). Iniciou a faculdade de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas não concluiu. Trabalhou na Caldas Jr., integrou a primeira equipe da revista Veja, foi um dos fundadores do Coojornal, editor da Folha da Manhã, correspondente da Gazeta Mercantil, repórter do O Estado de S. Paulo e das revistas Amanhã e IstoÉ e, em 1988, fundou a Já Editores.

³² Danilo da Silva Ucha (1944). Colunista do Jornal do Comércio, já trabalhou em veículos como rádio Farroupilha, Diário de Notícias, Folha da Tarde, rádio Guaíba e O Estado de S. Paulo (correspondente). Fez a cobertura da Guerra das Malvinas, em 1982.

trabalharam no mesmo periódico de Santana do Livramento. Recorda, contudo, que tratou-se de um começo muito difícil, pois era solicitado a produzir matérias complexas. A primeira delas foi a cobertura de uma audiência pública que discutia o futuro da área onde atualmente é o Parque Moinhos de Vento, em Porto Alegre, mas ao chegar às mãos do editor, o texto foi rasgado, posto fora e produzida por ele próprio nova matéria a partir de informações que ouvira no rádio. Prestes a finalizar seu contrato de estágio – e crente de que não seria efetivado –, os diretores da redação foram demitidos e Walter Galvani assumiu o departamento, que buscou apoio junto aos profissionais mais novos e aos estagiários porque a turma considerada mais “antiga” ficara receosa com o novo diretor. A situação levou Elmar a ser contratado como repórter e alocado na editoria de ensino, editada por Sérgio Toqueto, funcionário público que chegava na redação por volta das 18h e apenas utilizava-se dos *press releases* enviados para preencher as duas páginas do tema, conforme o depoimento de Elmar. Seu ingresso, indicado por Galvani, buscava melhorar a cobertura da educação no Estado por meio da produção de algumas matérias. Como seu editor permitia certa liberdade, Elmar partia dos *releases* para aprofundar os temas. Enfatiza que produzia as duas páginas praticamente sozinho, cabendo ao editor apenas revisar ao final.

Elmar recorda que o jornalismo não oferecia muita perspectiva naquela época. Sua remuneração na Folha da Tarde era inferior a um salário mínimo – cerca de 60 cruzeiros –, apesar de trabalhar das 14h até a madrugada, muitas vezes. A situação motivou-o a procurar novo estágio, dessa vez na sucursal do Jornal do Brasil, em Porto Alegre, onde cita ter encontrado jornalistas experientes, com “outra cabeça”, como Abdias Silva³⁴ e Lucídio Castelo Branco. Tratava-se de uma redação relativamente grande, formada por quase uma dezena de jornalistas. Nesse estágio, Elmar passou a ler e prestar atenção nos textos publicados no Jornal do Brasil, chegando a copiar algumas matérias para as páginas que editava na Folha da Tarde.

A partir da entrevista com Elmar, pode-se inferir que uma parte substancial de sua prática em reportagem adveio de sua experiência na Editora Abril, na qual foi um dos primeiros profissionais a integrar a equipe da edição piloto da revista Veja, em São Paulo. Recorda que uma das motivações para concorrer à vaga foi a remuneração proposta: dos cerca de 60 cruzeiros que recebia na Folha da Tarde, seu salário passaria a 300 cruzeiros, além de receber hospedagem e alimentação. À parte essas condições, indica que seus professores

³³ 1944. Trabalhou em jornais como Diário de Notícias, Folha da Tarde e Zero Hora e nas sucursais da revista Veja e dos jornais O Globo e O Estado de São Paulo. Trabalhou nos veículos do Grupo RBS entre 1980 e 2014.

³⁴ 1918–2006. Foi redator dos jornais Correio do Povo, O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil.

seriam os melhores jornalistas de São Paulo, como: Renato Pompeu³⁵, Sérgio Pompeu³⁶, Mino Carta³⁷, Sebastião Gomes³⁸, Luiz Garcia³⁹, José Hamilton Ribeiro⁴⁰, Luiz Fernando Mercadante⁴¹ e Raimundo Pereira⁴². Sobre essa fase, rememora que: “Em São Paulo, o jornalismo era mais profissionalizado. Em Porto Alegre, grande parte dos profissionais era empregada do governo e as reportagens eram incipientes”. Seu confronto com essa realidade no Rio Grande do Sul ocorreu em 1972, quando retornou a Porto Alegre e tornou-se editor da Folha da Manhã. Dispunha de cinco repórteres sem editoria específica para produzirem matérias especiais – com duração média de uma semana até dez dias –, incluindo viagens, levantamentos mais extensos, textos melhor elaborados, fotos mais cuidadas etc.

Interessante observar, a partir de seu depoimento, os motivos pelos quais esse modelo jornalístico não prosseguiu na Folha da Manhã. Destaca Elmar: “A reportagem geralmente é incômoda. Ela vai atrás de um tema que ‘não está aí’ e atinge um interesse. Então a Folha da Manhã começou a bater de frente com o oficialismo, pois a Caldas Jr. era conservadora e havia apoiado os militares”. Sua função como editor durou dois anos. Do grupo de repórteres por ele selecionado, lembra que alguns, após sua saída, fundaram a Coojornal⁴³, sendo o próprio Elmar um de seus primeiros editores e ocupante desse cargo por quase seis anos.

³⁵ 1941–2014. Foi integrante da equipe que fundou o Jornal da Tarde, do Grupo Estado, em 1966. Também atuou na revista Veja como parte do time que criou a revista, e no jornal Folha de S. Paulo.

³⁶ Sérgio Ribeiro Pompeu (1939–2000). Integrou a equipe que fundou a revista Veja em 1968. Em 1981, assumiu o cargo de diretor editorial da editora Abril. Iniciou sua carreira na Folha de S. Paulo, em 1962, participou da criação do jornal Notícias Populares e do Jornal da Tarde. Até se aposentar, em 1991, trabalhou também nas revistas Placar, Guia Rural, Ciência Ilustrada e Globo Rural – foi fundador das últimas duas publicações.

³⁷ Demetrio Giuliano Gianni Carta (1933). Jornalista, editor, escritor e pintor italiano, naturalizado brasileiro. Dirigiu as equipes de criação de publicações como Quatro Rodas, Jornal da Tarde, Veja, Carta Capital e Carta Capital nas Escolas. Foi diretor de redação das revistas Senhor, IstoÉ/ Senhor e IstoÉ. Criou a edição de Esportes do jornal O Estado de S. Paulo e foi colunista do jornal Folha de S. Paulo em dois períodos.

³⁸ Sebastião Rubens “Tão” Gomes Pinto (1939). Participou do lançamento do Jornal da Tarde e foi seu primeiro editor de Esporte. Colaborou também no lançamento das revistas Veja e IstoÉ. Foi repórter especial e colunista da Folha de S. Paulo, e também redator-chefe do Diário do Comércio de São Paulo do Correio de Uberlândia (MG), chefe da sucursal paulista do Correio Braziliense (DF), colunista e blogueiro do portal iG, colunista da Agência Amazônia de Notícias e do site ABC Político, comentarista da rádio Metrôpole (BA) e editor executivo da revista Executive News.

³⁹ 1936. Foi repórter da Tribuna da Imprensa aos 17 anos. Passou pelos jornais O Globo, O Estado de S. Paulo e trabalhou na revista Veja. Foi correspondente internacional de Nova York da Editora Abril.

⁴⁰ 1935. Passou pelas redações de Realidade, Quatro Rodas, Folha de S. Paulo e dos programas Globo Repórter, Fantástico e Globo Rural.

⁴¹ Luiz Fernando de Azevedo Mercadante (1936–2012). Começou sua carreira no jornalismo na sucursal paulista da Tribuna da Imprensa. Trabalhou no Jornal do Brasil, no Estado de S. Paulo, no Jornal da Tarde, na TV Globo e nas revistas Manchete, Veja e Realidade.

⁴² Raimundo Rodrigues Pereira (1940). Integrou a equipe que lançou a revista Veja. Dirigiu o Jornal Movimento, a Revista Senhor, a enciclopédia e a revista Retrato do Brasil. Foi repórter da revista Realidade, Ciência Ilustrada, Veja, IstoÉ e Folha da Tarde.

⁴³ Primeira cooperativa de jornalistas do país, contava com 66 jornalistas associados e especializou-se em editar publicações para terceiros, como *house organs*, chegado a publicar mais de uma dúzia de periódicos. Em 1976,

A respeito do exercício da reportagem, Elmar também faz referência ao período em que foi correspondente da revista *Veja* no Paraná, especialmente sobre a temática da disputa por terras, com a qual iniciou seu contato com os pormenores da atividade. Recorda que a publicação havia percebido o país como ilhas, em que as informações não chegavam de um local ao outro. Justamente, esta foi uma das propostas de *Veja*: integrar o Brasil do ponto de vista da informação. Nesse sentido, por exemplo, faziam matérias nacionais, como a grilagem de terra no Paraná, no Pará e no Maranhão e enviavam um repórter para cada região para abordar o assunto. Nesse contexto, Elmar aponta guiar-se muito pelo estilo de jornalismo norte-americano e observa de maneira crítica a prática da reportagem no país. Frisa que: “De um modo geral, a profissão de jornalista no Brasil era *office boy* de luxo. Muitas vezes se tinha um segundo emprego. Os jornais, por sua vez, eram muito formais, e mais importante que os repórteres eram os articulistas ou os setoristas”. Ainda sobre essa época, Elmar realça a influência que a revista *Realidade*⁴⁴ exerceu em uma geração inteira de profissionais. Entre eles, cita Sérgio de Souza⁴⁵ e Paulo Patarra⁴⁶.

Elmar entende que a boa reportagem deve ser um relato o mais direto e simples possível de um fato e de suas circunstâncias. As circunstâncias servem para dimensionar e valorar o fato central, que precisa desse suporte para ser compreendido. O texto deve ser minimamente adjetivado e com o máximo de informações objetivas e comprovadas. Destaca que: “A reportagem é cara, exige um trabalho enorme e geralmente envolve um risco. Tem que mexer num tema de interesse, aprofundá-lo e esclarecê-lo. São coisas que vão bater em interesses que não querem que isso aconteça. É complicado”. Ao refletir sobre o seu próprio estilo de reportagem, Elmar percebe a si mesmo como alguém que prefere definir um tema mal abordado para aprofundá-lo e relacioná-lo, ao contrário de outros repórteres que deslocam-se para determinado local e extraem uma história inédita. Não considera-se agressivo. Entende que um bom redator pode até fazer um relato emocionante de uma situação, “esquentando” determinadas passagens, mas ao escrever prefere ser mais frio, podendo inclusive ser menos convincente. Como exemplo, recorda o primeiro perfil publicado na imprensa sobre Golbery do Couto e Silva⁴⁷ produzido por Elmar quando trabalhava no *Coojornal*. Relata que: “Fiquei 15 dias em Brasília tentando falar com ele, mas

a cooperativa lançou o seu próprio periódico, o *Coojornal*, sendo reconhecido como um dos mais importantes alternativos editados fora do eixo Rio-São Paulo.

⁴⁴ Publicação da Editora Abril lançada em 1966 e produzida durante 10 anos consecutivos.

⁴⁵ 1934–2008. Foi editor e um dos fundadores da revista *Caros Amigos*, com passagem pelos veículos *Folha de S. Paulo*, *Realidade*, *Quatro Rodas* e *TVs Globo* e *Bandeirantes*.

⁴⁶ 1933–2008. Passou pelos veículos *O Estado de S. Paulo*, *Última Hora*, *Quatro Rodas*, *Jornal do Brasil*. Criou a *Vejinha* e participou do projeto de elaboração da revista *Realidade*.

⁴⁷ 1911-1987. Nascido em Rio Grande (RS), foi general e criador do Serviço Nacional de Informações (SNI).

não me recebia. Conversei então com amigos seus e publiquei a matéria sem entrevistá-lo. Não foi algo bombástico, mas teve grande impacto por causa do ineditismo da matéria”. Outra consideração que traça sobre sua natureza de repórter diz respeito à relação com suas fontes de informação. Defende a necessidade de um vínculo de grande respeito e de transparência. Em seu exercício profissional, recorda nunca ter usado gravador escondido ou se confrontado com a necessidade de divulgar uma informação passada a ele em *off*⁴⁸. Entende que: “O jornalista tem um compromisso com a ética e precisa fazer jus ao fato de que a fonte o respeita como ente da sociedade que goza de uma fé pública”. Em sua rotina, o gravador passou a ser usado quando sua memória começou a falhar. Até isso ocorrer, considerava-a capaz de registrar as informações que necessitava.

O último aspecto da entrevista tratou da avaliação sobre a prática da reportagem na atualidade. Elmar percebe que não é fácil fazer reportagens muito reveladoras, principalmente quando envolve o poder público “porque as instâncias oficiais têm consciência aguçada da importância da informação e o trabalho do jornalista acaba sendo cerceado”. Percebe que muitos repórteres, atualmente, avançam o sinal ao publicar conclusões cujas informações apuradas não autorizam, e critica os jornais que dedicam poucos recursos para a reportagem, como Zero Hora, que, segundo conta, investe em tecnologia da informação e digitalização, e quando destina meios para a redação, é apenas para ganhar prêmios que conferem prestígio (ARI, Esso etc.).

Geraldo Hasse⁴⁹ foi outro jornalista que enveredou pela prática da reportagem de maneira mais aprofundada e dedicou a maior parte de sua carreira em veículos de São Paulo. Seu primeiro contato com o jornalismo ocorreu durante suas férias de julho de 1965, aos 18 anos, em Cachoeira do Sul (RS), onde professores da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI) como o chargista Sampaio⁵⁰, Celito De Grandi, Alberto André⁵¹ e Sérgio Jockymann⁵² realizaram um curso elementar sobre jornalismo durante três dias. Recorda que participou porque a atividade já chamava sua atenção, considerava-se bom em redação e não havia muito

⁴⁸ *Off the record* (informação passada ao jornalista por uma fonte que não quer se identificar).

⁴⁹ Nascido a 25 de abril de 1947 em Cachoeira do Sul (RS). Graduado na segunda turma de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas em 1968. Iniciou sua carreira em veículos de Pelotas e, logo após de formado, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou nos principais veículos do país, como Veja, Gazeta Mercantil, Exame, Folha de S. Paulo e Globo Rural.

⁵⁰ Pseudônimo de Paulo Sampaio (Uruguaiana, 1931-1999), irmão do também cartunista Sampaio. Foi um cartunista e caricaturista, que trabalhou nos jornais A Hora, Diário de Notícias, Folha da Tarde, Folha Esportiva e Correio do Povo, de Porto Alegre.

⁵¹ Porto Alegre, 1915-2001. Jornalista e político, exerceu o cargo de presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) em 1956.

⁵² 1930-2011. Nasceu em Palmeira das Missões (RS). Foi um jornalista, romancista, poeta e dramaturgo. Nas eleições de 1988, foi candidato derrotado à prefeitura de Porto Alegre (RS).

o que se fazer na cidade naquele período. Ao final, recebeu diploma de participação, associou-se à ARI e retornou a Pelotas – onde seu pai morava – para trabalhar como redator na Rádio Tupanci, cujo diretor era Gilberto Gomes⁵³, no dia 1º de setembro daquele mesmo ano.

No começo da profissão, sua rotina começava às 8h para gravar o Repórter Esso⁵⁴, da Rádio Farroupilha, e às 9h gravava o Correspondente Renner⁵⁵. Raramente escutava emissoras do eixo Rio–São Paulo. Sua função era escutar os programas e redigir notícias – muitas vezes copiadas – com média de cinco linhas para um locutor que as lia. Recebia um salário mínimo e trabalhava oito horas por dia. À tarde, geralmente, percorria determinados locais na cidade, como prefeitura, Câmara, Delegacia de Polícia, Associação Comercial (que noticiava sobre a chegada e saída de navios), Centro das Indústrias (com informações sobre a safra de pêssego e demandas dos industriais) e sindicato dos metalúrgicos em busca de novidades. Não usava gravador, apenas um bloquinho para anotar, e participava de eventos, como inaugurações. Destaca que essa era a reportagem no interior do estado. Em Pelotas, naquele período, recorda que a imprensa era formada pelo jornal Diário Popular e por mais duas emissoras de rádio AM (a Cultura e a Pelotense), todas com programação jornalística, programas de auditório e programas esportivos. Na própria Tupanci, aponta nomes de bons jornalistas como Arlindo Porto, Rubens Lisboa, Isabelino Tavares, Alcebíades Barbosa, Elias Soares, Fernando Gomes, Nataniel Soares e Claudio Andara.

Uma das contribuições que Geraldo identifica ter feito à Tupanci foi em relação ao formato como as notícias eram apresentadas. Recorda que o diretor de jornalismo da rádio defendia o “nariz de cera” para deixar o impacto da notícia para o final, e que conseguiu inserir o modelo de pirâmide invertida muito em função do que havia aprendido no breve curso da ARI. A respeito do estilo de trabalho do diretor da rádio, rememora que tratava-se de um jornalista com viés comercial, pois apresentava programas de escolha de personalidades da cidade e até louvava algumas pessoas. Ressalta que: “Jornalismo do interior tinha essa coisa, que até hoje é presente com a coluna social. Trata-se de um espaço que não é jornalístico, mas uma página comercial de puxação de saco”.

No ano seguinte, em 1966, ingressou na segunda turma do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Não recorda se houve vestibular, até porque havia menos candidatos do que vagas. Lembra que eram 14 pessoas interessados no curso e, ao

⁵³ Gilberto Amaral Gomes (1937–2014).

⁵⁴ Noticiário internacional patrocinado pela *Standard Oil New Jersey* (Esso) e apresentado no Brasil entre 1941 e 1968.

⁵⁵ Apresentado na Rádio Guaíba durante 53 anos, sendo 46 deles pelo radialista Milton Ferreti Jung.

final, formaram-se apenas cinco: Geraldo, Marlene Gonçalves, Nice Mecking, Zaida Guterres e o tenente Alberto, que trabalhava como relações públicas da Brigada Militar. O coordenador do curso era Joaquim Pinho, professor de técnica de jornal, considerada a aula mais importante. Sobre a faculdade, Geraldo aponta que a maioria dos estudantes tinha interesse apenas no diploma, porque já tinham uma profissão (dentista, professor etc.). Ele foi um dos poucos militantes na atividade. Nessa fase, participou também no jornal “Atuação”, de 16 páginas, criado durante o curso.

Outro detalhe que Geraldo traz à tona em relação à imprensa no interior do estado trata do duplo emprego que os jornalistas exerciam. Na prefeitura, por exemplo, conversava com o chefe do gabinete, Clayr Lobo Rochefort⁵⁶, que também dirigia o Diário Popular – pertencente à família do prefeito. Relata Geraldo: “Naquela época, os jornalistas ganhavam pouco no jornal e um pouco mais no serviço público, então eram ‘chapa branca’”.

Foi nesse jornal, justamente, que Geraldo começou a trabalhar em 1967. O secretário do dia era o coordenador do curso de jornalismo na UCPel, que também mantinha uma pequena agência de propaganda. Recorda que no periódico o trabalho era mais denso do que no rádio, mas sua atuação limitou-se mais a traduzir do espanhol as notícias providas da agência France Press⁵⁷, serviço contratado em 1967 através de um teletipo, especialmente as matérias sobre a Guerra do Vietnã e as manifestações de maio de 1968. Destaca que: “Foi uma experiência importante porque peguei o macete da notícia internacional”. Pelo mesmo aparelho, também eram enviadas notícias da AJB (Agência Jornal do Brasil) que, segundo Geraldo, era a melhor agência de notícias do Brasil e o melhor jornal, o modelo para os estudantes de síntese jornalística, de pauta e de diagramação.

De Pelotas, Geraldo mudou-se para São Paulo em abril de 1969, onde trabalhou em veículos como Popular da Tarde, Veja, Gazeta Mercantil, revista Exame e Guia Rural. Especializou-se na editoria de economia. Chegou a ser aprovado no vestibular para o curso, mas não ingressou na faculdade. Aponta que, sobre a matéria, existe uma complexidade por causa de expressões que as pessoas comuns não entendem. Seu aprendizado ocorreu por meio de colegas, de leituras, de cursos de extensão e com os próprios entrevistados. Da economia, Geraldo derivou para a área agrícola porque “ninguém gostava do assunto na Veja”. Para ele, o tema era familiar por causa de sua origem e a primeira capa que a revista deu ao assunto foi

⁵⁶ 1928–2012. Foi diretor de jornalismo do Diário Popular, de Pelotas, onde trabalhou desde 1948. Também foi cofundador, vice-presidente e depois diretor jurídico da Associação Brasileira dos Jornais do Interior (Abrajori) e da *Asociación Latino-Americana de Periódicos del Interior* (Alapi). Era integrante do Conselho Deliberativo da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI).

⁵⁷ Agência de notícias francesa fundada em 1835.

de uma matéria escrita por ele em 1974. Era o momento de grande efervescência da soja no país.

A respeito da prática da reportagem, Geraldo entende que metade da atividade é composta pela investigação feita previamente em arquivo. Recorda que a revista *Veja* chegou a ter 60 pessoas trabalhando no setor criado para a documentação de outras reportagens e diferentes materiais informativos, que serviam de ponto de partida para a elaboração das matérias. Sobre seu próprio estilo de trabalho, Geraldo destaca que sempre considerou importante sua presença física nos locais, muitas vezes dirigindo-se sem avisar, “querendo a fonte ou não que a matéria fosse feita”. Reporta uma matéria produzida para a *Veja* na qual viajou à Amazônia para mergulhar no assunto da construção de uma grande obra. Lembra os detalhes de sua investigação: entrevistar gerente da obra, gerente do projeto elétrico, hidráulico, peões, empregados, entrar nos dormitórios, sentir como era a comida etc. Confessa sempre ter sido muito metódico no sentido de escrever somente quando estivesse convicto do assunto, e baseia-se nessa característica para criticar o modelo que a prática jornalística assumiu na atualidade. Sobre essa, Geraldo enxerga que o “modus operandi” mudou muito e que está muito determinado pela tecnologia. “Atualmente, o jornalista não vai ao arquivo, trabalha de casa e consulta a Internet”. Contudo, entende que a informação na Internet não está pronta. Sobre essa mudança tecnológica, percebe o jornalismo impresso tradicional em declínio e o relaciona com a evolução dos meios de transporte, no sentido de que o surgimento de um novo não extingue o precedente, mas coexistem. Assim, considera que o jornal impresso vai continuar existindo, mas com escala menor e talvez com outro papel.

Outra questão pertinente tratada por Geraldo diz respeito à ingenuidade que muitas vezes reside nas pessoas. Afirma que: “A redação não é tão independente quanto a gente pensa. Existe um editor, que responde a um empresário, que mantém seus interesses, precisa fechar o caixa etc.”. Na época em que trabalhava em São Paulo, não se dava conta dessa realidade. Detalha também que as redações eram enormes e que defendiam bandeiras. Lembra que na *Veja*, por exemplo, haviam ícones como Lamarca⁵⁸, Marighella⁵⁹, Celso Furtado⁶⁰, Fernando Henrique Cardoso⁶¹ e Eduardo Suplicy⁶², e que o dono da revista, Victor Civita⁶³,

⁵⁸ Carlos Lamarca (1937–1971). Um dos comandantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização da guerrilha armada que combatia o regime militar no Brasil.

⁵⁹ Carlos Marighella (1911–1969). Fundador do maior grupo armado de oposição à ditadura militar, a Ação Libertadora Nacional.

⁶⁰ Celso Monteiro Furtado (1920–2004). Economista, membro da Academia Brasileira de Letras, criador da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e Ministro do Planejamento no governo de João Goulart.

⁶¹ 1931. Sociólogo, cientista político, filósofo, professor universitário, escritor e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil (1995 a 2003).

mantinha negócios com o governo. Aponta que pode ter sido esse modelo de redação que forjou a visão de que jornalista é uma espécie de sacerdote, que exerce primeiro por dever, não para ganhar dinheiro. Tanto é que Geraldo destaca o fato de nunca ter conseguido guardar dinheiro, apesar da intimidade com temas econômicos. Geraldo também lamenta, de certa forma, o fato de que hoje as redações funcionam com redes de repórteres autônomos remunerados como pessoa jurídica, cujos elos, muitas vezes, são tênues, às vezes afetivos entre o editor e o repórter. Destaca que: “Não existe mais aquele vínculo ideológico ou ético-profissional como antigamente”.

Ainda sobre esse modelo de redação, Geraldo denota certo descontentamento ao fato de que, na época em que trabalhava na Veja (década de 70-71), a redação estava acima do marketing da empresa jornalística. Lembra que todos os departamentos trabalhavam para ajudar a redação a ser bem sucedida. O comercial, por exemplo, não tinha acesso às matérias que estavam sendo produzidas para evitar um confronto de interesses. Diferentemente dessa realidade, percebe que a lógica mudou, e cita que, na véspera da realização desta entrevista, por exemplo, estava produzindo uma matéria especial sobre a Expointer⁶⁴ para a revista Globo Rural, da Editora Abril, e precisava atender os interesses comerciais da publicação escrevendo sobre a indústria de tratores. Afirma que: “O jornalismo era mais livre e independente. Não que fosse autônomo, mas não era subordinado como hoje. O problema é que ficou constrangedora essa relação do marketing com o jornalismo. Hoje pisam em nós”.

Ao refletir sobre os fundamentos da prática jornalística, Geraldo avalia que as regras da atividade não mudaram com o passar do tempo. Destaca algumas: busca pela verdade, respeito pelo leitor e pela fonte, as perguntas básicas – o que, quem, quando, onde, como e por que – e também por que sim ou por que não e ouvir todos os lados envolvidos no fato. Em essência, enxerga o jornalista como um intermediário entre as fontes de poder e de notícia e os leitores ou aquele que ajuda as pessoas a pensar. Considera o profissional da imprensa alguém que pode agir demagogicamente ou democraticamente e defende a segunda forma, no sentido de seguir corretamente as regras da profissão. No seu entendimento, o repórter precisa ser curioso e questionador. Não pode sentir vergonha de perguntar. No que tange o relacionamento com as fontes de informação, lamenta nunca ter conseguido mantê-las, mas porque não as cultivava, não tinha paciência. Considerava desagradável observar os colegas telefonando todos os dias para suas fontes, muitas vezes bajulando-as. Exemplifica: “Tinha

⁶² 1941. Economista, professor universitário, administrador de empresas e político brasileiro.

⁶³ 1907–1990. Jornalista e empresário brasileiro nascido nos Estados Unidos e naturalizado brasileiro. Fundou a Editora Abril em 1950.

⁶⁴ Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários.

até vergonha de ligar para um empresário depois de uma entrevista”. Apesar dessas constatações, sabia da importância de se ter fontes de prestígio, como presidentes de federações, mas admite preferir estar próximo a fontes econômicas de esquerda. Sobre essa questão, traça um paralelo com a realidade que enxergava em São Paulo, de que havia dificuldade em se ter fontes de informação na área econômica porque a tendência do empresário era selecionar alguns poucos jornalistas para passar as suas informações. Então um principiante era recebido por condescendência.

A última questão da entrevista tratou do diagnóstico que Geraldo faz da imprensa gaúcha. Em linhas gerais, considera-a superficial, apesar de ter melhorado tecnicamente e na aparência, porque considera igual a maior parte das notícias. Analisando especificamente alguns veículos, enxerga como vantagem do *Correio do Povo* o fato de se poder ler as notícias rapidamente. Em relação aos demais jornais, considera-os irritantes porque são tendenciosos e manipulativos, como se houvesse um dedo na matéria que não é apenas do repórter. Aponta que não consegue ler *Zero Hora* sem se irritar, mas que admira seus cronistas, como Luis Fernando Veríssimo⁶⁵ e David Coimbra⁶⁶.

Outro jornalista que compõe a gama de entrevistados da geração de 60 é **Antonio Hohlfeldt**⁶⁷. Seu primeiro contato com o jornalismo iniciou, de certa forma, por influência de seus avós paternos e de seus pais, que assinavam o *Jornal do Dia* e o *Correio do Povo*, com quais desenvolveu o gosto pela leitura de periódicos. Contemporaneamente, o rádio também sempre foi um aparelho ativo em sua residência – sintonizado, sobretudo, na rádio Farroupilha –, construindo assim os principais veículos com os quais Hohlfeldt mais trabalhou em sua carreira. O início dessa trajetória aconteceu quando ele ainda tinha cerca de 10 anos, em consequência da sua participação nos concursos promovidos pela página *Correio do Povo Infantil*, publicada aos domingos no início da década de 1960, nos quais Hohlfeldt rememora ter ganho muitos livros e que também exigia seu deslocamento até a redação para retirada dos prêmios. Nessas visitas, teve a oportunidade de conhecer Maria de Lourdes Sá Britto, então editora da página infantil, que o convidou a escrever pequenas histórias para o

⁶⁵ 1936. Filho de Erico Veríssimo, é jornalista, escritor, cartunista, tradutor e músico.

⁶⁶ David Wagener Coimbra (1962). Diretor executivo de Esportes e colunista de *Zero Hora*.

⁶⁷ Nascido a 22 de dezembro de 1948 em Porto Alegre (RS). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1973, além das funções jornalísticas, ocupou o cargo de assessor na Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, em 1972, e na Secretaria de Estado da Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul, entre 1978 e 1981. Em 2002, foi eleito vice-governador do Rio Grande do Sul.

veículo, e Paulo Fontoura Gastal⁶⁸, editor de cultura do Correio do Povo que trabalhava próximo a ela.

Sua formação acadêmica foi complementar. No Ensino Médio, era colega de futuros escritores, como Caio Fernando Abreu⁶⁹ e João Gilberto Noll⁷⁰, que ingressaram no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o motivaram a fazer o mesmo. Em paralelo, também cursou Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde criou um jornal com colegas como Ana Amélia Lemos⁷¹ e Geraldo Canali⁷² no final do primeiro ano, cuja sexta edição estampava: “Famecos sem direção”, criticando o então diretor da Famecos, Claudio Gularte Candiota⁷³, que pouco comparecia à faculdade. Como consequência, foi expulso do curso e readmitido meses depois. Não concluiu a graduação em Jornalismo.

No rádio, sua incursão ocorreu por meio de um colega de aula, Vanderlei Cunha⁷⁴, que fazia programas aos domingos na rádio Metrópole e o convidou a participar comentando cinema, teatro e literatura. Por indicação do diretor da emissora, Paulo Diniz, aproximou-se efetivamente de Paulo Fontoura Gastal, que o convidou a escrever artigos sobre cinema na Folha da Tarde. Mais tarde, o periódico criou a Equipe das Terças, formada por jovens estudantes universitários, que se reuniam com Gastal, assistiam aos filmes que estreavam e redigiam pequenos artigos de 20 a 40 linhas conforme sua importância. No dia seguinte, a Folha publicava uma página inteira com as críticas de todos os filmes. Foi graças a esse envolvimento que passou a se tornar colaborador efetivo da Folha da Tarde, até porque, como destaca o entrevistado, era mais barato contratá-lo do que pagá-lo por artigo produzido.

Hohlfeldt nomina o Correio do Povo – especialmente por meio da figura de Breno Caldas – como responsável por uma formação singular na sua carreira. A começar pelo espaço que o jornal dedicava à cobertura cultural. O entrevistado relembra que, apesar do tamanho *standard*, era possível redigir matérias de sete a oito páginas. Para as edições de

⁶⁸ 1922–1996. Responsável maior pela fundação do Clube de Cinema em 1948, foi colaborador de publicações de orientação marcadamente de esquerda, como as revistas “Liberação”, “Nossos Dias” e “Horizonte”. Marcou sua trajetória no Correio do Povo.

⁶⁹ 1948–1996. Jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro.

⁷⁰ 1946. Escritor, publicou 13 livros. Recebeu inúmeros prêmios, incluindo o Prêmio Jabuti em cinco ocasiões, em 1981, 1994, 1997, 2004 e 2005.

⁷¹ 1945. Trabalhou durante 33 anos no Grupo RBS. Em 2010, abriu mão do ofício para concorrer pela primeira vez a um cargo eletivo. Foi eleita senadora.

⁷² 1949. Jornalista, foi repórter da Rede Globo na década de 1980 e ancorou telejornais na Rede Bandeirantes entre 1994 e 1998.

⁷³ 1922–2012. Foi o primeiro diretor da escola de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1964. Foi repórter e diretor do jornal A Razão, de Santa Maria, e correspondente da revista O Cruzeiro.

⁷⁴ 1948. Radialista.

domingo, produzia reportagens fruto de entrevistas com artistas que visitavam Porto Alegre ou que começavam espetáculos na cidade ou então uma ou duas matérias com artigos de fundo sobre artistas plásticos, escolas e questões culturais em geral. Para as edições de sábado, redigia artigos de crítica. Outro elemento que contribuiu nesse processo de formação distinta foi o fato de que, quando viajava ao exterior para participar de congressos ou outros eventos, o Correio do Povo financiava suas despesas, permitindo-lhe visitar museus e participar de outras atividades culturais.

O jornalista cita um episódio do qual se pode inferir um modelo de atitude que constituía os profissionais desta geração. Diante do desafio de produzir sua primeira entrevista com um artista plástico – considerando que nada entendia do assunto –, foi orientado por Gastal a estudar quem era a pessoa, recebeu algumas indicações de seu editor e partiu para a entrevista. Antes da conversa, demonstrou franqueza e humildade ao dizer-lhe que trabalhava na área de cultura, mas que não conhecia o tema das artes plásticas. Ao final, tornou-se grande amigo dessa fonte.

Um dos resultados dessa formação promovida pelo Correio do Povo, e também, de certa forma, valorizada e realizada pelo próprio jornalista, foi o fato de que permitiu-se exigir entrevistas exclusivas, uma vez que falava bem francês e espanhol e, durante as coletivas, por exemplo, acabava fazendo entrevista para os jornalistas de outros veículos. Nesse contexto, de uma forma ou de outra promovia um encontro a sós com a fonte. Além disso, lembra que seus questionamentos eram mais pertinentes, não fazia pergunta “besta” e normalmente conhecia a obra da pessoa. Com isso, passou a ter maior qualificação. Outra atitude que contribuiu nessa diferenciação profissional foi a proatividade em assistir, por conta própria, espetáculos em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, sobre os quais, posteriormente, tecia comentários e até entrevistava os participantes sem a solicitação inicial do veículo para o qual trabalhava. Trata-se de um posicionamento de dinamismo autônomo, ou seja, um modelo de inquietação profissional de antecipação, de risco, de compreensão de que a atualização e qualificação profissional é uma responsabilidade e uma carga exclusivas do próprio jornalista. Destaca que: “Aprendi aquela reportagem de rua, de não ficar com a bunda na cadeira e telefone na mão ou fazendo pesquisa na Internet”. Em complemento, afirma não ser contra esses mecanismos, mas defende que não eliminam a necessidade de se ir para a rua.

Talvez tenha sido esse comodismo um dos responsáveis pela crítica que Hohlfeldt traça sobre a qualidade da reportagem praticada atualmente em Porto Alegre. O jornalista alega que a maioria dos profissionais não tem formação cultural ou generalista capaz de avaliar os elementos que estão promovendo, gerando assim matérias sectárias, de certa forma

fechadas. A mesma avaliação, porém, não se aplica a veículos de São Paulo, especialmente em relação a O Estado de S. Paulo ou à revista Veja. Como exemplo, cita a cobertura da manifestação das Diretas Já⁷⁵ em fevereiro de 2004 pelo Estadão, na qual havia 22 repórteres na rua sob edição de Carlos Brickmann⁷⁶. Aponta Hohlfeldt: “Ler esta matéria é como uma cobertura de televisão, com *takes* de todos os ângulos. Isso é uma reportagem”. Apesar da comparação, o jornalista é sensível à realidade ao apontar que produzir uma reportagem é um processo dispendioso, que exige tempo, deslocamento e equipe, isto é, requer do veículo uma série de componentes, especialmente espaço. Recorda que, em seu tempo, era possível fazer entrevistas de dez laudas de 20 linhas, sendo autorizado desenvolver assuntos mais a fundo, traçar um perfil do sujeito e explicar as coisas ao leitor. Critica que: “Hoje se faz perguntas bestas, o cara responde bestamente e ainda se corta, porque não cabe”. O entrevistado diz ter conhecido médicos que se negam a dar entrevista a menos que o jornalista se comprometa a não editar, porque, do contrário, a mensagem final acaba sendo diferente.

Apesar dessa avaliação, Hohlfeldt retorna ao elemento humano necessário para a concretização da reportagem e entende que fatores como salário ruim, não formação das pessoas e a pressa em finalizar a matéria são outras características que comprimem a prática jornalística. Observa que os jornalistas se formam, mas não retornam à faculdade para se qualificar, e que o salário não permite viajar ou ter uma formação continuada. Em contraponto, vê na cultura da Folha de S. Paulo uma tentativa de melhoria nesses aspectos, exigindo que seus jornalistas tenham mestrado. Contudo, entende que pode-se cair num jornalismo pedante e autossuficiente. Afirma Hohlfeldt: “O jornalista tem que ser uma pessoa bem informada sob todos os aspectos, culturalmente falando. Apesar de toda tecnologia, o fazer jornalístico é mais difícil hoje porque está mais preso e controlado por rubricas e rotinas”.

Outro elemento que o jornalista considera absurdo é o fato de o jornal de domingo estar nas bancas às 16h de sábado. Recorda que, na sua época, a edição dominical era finalizada por volta das 19h do dia anterior para ser impressa nas últimas horas do dia e estar nas ruas domingo cedo. Entende que isso significa “cobrir em cima”. Hoje, observa que o jornal de domingo é uma “revista de semana”, geralmente com notícias velhas e, salvo situações específicas, com uma ou outra matéria de última hora.

⁷⁵ Movimento político em defesa das eleições diretas, com início em 1983.

⁷⁶ 1944. Foi editor-chefe da Folha da Tarde; diretor de telejornalismo da Rede Bandeirantes; editor de Internacional da Folha de S. Paulo; repórter especial, editor de Internacional, de Política e de Nacional do Jornal da Tarde.

Em relação à temática das fontes de informação, Hohlfeldt entende que o banco de fontes se constitui ao natural ao longo do tempo e que, para ele, foi fundamental quando ocupou o cargo de editor do caderno de sábado do Correio do Povo. Para publicar artigos redigidos por convidados de diferentes estados do país, recorda que precisava enviar uma carta e tentar contato telefônico para depois de dois ou três meses receber os textos. No dia a dia da reportagem, observa que possuía fontes para cada área e revela orgulho em dizer que, de modo geral, nunca foi desmentido de uma matéria que fez. Considerava fundamental ser fiel à posição que sua fonte tinha defendido. Nas ocasiões e ambientes em que frequentava, encontrava-se permanentemente com suas fontes, mas de modo natural, espontâneo, não considerava-se formal sobre esse tema. Aponta, também, que, naquele tempo, Porto Alegre não era tão grande como atualmente, e que isso fazia ser mais frequente o número de encontro com as mesmas pessoas.

Outra consideração importante sobre o tema das fontes de informação trata da autonomia do jornalista para a seleção dos depoentes sobre algum assunto. Hohlfeldt aponta que, para determinado tipo de matéria, selecionava uma fonte específica. Destaca que: “Às vezes precisava da fonte oficial para ter números ou dados concretos. Em outros momentos, queria escutar o pessoal do contra. Dependia do foco que eu estabelecia”. Se não se dava por satisfeito em relação a um depoimento, buscava informação em outra fonte para fazer contraponto.

Questionado sobre o processo de rotinização que pode prevalecer no cotidiano jornalístico, Hohlfeldt acredita que se trata de uma situação que apenas piora o trabalho, e que, além disso, automatiza e torna mecânica a atividade. Um dos exemplos aportados afirma que o jornalista precisa ter uma fonte para explicar determinado fato, mas consultar outra para ter novas ideias. Em seu caso, relembra que sempre procurou escutar o maior número de pessoas de uma peça em cartaz quando seu trabalho era escrever a seu respeito. Ou então redigia duas a três matérias ao longo da exposição daquela manifestação. Aponta que dialogava com o diretor, dramaturgo ou produtor, mas depois conversava também com atores e outros envolvidos.

Em seu depoimento, Hohlfeldt mostrou-se descrente quanto às perspectivas da profissão no Estado. Lamentou que boa parte dos repórteres seja extremamente desinformados e culturalmente ignorantes, de modo geral, e credita essa responsabilidade também aos jornais, que investem em profissionais jovens para “quebrar o galho”. Sobre essa questão, entende que uma redação é como um time de futebol: “Os mais velhos servem como a memória; os médios fazem o equilíbrio e a passagem; e os mais novos aportam novas ideias,

novo sangue, nova intensidade à dinâmica da equipe”. Destaca também: “A gurizada não tem esse passado, então avistam algumas coisas e acham que descobriram o mundo”. Para o entrevistado, outro risco que a pouca idade dos profissionais pode acarretar é a vaidade, comum no jornal Zero Hora, em que os repórteres são paparicados e entendem-se como gênios. Recorda que a mesma situação ocorria no Correio do Povo quando o periódico liderava o mercado no Rio Grande do Sul. Afirma: “Trabalhar no Correio do Povo era a glória. No interior do estado, estendiam o tapete vermelho. Só que se isso sobe para a cabeça você está ralado”. Ele exemplifica que, na rádio, pode até não concordar com o que o jornalista Lauro Quadros⁷⁷ defende, mas que ele tem embasamento para se expressar, ou seja, independente dos posicionamentos e opiniões, é a riqueza cultural e intelectual que prevalece.

Questionado a respeito das referências profissionais quando iniciou sua carreira, cita os seguintes nomes: Paulo Fontoura Gastal, por ter-lhe ensinado as coisas do dia a dia; Jayme Copstein, José Barrionuevo⁷⁸ e Bruno Ferreira⁷⁹, com quem conviveu na redação do Correio do Povo; Lasier Martins⁸⁰, Antônio Britto⁸¹ e Lauro Hagemann⁸², com quem trabalhou na Rádio Guaíba; Maria de Lourdes Sá Britto; Lygia Nunes, que fazia uma página feminina no Correio do Povo; Aveline⁸³, que cobria a junta comercial e esportes como boxe e jiu-jitsu no Jornal do Comércio; Adroaldo Streck⁸⁴; Mendes Ribeiro⁸⁵; e Breno Caldas.

Em síntese, para Hohlfeldt a sobrevivência do jornalismo de referência passa necessariamente pelo aprimoramento e pelo aprofundamento dos temas tratados. Resume que:

⁷⁷ 1939. Trabalhou durante 31 anos no Grupo RBS. Também atuou na Rádio Guaíba, na Folha da Manhã e na TV Difusora. Desde 1985, participava da bancada do *Sala de Redação* e nos últimos 15 anos comandou o *Polêmica*, ambos na Rádio Gaúcha.

⁷⁸ 1942. Durante dez anos, assinou a coluna Página 10, do jornal Zero Hora, uma das principais páginas políticas da imprensa gaúcha.

⁷⁹ 1941–2011. Trabalhou na Companhia Jornalística Caldas Júnior e no Jornal do Comércio. Também exerceu a função de assessor de imprensa da extinta Companhia de Habitação do Estado (Cohab).

⁸⁰ Lasier Costa Martins (1942). Trabalhou 27 anos no Grupo RBS. Foi comentarista diário do telejornal *Jornal do Almoço*, apresentador do programa de debates *Conversas Cruzadas*, na TVCOM, e apresentador do *Gaúcha Repórter*, na Rádio Gaúcha. Também trabalhou na Rádio Guaíba, na TV Guaíba e no Correio do Povo. Em 2014, elegeu-se senador.

⁸¹ Antônio Britto Filho (1952). Jornalista, também exerceu os cargos de deputado federal, ministro da Previdência Social e governador do estado do Rio Grande do Sul.

⁸² 1930. Locutor exclusivo da edição gaúcha do Repórter Esso, de 1950 a 1964. Foi deputado estadual e vereador em Porto Alegre.

⁸³ João Baptista Aveline (1919–2005). Sua história no jornalismo começou no início dos anos 50, na Rádio Itaí. Também trabalhou na Rádio Gaúcha, no jornal Última Hora, na revista A Granja e no jornal Zero Hora.

⁸⁴ Adroaldo Marly Streck (1935). Advogado, jornalista e político gaúcho. Trabalhou na rede Deutsche Welle (Alemanha), na Rádio Guaíba, na TV Guaíba e atualmente assina uma coluna no jornal O Sul (Rede Pampa de Comunicação).

⁸⁵ Jorge Alberto Beck Mendes Ribeiro (1929–1999). Advogado, professor e jornalista. Começou sua carreira na Rádio Gaúcha, em 1951. Também trabalhou na Rádio Guaíba, participou do *Jornal do Almoço* e foi colunista do jornal Zero Hora.

“Ou melhoramos a qualidade desse jornalismo ou, de fato, os jornais vão diminuir as tiragens, porque para ficar mal informado não é necessário comprar jornal”.

Armando Burd⁸⁶ é o terceiro jornalista a compor os entrevistados da geração de 60. Iniciou sua trajetória no jornalismo a partir de seu gosto pela música, assinando uma coluna sobre o tema em Zero Hora semanalmente. Recorda que, naquele tempo (meados da década de 1960), era comum as gravadoras enviarem discos de lançamento para serem divulgados, num momento em que surgiam nomes como Gilberto Gil⁸⁷ e vivia-se o auge da Bossa Nova⁸⁸. Seu trabalho era realizado em paralelo a seus estudos na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aponta que o curso de Jornalismo, naquele tempo, era de pouca expressão e não cativava.

Seus textos despertaram a atenção do então editor de variedades do periódico, Tarso de Castro⁸⁹, que o convidou para trabalhar efetivamente na redação – à época, ainda pequena e localizada na Rua Sete de Setembro, no Centro de Porto Alegre. Cobriu órgãos de diferentes perfis de atuação, como Câmara Municipal, prefeitura, BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) e Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), pluralidade esta que contribuiu na sua formação.

Passados entre dois a três anos de “rua”, foi convidado a assumir o cargo de subeditor de Zero Hora. Apesar da pouca idade, 22 anos, acumulava conhecimentos práticos, como redação de títulos e legendas, seleção de fotografias e desenho de página, e chegou à função de secretário da redação, coordenando todas as editorias no final de 1968. Nessa época, porém, recebeu novo convite do então diretor da Folha da Tarde, Walter Galvani, para trabalhar como subeditor da editoria de esportes, que o fez mudar de veículo. Recorda que o periódico fechava por volta das 11h e chegava às bancas no meio da tarde, sob muita aceitação dos leitores. Uma análise pertinente a esta pesquisa ao qual Burd faz referência é em relação à decadência dos vespertinos em Porto Alegre, cuja causa estaria no aumento do tráfego e conseqüente congestionamento que impedia a distribuição em tempo hábil.

Nesse momento, também foi convidado para trabalhar como correspondente de esportes do Jornal da Tarde, vespertino que pertencia ao Estado de S. Paulo. Em meados da

⁸⁶ Nascido a 23 de junho de 1944 em Porto Alegre (RS). Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1969. Foi um dos responsáveis pela elaboração do jornal *Diário Catarinense*, do Grupo RBS, no estado de Santa Catarina. Trabalhou nos principais veículos da imprensa gaúcha e consolidou seu vínculo com o jornalismo gaúcho no *Correio do Povo*.

⁸⁷ Gilberto Passos Gil Moreira (1942). Músico brasileiro.

⁸⁸ Movimento da música popular brasileira do final dos anos 1950.

⁸⁹ 1941–1991. Foi o criador do caderno Folhetim da Folha de S. Paulo e um dos fundadores do jornal O Pasquim.

década de 1970, volta para Zero Hora como editor-chefe ao lado do editor, Lauro Schirmer⁹⁰. Trabalha no periódico da RBS até final dessa década, atua também na sucursal do jornal O Globo e, em 1979, ingressa no Correio do Povo como chefe de reportagem. Retorna à RBS em meados da década de 1980 para coordenar o projeto de lançamento de um novo jornal em Santa Catarina. Trabalha nesse estado durante um ano e meio, pesquisando e entrevistando pessoas para elaborar como deveria ser o periódico. Atua em conjunto com uma equipe formada por seus profissionais de áreas diversas, desde engenharia a recursos humanos. Sobre esse momento, recorda que não haviam jornalistas especializados em economia em Santa Catarina. Logo, o empresariado não falava. Ao final da investigação, assume o cargo de editor-chefe do jornal recém-lançado em março de 1986: o Diário Catarinense⁹¹, onde trabalhou durante seis anos e angariou o Prêmio Esso de Jornalismo. Ao final de 1992, ingressa novamente no Correio do Povo e é nessa fase que inicia seu contato com a editoria de política, que acompanhará seu trabalho até a atualidade. No momento, é colunista do jornal O Sul e comentaria da Rádio Pampa, ambos da Rede Pampa⁹².

Durante a entrevista, percebeu-se que a parte mais significativa da trajetória de Burd no jornalismo para esta pesquisa – e também a de maior duração, com cerca de dez anos – foi quando trabalhou na editoria de política nos veículos da Caldas Jr., por isso será dada mais ênfase a esse período. Burd rememora que nesse momento iniciou sua especialização no jornalismo, característica inexistente quando ingressou na profissão e que manteve-se assim até seu envolvimento com o Diário Catarinense, quando ainda precisava se informar sobre diferentes setores. Lembra que o mercado era caracterizado por repórteres generalistas. Somente com o desenvolvimento da bolsa de valores, no início da década de 1970, por exemplo, que Zero Hora contratou o primeiro repórter de economia. Sem esse respaldo por parte dos profissionais da imprensa, as fontes empresariais se retraíam para evitar a divulgação de informações incorretas que pudessem acarretar prejuízos para seus negócios. Diante desse cenário, os jornalistas começaram um movimento de ampliação de conhecimento. Passaram a ler jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, a criar um elenco de fontes, a frequentar a Bolsa de Valores e a conversar com especialistas. Burd destaca: “Foi um momento em que os generalistas começaram a ter que fazer escolhas”.

Em seu caso, Burd passou a incrementar sua leitura para a história política do Rio Grande do Sul. Não realizou um curso específico. Praticava uma forma de leitura orientada

⁹⁰ 1928–2009. Foi chefe do telejornalismo da TV Gaúcha em 1963, dirigiu a redação de Zero Hora de 1970 até 1990 e assumiu a coordenação editorial do Grupo RBS até se aposentar.

⁹¹ Sediado em Florianópolis (SC). Primeira edição publicada em 5 de maio de 1986.

⁹² Disponível em: <www.pampa.com.br>. Acesso em: 27 dez. 2014.

em revistas e livros. Nesse sentido, aponta que a faculdade de Direito teve grande auxílio porque conviveu com figuras da política que eram seus professores. No dia a dia da redação, cultivava uma atitude peculiar durante as manhãs: lecionava para sua equipe de repórteres sobre a história política do estado, começando com o período de formação da República, para lhes permitir uma visão mais abrangente do assunto. Diante dos novos profissionais que se interessavam em trabalhar na editoria de política, a primeira pergunta que fazia era se gostava do assunto. Em caso negativo, imediatamente encaminhava para outra área. Burd justifica: “Para trabalhar com política tem que ter paciência para lidar com pessoas demagogas, trapalhonas e até desonestas”. Na sua visão, a função do repórter político é instigar o debate, chegar aos bastidores e informar a população sobre o que está acontecendo. Complementa que: “É fundamental entender o cerne da política e acompanhar com conhecimento de tal modo que a fonte revele pelo menos algumas facetas da verdade. Caso contrário, a cobertura se torna relações públicas”.

Burd avalia o tema da política como precioso no sentido de que, com ela, é decidido o futuro das sociedades. Nesse contexto, aponta que o repórter de política não pode ser enrolado, porque a intenção de muitas fontes é essa, ou seja, deve ser divulgado somente fatos positivos. Por isso, observa que o jornalista precisa de vivência e disposição para gastar sola de sapato e ir à sede do partido. Exemplifica Burd: “O repórter precisa olhar no olho do entrevistado para chegar a conclusões como: ‘esse cara está mentindo’, ou conversar com outro e estar aberto para perceber características de honestidade”. Em uma explicação breve, é capaz de sintetizar como se caracteriza essa temática: “Na política, a realidade é mais complexa. O repórter precisa ir mais adiante. Tem que ter conhecimento e discernimento de avaliação para saber se há enrolação, o que está por trás etc. Existe um palco. Na primeira fila estão os dirigentes do partido, depois os vereadores e deputados. É preciso descobrir o que está lá nos bastidores. Não podemos nos deixar levar pelas aparências. Não é uma questão persecutória ou inquisitória, mas não podemos nos satisfazer com a primeira fila”.

A título de exemplo, Burd relembra um fato recente em que a assessoria de imprensa do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) havia enviado um comunicado a respeito de uma convenção do partido, informando sobre a escolha de um candidato e sua vice ao governo. Por ele ter comparecido à convenção, retratou que não foi apenas isso, pois haviam outros dois candidatos que queriam também a condição de vice e promoveram um bate-boca intenso, mas natural dentro de um partido. Destaca Burd: “Por isso que o repórter precisa ir ao local porque o *release* vai dar apenas uma versão”. O entrevistado comenta também que os membros do partido observam a matéria produzida pelo jornalista e concluem: “este

embarcou, este não”. E o que não “embarcou” passa a ter outra condição, sendo mais respeitado. Burd conclui: “O repórter de política tem que ser plantão permanente”.

Ainda nessa análise, para Burd, o repórter de política pode até ter simpatia por algum partido, mas essa preferência transparece nas matérias. Quando era editor do tema no Correio do Povo, lembra que seu maior crítico eram os leitores, que telefonavam quando sentiam-se incomodados com alguma matéria. Quando tais contatos aconteciam, passava o *feedback* para o repórter apontando quais frases foram tendenciosas.

Outra marca de seu estilo de editor foi promover a integração dos repórteres com a editoria de política como um todo. O que não queria era trabalhar numa estrutura segmentada, em que o jornalista produz sua matéria, entrega e vai embora de maneira descompromissada. Para isso, organizava reuniões de pauta em que os repórteres conversavam sobre o que cada um faria. Por volta das 18h30, havia nova reunião em que cada profissional contava brevemente o que havia coletado, permitindo também ao editor enxergar que muitos assuntos se interrelacionavam.

Questionado a respeito do relacionamento com as fontes de informação no contexto político, Burd considera que o repórter dessa editoria precisa estar muito “enfreado” com o que acontece no partido de sua cobertura e saber o que perguntar. Burd destaca: “A coisa mais sensível é ouvido de político. Quando um repórter faz uma pergunta, ele sabe a profundidade e conhecimento que tem. E quanto mais fundamentada, mais ele vai respeitar”. O entrevistado aponta também a necessidade de estabelecer relações de confiança com fontes adjacentes, como a secretária do presidente do partido. Recomenda aproximar-se dela, ter seu telefone, porque muitas vezes, inadvertidamente até, ela pode passar uma informação riquíssima.

Sua análise a respeito da cobertura política da atualidade é otimista. Acredita que ela melhorou sobretudo porque o jornalismo investigativo se aprimorou. Por outro lado, entende que o jornal está se adaptando à nova dinâmica do leitor e permanecendo menos tempo em suas mãos. Segundo Burd, esse período já foi de 40 minutos e hoje deve estar entre sete ou oito. Mudou também o tamanho das matérias, cada vez menores, especialmente porque o olho ficou preguiçoso em função da televisão. O tamanho da letra foi sendo aumentado: antes, usava-se corpo sete, hoje usa-se corpo 12. Complementa o jornalista: “O leitor se tornou mais preguiçoso e o jornalismo se adaptou a isso”. Por outro lado, o entrevistado não considera que as matérias ficaram mais superficiais – crítica feita por outros entrevistados desta pesquisa. Para Burd, o repórter que cobre Grêmios não cobre Internacional, e este necessita ter um conhecimento tal a ponto de saber onde mora a namorada do diretor, por exemplo, para quando algo acontecer poder entrar em contato com ele. Em síntese, entende ter acabado a

figura do generalista. A título de referência, menciona o jornalista Jefferson Klein⁹³ como um dos melhores do país na área de logística.

Por fim, questionado a respeito das referências profissionais que, de alguma forma, contribuíram em seu processo formativo no jornalismo, elenca as seguintes pessoas: Tarso de Castro, Marcos Faerman⁹⁴, Eunice Jacques⁹⁵, José Mitchell, Roberto Appel, Sérgio Becker e Walter Galvani.

O tema da especialização destacado por Burd é latente na história de **Juarez Fonseca**⁹⁶. Seu nome está ligado estreitamente com o jornalismo cultural, mais especificamente com a música. Esse envolvimento surgiu a partir de seu gosto pessoal pela temática, apesar de não tê-la exercido significativamente como passatempo ou profissionalmente. Uma das circunstâncias que podem justificar esse interesse é o hábito de sua avó de manter o rádio permanentemente ligado em casa enquanto tomava conta dos netos, entre eles o próprio Fonseca. Seu contato efetivo com a prática musical ocorreu apenas durante o colégio, quando tocava trombone na banda marcial, e algumas tentativas de aprendizado de violão e gaita.

Sua relação com o jornalismo também nasceu a partir de seu gosto, o da redação. As boas notas na escola motivaram-no a prestar vestibular para Direito e para Jornalismo em 1967, tendo sido aprovado para o segundo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi já na faculdade que iniciou sua experiência profissional por meio de um periódico chamado *Jornal do Turismo RS*, produzido junto a colegas, no qual aprendeu a escrever, fotografar e diagramar, e pela folha *Exemplar*, jornal do Clube do Professor Gaúcho⁹⁷ patrocinado por uma incorporadora, que durou de 1967 a 1973, chegando a alcançar 50 mil exemplares no auge de sua elaboração. A respeito de sua trajetória jornalística, Fonseca salienta que quatro veículos foram fundamentais para a sua geração de jovens profissionais: O *Pasquim*, *Jornal da*

⁹³ 1976. Graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1999. Já atuou na assessoria de comunicação do Governo do Rio Grande do Sul, entre 1999 e 2001, é jornalista de Economia do *Jornal do Comércio (RS)*, desde 2001, e colaborou com as revistas *Amanhã*, *Voto*, *Análise* e *Plástico Sul*.

⁹⁴ 1943–1999. Trabalhou no jornal *Última Hora*, no *Jornal da Tarde* e na chamada imprensa alternativa. Também lecionou na Faculdade Cásper Líbero.

⁹⁵ 1943–1997. Jornalista e escritora. Foi professor da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁹⁶ Nascido a 8 de setembro de 1946 em Canguçu (RS). Graduiu-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1971. Trabalhou nos jornais *Folha da Tarde*, *Zero Hora* e no *ABC Domingo* (Grupo Sinos). Foi coordenador de Música da Secretaria da Cultura de Porto Alegre e membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. Também colaborou para as revistas *Aplauso* (Porto Alegre) e *Sucesso* (São Paulo).

⁹⁷ Disponível em: <www.cpg.com.br>. Acesso em 14 dez. 2014.

Tarde, Veja e o Caderno B do Jornal do Brasil – primeiro suplemento cultural da imprensa brasileira. Menciona também a influência da revista *Bondinho*⁹⁸.

A experiência no jornal *Exemplar* mostrou-se prolífera no sentido de que permitiu o desenvolvimento de assuntos selecionados pelos próprios repórteres. Em 1972, Fonseca chegou a dedicar quatro páginas para uma entrevista que havia feito com Gilberto Gil, o que revela certa receptividade da folha para temas culturais. Apesar de ser destinado aos associados do Clube (número que chegava a 30 mil pessoas), a publicação ultrapassou as notícias vinculadas ao magistério para tratar de temas como cultura, música, literatura, artes plásticas, entrevista com pensadores e assuntos da atualidade. Fonseca definiu-o como “contra cultural”, um tanto “hippie”, com poucos anúncios – inclusive houve uma tentativa de comercialização de espaços, mas sem sucesso – e com crescimento interessante: começou com oito páginas e alcançou 40 nos últimos exemplares. Nessa época, Fonseca frisa que aprendiam colocando a “mão na massa”. Iam para a oficina acompanhar a impressão do jornal e não raro retornavam a suas casas por volta das 6h.

Seu primeiro trabalho na grande imprensa foi na Folha da Tarde, em 1969. Depois de um ano, migrou para Zero Hora, onde permaneceu por três meses e atuou com assuntos econômicos num formato diferente da atualidade. Fonseca explica: “Não havia uma editoria de economia. O trabalho era visitar todos os dias as instituições ligadas à produção e consumo”. Entre elas, destaca a Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab), a Secretaria de Agricultura, o Instituto Sul Rio-grandense de Carnes, o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá), a Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do RS (Fecotrigo), entre outras. Em 1973, viajou para a Europa durante dez meses e, ao retornar, reingressou em Zero Hora onde permaneceu até 1996. Em seguida, trabalhou mais 15 anos como colunista no ABC Domingo⁹⁹ e novamente retornou para Zero Hora em 2013 também como colunista.

Fonseca exprime que nunca foi repórter “puro sangue” no sentido de ter um perfil investigativo. Depois de enveredar pelos caminhos da edição, adotou a tarefa como prioritária. Foi o criador do segundo caderno de Zero Hora, chamado “ZH Variedades”, e do “Guia”, no mesmo jornal, publicado aos sábados com a programação cultural da cidade e do estado. Porém, não abandonou as tarefas jornalísticas de produção de notícias. Ao lado da edição, também realizava entrevistas. Conta que deve ter feito cerca de 500 em sua trajetória.

⁹⁸ Inicialmente um guia de informações sobre a cidade de São Paulo distribuído pela rede de supermercados Pão de Açúcar, tornou-se independente e passou a ser vendido nas bancas.

⁹⁹ Fundado em 1995, é a edição dominical dos jornais do Grupo Sinos: NH, VS, Diário de Canoas e Jornal de Gramado.

Entrevistava cada músico que realizava sua apresentação em Porto Alegre. Exceto dois personagens não figuram na sua lista: João Gilberto e Vinicius de Moraes. Aponta Fonseca: “O primeiro porque nunca deu entrevista, mas também nunca tentei. O segundo porque eu tinha certo preconceito com seu trabalho pós-bossa nova”. Como editor do segundo caderno, sua proposta era divulgar aquilo que ele e sua geração gostavam e também o que os jornais destacavam. Não deixava de noticiar uma apresentação de músicos como Chitãozinho e Chororó, mas sem destaque. Priorizava nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Elis Regina, Nara Leão, Nana Caymmi, João Bosco, Belchior, Fagner etc., evitando popularescos como Amado Batista e Waldick Soriano, por exemplo.

Sob sua edição, o segundo caderno chegou a ter três pessoas escrevendo sobre música em Zero Hora. Tinham “liberdade total” para escrever, editar, pautar e publicar matérias nas décadas de 1970 e 1980. Destaca que nunca chegou a demitir alguém. Sua residência, no Centro de Porto Alegre, recebia de cinco a dez pessoas diariamente porque o local era uma “sede de novidades”. Depois de começar a escrever críticas sobre os discos, as gravadoras passaram a enviar cerca de dez a cada mês para ele, número que subiu para cerca de 50 até alcançar a média de 300 já nos anos 1990. Nessa época, aponta que lia outros críticos musicais, como Tárík de Souza¹⁰⁰, na revista *Veja*, Ezequiel Neves¹⁰¹, no *Jornal da Tarde*, e Ana Maria Bahiana¹⁰², no jornal *O Globo*, e publicações como a *Revista Rock* (encartado no *Jornal da Música*), que de certa forma influenciaram em seu estilo, sobretudo no processo de ouvir um disco e descrevê-lo ao público. Outros profissionais mencionados durante a entrevista foram Osval Lopes¹⁰³, que assinava a coluna “Som e imagem” na *Folha da Tarde*, e Osmar Meletti, que apresentava o programa “Discorama” diariamente na *Rádio Guaíba* e escrevia no *Correio do Povo* aos domingos sobre música.

Ao desenvolver a trajetória profissional de Fonseca, torna-se fundamental pelo menos referenciar a dinâmica do mercado musical brasileiro apresentada durante a entrevista. Entre as décadas de 1960 e 1970, poucos shows eram realizados em Porto Alegre. O principal

¹⁰⁰ Tárík de Souza Farhat (1946). É jornalista e crítico musical brasileiro. Produz e apresenta o programa *MPBambas*, e assina pesquisa e pauta de *O Som do Vinil*, ambos no Canal Brasil.

¹⁰¹ 1935–2010. Produtor musical e jornalista. Conhecido também como Zeca Jagger, foi um dos responsáveis por lançar a carreira musical da banda carioca Barão Vermelho, do cantor Cazuza, e foi o empresário da cantora Cássia Eller.

¹⁰² 1950. Jornalista e escritora. Foi secretária da redação e crítica musical da primeira edição brasileira da revista *Rolling Stone*, em 1972. Trabalhou nos principais jornais brasileiros – *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Na imprensa internacional, atuou na França, EUA e Austrália e foi editora e chefe de redação da revista *Screen International*. Na TV, foi correspondente internacional em Los Angeles do canal *Telecine*, da *Globosat* e da *Rede Globo*.

¹⁰³ Osval Hortencio Lopes (1941). Trabalhou na *Folha da Tarde* e na *rádio Guaíba*.

circuito eram os bailes promovidos em clubes ou nas rádios, em programas musicais. Essa realidade se manteve até a chegada da Bossa Nova. Daí em diante, aumentou o número de turnês de artistas internacionais no Brasil e os próprios músicos nacionais começaram a percorrer mais o país. Toda essa movimentação, conseqüentemente, acarretou maior dinamismo por parte das gravadores, do público, da imprensa e de outros agentes, fortalecendo um movimento crescente do chamado *showbiz*¹⁰⁴. A Rede Globo exibia o programa “Som Brasil”, apresentado pelo ator Lima Duarte, o Galpão Crioulo iniciava suas apresentações na RBS TV e os festivais nativistas ganhavam força no Rio Grande do Sul.

Fonseca comenta que o Brasil nunca teve uma imprensa musical forte. Existiram revistas como Biz, Pop, Som 3, Revista do CD (extintas) e a Rolling Stone, mas esta com temáticas que ultrapassam a música. Lembra que, com o tempo, as resenhas sobre músicas passaram a ser menores, e compara com o período em que trabalhou em Zero Hora, quando chegava a dedicar três páginas com corpo oito para uma entrevista com determinado músico. O que hoje, a seu ver, seria impossível. Lembra que o rock dos anos 1980 foi muito importante para o fortalecimento da crítica musical e que a crise das gravadoras com a pirataria e, posteriormente, com a música digital, também produziram reflexos na imprensa.

Se por um lado o tema da preferência pessoal do jornalista, de certa forma, condiciona a seleção e a composição das notícias, por outro permite a construção de uma bagagem que amplia suas possibilidades críticas quando o objetivo é ofertar ao leitor uma análise elucidativa em relação a uma composição artística. Nesse sentido, a partir da entrevista, infere-se que o gosto serviu a Fonseca como estímulo para a pesquisa e para a elaboração de uma série de conhecimentos sobre músicos, movimentos e estilos de diferentes gerações. Comenta Fonseca: “Quando comento Bob Dylan, hoje, tenho presente não apenas seu disco, mas o Bob Dylan como um todo. Tenho como tecer considerações, identificar o que estava querendo, como estava se manifestando etc.”.

A respeito do seu perfil de atuação como jornalista, Fonseca enxerga-se como alguém que nunca foi agressivo ao escrever. Sua crítica de shows começa destacando os lados positivos da apresentação e finaliza apontando elementos que poderiam ser melhorados. Fonseca sublinha: “Nunca disse que o disco não prestava ou que não valia nada”. A respeito desse estilo – e aporta o nome de Luís Antônio Giron¹⁰⁵, da revista *Época*, que tornou-se um crítico destrutivo no passado –, observa de maneira sensata que o espaço para se escrever

¹⁰⁴ Termo informal para *show business*.

¹⁰⁵ 1959. Jornalista e crítico cultural. Com destaque como editor de cultura pela revista *Época*, passou por diversos veículos, como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Gazeta Mercantil*, *Veja*, *IstoÉ* e *Cult*.

diminui com o passar do tempo nos veículos, e que não há sentido desperdiçá-lo para escrever a respeito de discos ruins.

Outro elemento a respeito do seu estilo de atuação pode ser relacionado com o envolvimento que desenvolvia com os músicos e com a temática. Sempre considerou-se próximo do seu objeto. Via-se como “um da turma dos músicos”, mas eles no palco, ele na redação como divulgador do que acontecia na cidade. Constituiu amizades com Gilberto Gil, João Bosco, Ivan Lins, Gonzaguinha, entre outros. Não era alguém com a máxima de que “jornalista não toma cerveja ou café com a fonte”, e cita Augusto Nunes¹⁰⁶ como um praticante dessa filosofia. A respeito dessa temática, lembra o caso em que Elis Regina concedeu sua última entrevista coletiva em um hotel em Porto Alegre. Ao término da conversação, a cantora convidou Fonseca para ir ao seu quarto porque precisava contar o drama que vivia. A matéria fruto dessa entrevista não foi aceita para publicação em Zero Hora, por isso o autor divulgou-a no Coojornal. Fonseca destaca também que Elis fazia confissões a ele, não tratava apenas de carreira, e numa forma espontânea, natural. Também destaca ter conquistado a confiança de outras cantoras, como Marina, Fafá de Belém e Maria Bethânia.

Em relação aos jornalistas que exerceram influência em sua formação, destaca Ezequiel Neves, Tárík de Souza, Ana Maria Baiana, Carlos Reverbel¹⁰⁷, Paulo Fontoura Gastal, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Wagner¹⁰⁸, Lauro Hagemann, Elmar Bones, Danilo Ucha, Hamilton Chaves¹⁰⁹, Enio Aveline, Alberto André, Edemar Ruwer, Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez¹¹⁰, Walter Galvani, Hiron Goidanich¹¹¹ e Ruy Carlos Ostermann.

Outro jornalista que compõe o grupo de entrevistados da década de 1960 é **José Antonio Pinheiro Machado**¹¹², ou **Anonymus**. De início, o que chama a atenção em sua

¹⁰⁶ 1949. Colunista da revista *Veja* e apresentador do programa de debates *Roda Viva* (TV Cultura). Vencedor de cinco prêmios Esso, foi redator-chefe de *Veja* e diretor de redação das revistas *Época* e *Forbes*, e dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil* e *Zero Hora*.

¹⁰⁷ Carlos de Macedo Reverbel (1912–1997). Foi jornalista, cronista e historiador.

¹⁰⁸ 1950. Foi repórter de *Zero Hora* de 1983 a 2014.

¹⁰⁹ 1925–1985. Trabalhou na revista do *Globo*, nos jornais *Última Hora* e *O Clarim* e na rádio *Gaúcha*. Foi diretor cultural da Associação Rio-Grandense de Imprensa.

¹¹⁰ Também conhecido como Antoninho (1938–1996). Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul, professor e diretor da Faculdade de Comunicação Social (Famecos), da PUCRS, e trabalhou em veículos como *Última Hora* e *Folha da Tarde*.

¹¹¹ Hiron Cardoso Goidanich, também conhecido como Goida (1934). Trabalhou no *Jornal do Comércio*, na *Última Hora*, em *Zero Hora* e no Grupo Sinos e foi redator da MPM Propaganda.

¹¹² Nascido a 23 de novembro de 1949 em Porto Alegre (RS). Graduou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1978. Foi correspondente de jornais brasileiros em Paris e Roma nos anos de 1970. Trabalhou para a extinta *Folha da Tarde*, tendo ainda escrito para *O Estado de S. Paulo* e para as revistas *Placar* e *Quatro Rodas*. Nos anos 1980, foi colunista e também o redator-chefe da revista *Playboy*. É colaborador dos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* e apresentador do programa *Anonymus Gourmet*, na RBSTV.

história é que aos dez anos de idade já fazia um jornal manuscrito como passatempo, desenhando as linhas, prevendo onde iriam as imagens e redigindo notícias. Dois anos mais tarde, começou a trabalhar no suplemento infantil da Folha da Tarde. Comenta que ler jornal sempre foi um deleite. Seu pai, Antônio Ribas Pinheiro Machado Neto, que foi deputado estadual pelo Partido Comunista Brasileiro, também sempre estimulou-o do ponto de vista intelectual, presenteando-o com livros, máquina de escrever e até exigindo uma hora de leitura por dia depois do almoço. Na escola, teve a iniciativa de criar um jornal mural mimeografado, gesto que se repetiu na faculdade de Arquitetura – onde estudou por três anos – ao criar uma revista batizada de “Grilos”.

No dia 22 de abril de 1969, começou a trabalhar na Folha da Tarde por meio de uma oportunidade de estágio organizada por seu pai aos 19 anos. Mais tarde, quando surgiu uma vaga efetiva, ingressou como repórter de geral, passando para repórter esportivo e logo cobrindo uma temporada da Fórmula 1 na Europa (Espanha, França e Bélgica). Comenta que, na época, os jornais tinham muita força, e que Porto Alegre abrigava folhas como Correio do Povo, Folha da Tarde, Folha da Tarde Esportiva, Jornal do Dia, Diário de Notícias e Última Hora. Posteriormente, em 1973 e paralelamente à Folha da Tarde, trabalhou como correspondente para a Folha da Manhã, dirigido por José Antônio Severo¹¹³ e Elmar Bones, atuou na sucursal do Estadão durante um ano e ainda fazia matérias como *freelancer* para as revistas Veja, Placar e Quatro Rodas.

Apesar de graduar-se em Direito, em 1978, Anonymus sinaliza que nunca conseguiu se livrar do jornalismo. Tanto é que, durante suas viagens para a Europa, seja para realizar cursos de especialização na área jurídica, seja por lazer, agia como correspondente dos veículos de Porto Alegre. O entrevistado também rememora sua passagem pelo jornalismo político por meio do jornal Opinião, do tipo imprensa alternativa de enfrentamento da ditadura, no qual foi um dos editores. Na folha, também colaboraram nomes como Fernando Henrique Cardoso, Oscar Niemeyer¹¹⁴ e Bernardo Kucinski¹¹⁵. Na década de 1980, foi convidado para trabalhar como procurador numa empresa estatal em Brasília, ao mesmo tempo em que redigia uma coluna mensal na revista Playboy. A qualidade dos artigos o levou a ser convidado a tornar-se redator-chefe da revista, que naquela época publicava muita

¹¹³ 1942. Foi repórter das revistas Realidade e Veja nos anos 1960, editor executivo da revista Exame nos anos 1970, editor chefe de telejornais na Rede Globo e diretor geral de jornalismo da Rede Bandeirantes de Televisão. Em jornais, trabalhou, entre outros, na Zero Hora, na Folha da Manhã e no Correio do Povo, em Porto Alegre, no jornal O Globo, do Rio de Janeiro, e na Gazeta Mercantil.

¹¹⁴ Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (1907–2012). Arquiteto.

¹¹⁵ 1937. Jornalista, escritor e ex-professor da Universidade de São Paulo. Trabalhou como assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

reportagem e entrevistas com personagens relevantes como Antônio Carlos Magalhães¹¹⁶, Fidel Castro¹¹⁷ e Tancredo Neves¹¹⁸. Ainda nesse período, Anonymus produziu a revista *Oitenta* para a L&PM Editores. A publicação reunia artigos de nomes expressivos, como Gabriel García Márquez¹¹⁹, Fontanarrossa¹²⁰, Paulo Francis¹²¹, José Onofre¹²² e Carlos Maranhão.

Foi no final da década de 1980 que Anonymus começou sua experiência em televisão, apresentando um comentário semanal no programa *Câmera 2*, da TV Guaíba. Rememora que um antigo colega, Roberto Appel, e outro conhecido, Gilberto Perin, ambos da RBSTV, convidaram-no para fazer um teste para apresentar um novo programa que estava sendo criado, o RBS *Entrevista*, para preencher dois espaços semanais oferecidos pela Rede Globo às terças e quintas. A partir dessa oportunidade, Anonymus também foi convidado a estreiar na TVCOM, emissora criada pelo Grupo RBS em 15 de maio de 1995. Como Appel sabia que Anonymus gostava de cozinhar, desafiou-o a assumir o programa “Homem na cozinha”, mas o jornalista propôs mudar o nome para o personagem de um de seus livros¹²³, o Anonymus *Gourmet*. Foi a partir do programa que a marca “Anonymus *Gourmet*” ganhou maior projeção, levando Pinheiro Machado a, inclusive, agregar em sua carteira de identidade o nome Anonymus e escrever diversos livros de culinária.

Questionado a respeito de sua rotina profissional na imprensa gaúcha, Pinheiro Machado relembra que, na *Folha da Tarde*, a jornada iniciava com uma reunião de pauta diária, quando faziam breves comentários sobre as matérias publicadas no dia anterior e recebiam novas pautas. Aponta que aqueles profissionais acostumados a cobrir determinado setor – os setoristas – começaram a ser realocados para evitar a formação de um costume que prejudicasse a apuração, como o risco de aproximar-se em excesso de deputados da Assembleia Legislativa, por exemplo. Destaca que faziam muita cobertura dos fatos ocorridos na cidade. Como a *Folha da Tarde* circulava às 11h e depois foi recuada para às 10h, destaca que o veículo divulgava boa parte das notícias da noite. Ainda nesse veículo, relembra que relutou constantemente no sentido de publicar textos limpos, mas elegantes, com graça e

¹¹⁶ Antônio Carlos Peixoto de Magalhães (1927–2007). Foi um médico, empresário e político brasileiro.

¹¹⁷ Fidel Alejandro Castro Ruz (1926). Primeiro presidente do Conselho de Estado da República de Cuba.

¹¹⁸ Tancredo de Almeida Neves (1910–1985). Foi Presidente do Brasil em 1985.

¹¹⁹ 1927–2014. Escritor, jornalista, editor, ativista e político colombiano.

¹²⁰ Alfredo Roberto Fontanarrossa (1944–2007). Foi um escritor e cartunista argentino.

¹²¹ 1930–1997. Jornalista, crítico de teatro e escritor brasileiro.

¹²² José Onofre Krob Jardim (1942–2009). Atuou em *Zero Hora* entre 1969 e 1970 e em 1992. Atuou ainda na *MPM Propaganda*, na *Rádio e TV Difusora*, *Caldas Júnior* e *Editora Abril*.

¹²³ MACHADO, J. A. P. **O brasileiro que ganhou o Prêmio Nobel**: uma aventura de Anonymus *Gourmet*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1982.

sutileza. Destaca que recebeu grande influência no *new journalism*, sobretudo com os livros de Gay Talese, Tom Wolfe e Norman Mailer. O entrevistado usa esse perfil para definir a linha de atuação dos programas do Anonymus Gourmet, ou seja, elaboração de receitas simples, mas com graça.

Essa influência, no entanto, não se limitou a Pinheiro Machado. O gênero jornalístico partiu dos Estados Unidos para imprimir sua marca por meio de toda uma geração no mundo ocidental. Seus expoentes foram, especialmente, Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese, que combinavam a investigação jornalística com técnicas de ficção literária em reportagens sobre episódios reais. Entre os textos mais reconhecidos – e que se tornaram livros –, estão *Fama e Anonimato*¹²⁴ e *A Sangue Frio*¹²⁵.

A respeito do próprio estilo como profissional, Pinheiro Machado percebe-se como alguém muito aplicado, um perfil “jesuíta”, no sentido de um profissional que comparece ao trabalho no horário e que cumpre com suas obrigações. Relembra um período em que foi convocado a fazer plantão no aeroporto Salgado Filho das 4h às 9h, tendo presenciado fatos como uma viagem secreta que o então ministro da Fazenda Delfim Netto havia feito a Porto Alegre. Destaca também que sempre gostou e foi interessado naquilo que fazia. Descreve-se como alguém envolvido com a dinâmica da imprensa, sendo leitor dos jornais e das reportagens de seus colegas.

Cabe destacar, nessa etapa, para elucidar a respeito do seu envolvimento intenso com o universo gastronômico, que desde criança Pinheiro Machado cultivava o gosto pela cozinha. Na Europa, por enfrentar uma defasagem entre a moeda brasileira e a local que chegava a encarecer um cafezinho ao preço médio de dez reais – convertendo e aproximando para a atualidade –, optou por preparar suas refeições em casa e chegou a trabalhar num pequeno restaurante na França. Relembra que a literatura sobre o tema era vastíssima nas cidades onde morou, como Roma e Paris, e que no Brasil, nessa época, os títulos limitavam-se às histórias de Dona Benta¹²⁶ nas livrarias.

Indagado sobre a temática das fontes de informação, o jornalista aponta que cultivava relacionamentos nesse sentido. Lembra que, na época, era valorizado e respeitado pelo fato de ser repórter de um veículo, mas pensa que esse prestígio não seja o mesmo atualmente, tendo decaído. Lança dúvidas, também, se os veículos valorizam e dão peso a seus profissionais, especialmente com a força que a televisão conquistou, ganhando mais relevância que os

¹²⁴ TALESE, G. **Fama e anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹²⁵ CAPOTE, T. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹²⁶ Personagem das obras de Monteiro Lobato.

veículos impressos. Contudo, lembra que as autoridades têm medo do impresso no sentido de que parece registrar com mais intensidade uma informação. Quando editava a coluna “Plano geral” na Folha da Manhã, cultivava suas fontes e, quando precisava, consultava-as para balizar o caminho na busca de uma informação.

Anonymus lembra um episódio de quando começou a trabalhar na Folha da Tarde e as notícias internacionais eram enviadas por meio do teletipo. Certo dia, recebeu a mensagem: “Fangio morreu”, referindo-se ao automobilista argentino Juan Manuel Fangio, e publicou-a na contracapa. Momentos depois das primeiras impressões daquela edição, recebeu um telefonema questionando a veracidade da informação, que o levou a reler os telegramas enviados. Nessa hora, descobriu que, como as pessoas vão cortando as notícias a medida em que chegam, o fato era que ele estava muito doente e que aquelas informações estavam sendo enviadas na hipótese de falecimento. Relembra que mandou parar a impressão do jornal – que teve a notícia ajustada –, mas ainda assim alguns exemplares divulgaram a informação incorreta.

Seu diagnóstico em relação à imprensa na atualidade é o de que o modelo dos jornais impressos está em extinção. Um dos motivos que o levam a essa conclusão é a diminuição das vendas, num momento em que a economia é pujante no mundo inteiro e a população é maior. Durante a entrevista, folheia um exemplar do O Globo, de dimensão *standard*, e comenta que não é prático: suja as mãos, é grande e difícil de dobrar. Mesmo assim, é assinante do periódico e também de Zero Hora, do Correio do Povo e da Folha de S. Paulo, mas os lê por hábito, “por esporte”. Entende que a Internet acabou com os jornais, influenciando até mesmo em seu tipo de linguagem, e revela que gosta de acessar veículos internacionais como Libération¹²⁷, Corriere della Sera¹²⁸ e El País¹²⁹ para saber o que dizem sobre a mesma notícia. Observa também, a partir da sua experiência, que hoje a televisão é o que o jornal foi no passado no sentido de produto de massa, e que a maioria das pessoas se informa pela TV. Aponta que a Internet está começando um movimento no mesmo sentido, em que as pessoas consomem um sistema de informação viral especialmente pelo Facebook¹³⁰, e enxerga que o espaço para o jornalismo na atualidade está em partir daquela informação disponível na Internet e transformá-la em literatura. Acredita que o acompanhamento que os veículos precisam fazer dos fatos em velocidade acelerada está mais favorável para periódicos com maior recurso financeiro, como por exemplo Zero Hora, Correio do Povo e Folha de S. Paulo.

¹²⁷ Disponível em: <www.liberation.fr>. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹²⁸ Disponível em: <www.corriere.it>. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹²⁹ Disponível em: <brasil.elpais.com>. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹³⁰ Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 20 dez. 2014.

Outro comentário que Pinheiro Machado tece em relação à sua atuação na imprensa diz respeito ao retorno financeiro. Observa que chegou a ganhar muito bem e que um dos valores que a Folha da Manhã cultivava eram os bons salários. Acredita que chegava a receber algo como mais de dez mil reais por mês, o que inclusive o possibilitou a comprar apartamento e ter carro do ano, e aponta que na televisão o retorno é ainda maior.

A respeito dos veículos e profissionais que, de alguma forma, influenciaram sua atuação, o entrevistado destaca o jornalismo praticado pelo Jornal da Tarde, definido por ele como “moderníssimo” e que procurava imitar, assim como o do Jornal do Brasil. A esse respeito, menciona também que a imprensa esportiva deu um grande salto nesse período, uma vez que durante a ditadura os jornalistas não tinham a liberdade necessária para escrever sobre qualquer tema. No Rio Grande do Sul, destaca como referência os seguintes nomes: Walter Galvani – reconhecido por ele como alguém que incentivou a presença de estagiários na redação –, José Antônio Severo, Elmar Bones, Ruy Carlos Ostermann, Rogério Mendelski¹³¹, Roberto Appel, Assis Hoffmann¹³² (fotógrafo), Ricardo Chaves, o Kadão¹³³ (fotógrafo), seu irmão Ivan Pinheiro Machado¹³⁴ (fotógrafo), Leonid Streliaev¹³⁵ (também fotógrafo) e Caco Barcellos¹³⁶. A respeito de jornalistas de gerações anteriores a dele, lembra de Cid Pinheiro Cabral, da Folha da Tarde, Breno Caldas, Tarso de Castro (fundador do Pasquim), Flávio Tavares¹³⁷, Pilla Vares¹³⁸ e Marcos Faerman.

Outra jornalista entrevistado desta geração é **Tânia Carvalho**¹³⁹. Na sua infância, não frequentava a escola devido ao receio de sua mãe que ela fosse raptada por seu pai, que viviam separados. Nisso, estudava com uma professora particular e dividia a casa com sua

¹³¹ 1943. Radialista, foi um dos fundadores da Rádio Pampa AM, em 1984.

¹³² Assis Valdir Hoffmann (1941). Foi editor de fotografia dos jornais Última Hora, Folha da Manhã, Folha da Tarde e Correio do Povo.

¹³³ 1951. Iniciou sua carreira em Zero Hora e já trabalhou para veículos como Jornal do Brasil, Veja, IstoÉ e para a Agência Estado.

¹³⁴ Ivan Gomes Pinheiro Machado (1951). Trabalhou nos jornais Zero Hora, Folha da Manhã e Gazeta Mercantil e nas revistas Exame, Veja e Quatro Rodas. É também pintor e fundador da L&PM Editora.

¹³⁵ 1949. Trabalhou nos jornais Zero Hora, O Estado de S. Paulo e O Globo e nas revistas Veja, Exame e Quatro Rodas.

¹³⁶ Cláudio Barcellos de Barcellos (1950). Começou no jornalismo como repórter do jornal Folha da Manhã. Foi um dos criadores da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e da antiga revista Versus, que publicava reportagens sobre a América Latina. Tem mais de 20 anos de atuação na Rede Globo, nos programas *Globo Repórter*, *Fantástico*, *Jornal Nacional* e *Profissão Repórter*.

¹³⁷ Flávio Aristides Freitas Hailliot Tavares (1934). Foi um dos presos políticos trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, à época da ditadura militar brasileira. Foi comentarista político do jornal Última Hora, trabalhou nos jornais A Hora, Excelsior (México), O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Zero Hora. Foi um dos fundadores da Universidade de Brasília.

¹³⁸ Luiz Paulo de Pilla Vares (1940–2008). Foi secretário da Cultura de Porto Alegre e colaborador de Zero Hora.

¹³⁹ Nascida a 25 de dezembro de 1942, em Bagé (RS). Iniciou sua carreira em São Paulo, nos veículos da Editora Abril, e consolidou-a em Porto Alegre (RS), trabalhando sobretudo em televisão e rádio. Não cursou a faculdade de Jornalismo.

avó, mãe e oito tias mulheres. Viveu dessa forma até os dez anos, quando se mudou para Porto Alegre, onde estudou no colégio Bom Conselho e depois no Júlio de Castilhos. Destaca, com isso, ter recebido uma formação católica mais rígida e posteriormente experimentado uma educação mais aberta e clássica.

A partir do seu depoimento, identifica-se um certo ponto de virada em sua história a partir do casamento com Geraldo Del Rey¹⁴⁰. A partir daí, mudou-se para São Paulo, na década de 1960, onde efetivamente começou sua carreira não apenas jornalística, mas até mesmo artística. Antes, ainda em Porto Alegre, trabalhou como secretária em um escritório, foi aprovada em primeiro lugar num concurso da Caixa Econômica Estadual para secretariar o então presidente Celestino Granato Goulart¹⁴¹ e atuou na escola de idiomas Yázigi e na Esphera Galeria de Arte. Nesta, redigia textos de divulgação sobre as exposições à máquina ou mimeografados, enviando-os posteriormente para os veículos de interesse (como Folha da Tarde, Correio do Povo ou Última Hora), com os quais fazia uso do seu relacionamento pessoal para convidar jornalistas a participar dos eventos.

Em São Paulo, o início de sua trajetória no jornalismo foi na Editora Abril, em 1963, a partir da indicação de uma conhecida que já trabalhava na empresa. Lembra que, naquele tempo, havia praticamente uma só redação, com jornalistas de diferentes revistas, e em função da não obrigatoriedade do diploma, atuou nas publicações Cláudia, Manequim e na extinta Setenta, que posteriormente se transformou em outras revistas. Recorda ter atuado também com profissionais da revista Veja nessa época. Seu envolvimento pessoal com o universo artístico era acentuado. Lembra frequentar a casa do cineasta Glauber Rocha, criar amizades com artistas do Teatro Oficina e do Teatro de Arena e ter acesso a personalidades como Paulo José, Glória Menezes, Tarcísio Meira, José Celso Martinez Corrêa, entre outros, com os quais realizava entrevistas. Esse engajamento também a levava a ser alvo de matérias.

Depois de viajar para a Europa, onde produziu matérias como correspondente das revistas da Editora Abril, retorna a São Paulo e logo muda-se novamente para Porto Alegre já na década de 1970. Retoma as atividades de organização de exposições e de relações públicas na Esphera Galeria de Arte. Após nova viagem para a Europa, é convidada por Célia Ribeiro para contar sua experiência no programa Jornal do Almoço, da RBS TV, em fevereiro de 1973, e recebe a proposta, da própria Célia, de assumir a produção e apresentação do programa já no mês seguinte. Convite aceito, lembra que promoveu uma nova dinâmica à televisão no estado. Alguns telespectadores enviavam cartas ao então diretor da emissora,

¹⁴⁰ 1930–1993. Ator brasileiro.

¹⁴¹ 1930–2013. Natural de Bagé (RS), foi deputado estadual entre 1966 e 1978.

Maurício Sirotsky Sobrinho, solicitando o afastamento da nova apresentadora, que falava expressões como “desbunde”, levantava-se da cadeira durante o programa e saudava os entrevistados com beijos, atitudes de ruptura com o padrão exercido até então. Anos mais tarde, é convidada por Clovis Duarte¹⁴² para apresentar o programa *Portovisão* na TV Difusora (atual Bandeirantes), no qual lembra também ter promovido as mesmas inovações. Destaca a jornalista: “Já tínhamos percebido que caretice não era legal de se fazer na TV”. A respeito dessa observação, Tânia aponta que a tendência na televisão está em programas como “Na moral”¹⁴³ e “Tudo pela audiência”¹⁴⁴, isto é, dinâmica rápida, temas bem-humorados e sem muita profundidade nos assuntos. Ao mesmo tempo em que observa isso, a entrevistada comenta que, pessoalmente, esse perfil não a agrada, porque quando se começa a desenvolver um assunto, tão logo muda-se para outro.

Cabe registrar que essa ruptura promovida por Tânia nos programas da televisão gaúcha pode ser associada a seu perfil pessoal, uma vez que ela percebe a si mesmo como espontânea, bem-humorada e proativa, sempre envolvida com o cenário cultural no país. Considera-se uma leitora voraz, participou de movimentos de cinema no Brasil desde o Cinema Novo¹⁴⁵, apresentou diversas edições do Festival de Cinema de Gramado e dos Concertos Comunitários Zaffari.

Depois do *Portovisão*, a convite de José Antônio Daudt¹⁴⁶, Tânia foi convidada para trabalhar na TVE e apresentar o programa de entrevistas “Corpo e alma”, no qual conversou com personalidades como Breno Caldas, Paulo Autran, Fernanda Montenegro e governadores do estado. Tânia relembra profissionais que trabalharam com ela nessa época, como Cândido Norberto dos Santos¹⁴⁷, Lauro Quadros, Tatata Pimentel¹⁴⁸, Sérgio Jockymann e Jorge Furtado¹⁴⁹.

¹⁴² Clovis Nogueira Duarte da Silva (1942–2011). Foi professor de biologia, comentarista do *Jornal do Almoço*, estreou o programa *Portovisão* (TV Difusora) e o *Câmera 2* (TV Guaíba), que passou a ser exibido na TV Pampa.

¹⁴³ Disponível em: <gshow.globo.com/programas/na-moral>. Acesso em: 21 dez. 2014.

¹⁴⁴ Disponível em: <multishow.globo.com/programas/tudo-pela-audiencia>. Acesso em: 21 dez. 2014.

¹⁴⁵ Movimento cinematográfico brasileiro.

¹⁴⁶ 1940–1988. Foi um jornalista, radialista e deputado estadual.

¹⁴⁷ 1926–2009. Um dos idealizadora do programa *Sala de redação* (Rádio Gaúcha) e primeiro mediador do programa. Também foi deputado estadual.

¹⁴⁸ Roberto Valfredo Bicca Pimentel (1938–2012). Foi professor de jornalismo na Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUCRS durante 13 anos. Estreou na televisão em 1972, na TV Gaúcha (atual RBS TV). Em 1974, foi contratado pelo Canal 10, atual TV Bandeirantes, onde ficou por quase 20 anos, e, em 1996, trabalhou na TVCOM nos programas *Gente da noite* e *Café TVCOM*.

¹⁴⁹ Jorge Alberto Furtado (1959). Trabalhou na TV Educativa, foi diretor do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, foi um dos fundadores da Casa de Cinema de Porto Alegre e a partir de 1990 passou a trabalhar como roteirista para a TV Globo.

Sua passagem pelas emissoras de rádio marcou outro período de sua trajetória. Trabalhou na Rádio Difusora, na Rádio Guaíba, na Rádio Band e na Rádio Gaúcha (trabalha atualmente). Tânia aponta que, nesses veículos, apresentava programas de música, com dicas de cultura, livros, filmes, discos, lançamentos e peças de teatro. Mantinha uma seleção musical porque sempre gostou de música. Lembra também que, naquele período, era permitido trabalhar para a televisão de uma emissora e para a rádio de outra. Na década de 1990, é convidada para trabalhar na TVCOM e apresentar os programas “Falando abertamente”, “Gurias de quinta” e “Café TVCOM”, este último o que mais conquistou sua preferência. Sua atuação nessa emissora durou até 2012.

Tânia apresenta-se como uma jornalista mais inclinada à entrevista, não tanto à reportagem, aquela de cunho mais investigativa e reveladora. Destaca ter sempre cultivado respeito ao entrevistado, no sentido de ler o livro de um autor antes do programa, por exemplo, atitude que pode ser considerada fundamental, mas que, segundo ela, revela-se ser comum na atualidade entrevistadores que questionam: “Do quê trata seu livro?”. Nunca trabalhou em jornal e não cursou a faculdade de Jornalismo. Esse tema, inclusive, foi motivo de preocupação por muitos anos, sendo solucionada por Tatata Pimentel quando lhe esclareceu que, em seu caso, não haveria o que aprender na sala de aula.

Dos mais de 40 anos de experiência em televisão, Tânia observa que, atualmente, existem muitas empresas jornalísticas que misturam o departamento comercial com o departamento de jornalismo. Ela própria foi convidada por Clóvis Duarte a comercializar espaços no programa Câmera 2, mas negou-se. Considera essa estratégia uma “baixaria”, o “grande horror” do jornalismo contemporâneo. Observa Tânia: “Acho que o jornalismo se perdeu pela linha de fundo por causa de tantas emissoras que vendem seus horários para seus profissionais que não são profissionais de jornalismo”. Para ela, o papel do jornalista é informar, trazer luz à informação, e não vender. Pensa que hoje exista muita venda e pouca informação, pouca cultura. Assusta-se com pessoas que falam sobre política internacional sem embasamento, ou quando vê apresentadores de televisão – donos dos programas – abrindo espaço para políticos que compram sua participação. A respeito das obras que indica no rádio, comenta que: “Compro os livros, seleciono o que vou dizer, aquilo que gosto, aquilo que chamou minha atenção a tal ponto que eu quero chamar a atenção do outro, porque penso que vale a pena”. Entende que hoje se faz um jornalismo muito raso no estado. Por outro lado, admira programas do GNT¹⁵⁰, especialmente pelo embasamento que se tem em âmbito

¹⁵⁰ Disponível em: <gnt.globo.com>. Acesso em: 21 dez. 2014.

político, cultural e econômico. Finaliza afirmando que, no Rio Grande do Sul, quando alguém tem embasamento político, por exemplo, esse chega a tal ponto que a pessoa torce somente para um lado. Conclui Tânia: “Pouca gente pode fazer isso hoje em dia e a maioria não está na TV”.

Entre os profissionais que destaca como referência no início de sua carreira – grande parte de fora do Rio Grande do Sul –, estão Thomaz Souto Correa¹⁵¹, Ruy Castro¹⁵², Antônio Torres¹⁵³, Luis Fernando Veríssimo e Lauro Schirmer.

Quem também se dedicou sobremaneira ao telejornalismo – mas com experiências igualmente interessantes em veículos impressos e em emissoras de rádio – é **Flávio Porcello**¹⁵⁴. Sua motivação pelo jornalismo teve início durante a década de 1970, enquanto estudava Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972–76), época em que o Brasil vivia o conflito entre a ditadura militar do governo Médici¹⁵⁵ e outros setores da sociedade, sobretudo a imprensa. A resistência a censuras e prisões, infere-se, de alguma forma inflamava os anseios da juventude no sentido de promover a mudança e desviar o poder dos militares. Diante disso, Porcello ingressa novamente na Universidade em 1974, dessa vez na faculdade de Jornalismo, conduzindo os dois cursos simultaneamente. Nesse mesmo ano, começou seu primeiro estágio já no jornal Zero Hora na editoria de esportes.

Efetivamente, seu primeiro trabalho foi na editoria de esportes da Folha da Manhã em 1975 como setorista do Sport Clube Internacional, ainda durante o curso de jornalismo. Porcello considerava o periódico como um jornal de resistência, que marcou época por sua linha combativa e corajosa. Nesse emprego, trabalhou com profissionais como Ruy Carlos Ostermann (diretor), Luis Fernando Veríssimo, Caco Barcellos, Rogério Mendelsky, José Antônio Pinheiro Machado, Telmo Zanini, Lauro Quadros, Ibsen Pinheiro e Edgar Vasques. Na época, também participou da constituição da Coojornal, mas precisou transferir-se para O Estado de S. Paulo no final de 1977 por causa do fechamento da cooperativa pela ditadura.

¹⁵¹ 1938. Foi redator da editoria Internacional de O Estado de S. Paulo e trabalhou nas revistas Visão, Claudia e Manequim. Também foi vice-presidente e diretor editorial do grupo Abril.

¹⁵² 1948. Jornalista e escritor. Iniciou sua carreira jornalística no jornal Correio da Manhã. Já participou das redações de O Pasquim, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, Veja São Paulo, IstoÉ, Playboy, Status e Manchete, principalmente nas colunas de cultura.

¹⁵³ 1940. Jornalista e escritor, eleito para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras.

¹⁵⁴ Nascido a 6 de outubro de 1951 em Porto Alegre (RS). Graduado em Direito (1976) e em Jornalismo (1977) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalhou nos veículos O Estado de S. Paulo (1977), O Globo (1980), RBS TV (1981), TV Pampa (1986), Gazeta Mercantil (1987), SBT (1989), TV Globo (1990) e TVE (1996 e 2003). É professor nos cursos de graduação em Jornalismo e pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e pesquisador da área de Telejornalismo, com ênfase nas relações entre Mídia e Poder.

¹⁵⁵ 1969–1974.

Questionado a respeito do seu perfil de repórter, Porcello observava-se como inquieto e curioso, no sentido de, constantemente, procurar novos temas para trabalhar, novas editorias, mas sempre a serviço da reportagem, para ele a principal função no jornalismo. Iniciou sua carreira na editoria de esporte, mas também atuou em política e em geral. Nunca fez uso de gravador escondido e condena a prática, porque acredita que o jornalista deva respeitar o código de ética que regula a profissão, até porque não aceita a prática de um crime para denunciar outro (como exemplo, cita a compra de documentos falsos para produção de uma reportagem). Por outro lado, observa que situações dessa natureza podem ser benéficas e aprovadas quando o jornalista encontra-se diante de um criminoso ou corrupto prestes a confessar uma ilegalidade. Essa análise corrobora sua visão a respeito da função do jornalista na sociedade: ser seu fiscal, observar o poder em todas as suas instâncias e ter sempre em mente que ele representa a sociedade. Avalia que: “O papel social do jornalista, honesto, independente e isento é fundamental para o bom funcionamento da sociedade que ele deve defender”.

Além da atuação no fabrico cotidiano das notícias, Porcello também ocupou cargos estratégicos em veículos de comunicação e também em órgãos dentro de universidades, como diretor geral de TV da PUCRS (1997), diretor de relações institucionais na TVE (entre 2002 e 2003) e secretário de comunicação social da UFRGS de 2008 a 2012, quando gerenciou o trabalho de mais de 120 profissionais nas áreas de jornal, rádio, TV, Internet, fotografia, publicidade, relações públicas, gráfica e o website da universidade. Não por acaso, o telejornalismo é um dos eixos principais do interesse de estudo e pesquisa do atual professor dos cursos de graduação em Jornalismo e pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Essa aproximação ocorreu muito em função da influência que o veículo televisivo exerce na sociedade. Porcello explica que, na TV, a mensagem é instantânea e que isso dá ao jornalista uma responsabilidade muito maior. Ele mostra os fatos no momento em que acontecem. Sintetiza: “O telejornalista, com seus relatos, ajuda a construir a história no momento em que ela está acontecendo”.

Questionado a respeito do impacto que a evolução tecnológica causou na prática jornalística, rememora o início da década de 1980, quando começou a trabalhar em televisão. Aponta que as equipes eram compostas, em média, de seis pessoas: um repórter e cinco técnicos, contratados para carregar os equipamentos “grandes, pesados e incômodos”. Ao retornarem à redação após alguma captação de imagens, recorda que os filmes das câmeras tinham que ser revelados e, antes de ser exibida, a matéria precisava ser editada. Porcello exemplifica: “O 'recorta' e 'cola', que hoje é virtual e apenas com um ou dois cliques está

feito, na época era manual. Era preciso revelar o filme, recortar os trechos escolhidos e colar na fita editada, que era exibida nos telejornais”. Outro impacto da tecnologia recaiu na figura do redator. O repórter escrevia seu texto em uma máquina de escrever e depois o operador de telex digitava em uma fita perfurada que permitia a transmissão de um local para outro, até então a única forma de se enviar uma matéria durante uma viagem. Outra estratégia era ler o texto redigido para um colega por telefone que anotava as informações na redação.

Porcello rememora que a Internet começou a funcionar no início dos anos 1990, mas que efetivamente essa realidade se consolidou mais tarde, pois computador era um aparelho caro, o que fazia com que as redações funcionassem no modelo tradicional. Nesse contexto, destaca que o jornalista sempre precisou manter-se atualizado, adotando uma atitude de abandono em relação ao que sabia fazer com máquina de escrever, câmera analógica, telex, teletipo, vídeo texto, fax etc. para se adaptar aos novos tempos. Apesar do progresso tecnológico, Porcello acredita que a busca pela informação não mudou. Destaca que: “Os processos ficaram mais ágeis, hoje se faz jornalismo em tempo real, mas a informação ainda precisa de tratamento, pois ela não vem pronta, e quem dá esse tratamento, quem dá esse acabamento, quem faz essa indispensável mediação entre o fato e o público é o jornalista”.

A última questão tratou da avaliação a respeito da imprensa gaúcha. Para Porcello, o jornalismo no Rio Grande do Sul melhorou tecnologicamente, mas piorou em relação à sua visão analítica, ou seja, tornou-se mais ágil e menos crítica. O jornalista relembra a época em que Porto Alegre tinha dez jornais circulando simultaneamente. Havia mais opinião e espaço para divulgá-las. Atualmente, percebe que existe um excesso de informação, mas uma carência de informação crítica, capaz de trabalhar um tema a ponto de torná-lo compreensível para a sociedade. Aponta que, em época de Internet, informação multimídia e redes virtuais de sociabilidade, impera um oceano de informações marcadas por banalidade, exibicionismo, mentiras, intrigas, lixo eletrônico e no fundo, bem escondidas e quase despercebidas, algumas informações importantes. O papel do jornalista, nesse cenário, seria o de descobrir essas informações que são notícia e divulgá-las ao público. Porém, Porcello não esquece da necessidade de o repórter ir à rua buscar as melhores histórias, porque essas são as pessoas que contam, e o jornalista necessita escutá-las.

A entrevista com os oito jornalistas participantes desta pesquisa permitiu vislumbrar alguns aspectos pertinentes à prática da atividade profissional a partir dos anos de 1960 no Rio Grande do Sul. Uma das conclusões que imediatamente se sobressai – e que será aprofundada no último capítulo – é o fato de apenas três serem graduados em Jornalismo.

Alguns iniciaram a faculdade sem concluí-la e outros chegaram a graduar-se em cursos da área das ciências humanas, como Letras ou Direito.

Trata-se de uma geração que, assim como os jornalistas da geração de 40, enfrentou dificuldades no início de suas carreiras. Destaca-se, também, o contexto político de repressão militar que coibia o livre exercício da atividade, mas que, por outro lado, inflamava o engajamento de novos membros na comunidade jornalística. Nota-se nos entrevistados a inclinação à prática da reportagem, no sentido investigativo e até arriscado para o relato de temas específicos, com construção de relacionamentos úteis à atividade e especialização em temas de interesse do próprio jornalista.

5 CONCLUSÃO

Investigar determinado tema por meio de depoimentos carregados de envolvimento de agentes que imprimiram suas marcas na história pode resultar, sobretudo, num imenso aprendizado àquele que pergunta. Sem dúvida, foi esse o principal substrato que este projeto permitiu a seu redator, que tentará, nesta e nas páginas seguintes, formular e desenvolver considerações iluminantes a respeito dos modelos e valores a que a práxis jornalística reportou-se no escasso período delimitado em tempo e espaço neste trabalho, sempre limitado pela competência e destreza que poderiam se revelar mais argutas neste empreendimento intelectual. De toda forma, é impensável querer aqui retratar e transpor toda bagagem adquirida graças às virtudes e qualidades daqueles que gentilmente cederam seu tempo para mergulhar no passado da própria história. Permanecerá carinhosamente guardada no subjetivo deste autor. O esforço que aqui se inicia é no sentido de condensar o máximo do quanto discutido pelos jornalistas entrevistados e fazer emergir um composto de análises capazes de revelar um movimento pelo qual passou a atividade jornalística no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1960 e 1980, sempre reconstruídas do interior de quem protagonizou e vivenciou esse desenvolvimento.

Valendo-se da classificação de Marcondes Filho (2002), podemos dizer que os jornalistas da geração de 40 vivenciaram um modelo de atuação marcado no início pela audácia e pela criatividade e, depois, por um cenário de conformismo e repetitividade. Pode-se inferir, a partir das entrevistas, que realmente o jornalista gozava de maior liberdade, ou melhor, conseguia desenvolver suas atividades de forma menos cerceada no passado. No depoimento de Liberato Vieira da Cunha, por exemplo, encontra-se uma crítica pontual nesse sentido, porque comenta o caráter quase “boêmio” da profissão, em que a redação era marcada por um clima descontraído, com conversas a alta voz, barulhos e um certo ar de divertimento. Além desse cenário, havia também a inexistência da figura do pauteiro como responsável por definir e cobrar a produção jornalística, cabendo ao próprio repórter essa tarefa. De certa maneira, esse formato tornava a atividade menos enquadrada em processos. O desafio era encontrar o fato relevante e trabalhá-lo no formato noticioso, o que exigia do repórter uma atitude de constante investigação, de alerta, de manutenção de seus contatos e de suas fontes. Por outro lado, essa maior espontaneidade no processo de produção das notícias deixava aberta a possibilidade do risco para o veículo, que poderia encerrar o dia sem o número mínimo de notícias para fechar sua edição – no caso do jornalismo diário. Outra barreira que esse formato impunha pode ser observada na desconfiança das fontes de

informação em relação à figura do repórter, isto é, havia, de início, a resistência em transmitir informações devido ao receio do mal uso que delas poderia ser feito.

Já os jornalistas da geração de 60, por sua vez, encontraram uma realidade embrionária que desembocaria num modelo marcado por impactos visuais, velocidade e transparência, além do barateamento da produção e toda sociedade produzindo informação, também segundo Marcondes Filho (2002). Trata-se de um cenário ainda hoje presente. Por certo que não se autoriza pontuar um momento de ruptura no modelo de produção jornalística entre as duas gerações. Acreditamos que a metamorfose gradual jamais tenha se interrompido. Nisso, o que se destaca são intervenções políticas, econômicas e tecnológicas que deram nova configuração a essa práxis.

Além da inexistência da figura do pauteiro na geração de 40, os jornais também eram desprovidos de setores, que fomentavam a especialização do repórter em determinada área. Como apontado por Zukauskas, além dos temas políticos, esportivos e policiais, os demais enquadravam-se numa classificação abrangente como o próprio nome, “geral”. No diálogo com Carlos Bastos, essa configuração é reafirmada, sendo que, para ele, a criação da notícia se dava de maneira mais espontânea, isto é, o repórter era levado à ação: visitar órgãos oficiais, dialogar com fontes, participar de eventos, integrar a agenda social de sua cidade ou viver o centro das ações de sua área de cobertura ou preferência. Ainda sobre a segmentação de assuntos de um veículo, o tema avança até os entrevistados da década de 60, como Armando Burd, segundo quem a especialização mais marcante da imprensa foi a rubrica de “economia”. Burd rememora que as fontes empresariais não aceitavam conceder entrevistas e que essa característica reforça o fato de que os repórteres não estavam preparados para tratar temas econômicos.

Essa análise demarca significativamente um processo de mudança pelo qual a imprensa gaúcha passou no sentido de ordenamento, ou seja, a forma como a profissão era desenvolvida nos seus pormenores cotidianos foi gradativamente cedendo e dando lugar a uma certa padronização e conseqüente demarcação dos assuntos. A figura do pauteiro, nesse cenário, posiciona-se como o elemento responsável pela programação e controle da produção jornalística, armazenando em si o elemento de trabalho de diferentes profissionais que a ele se reportam como que a fonte *mater* de início da produtividade cotidiana. A corresponsabilidade é então dividida entre mais sujeitos: pauteiro, repórter e editor, que formam uma tríplice aliança no interior da redação.

Outra conclusão que emerge deste trabalho diz respeito ao processo de formação de jornalistas no início da profissão. À parte o fato que para se trabalhar em uma redação não

havia necessidade de diploma ou qualquer espécie de credenciamento em relação aos entrevistados da década de 40, observa-se em diversos momentos a pouca ou nenhuma instrução de jovens repórteres na produção de suas matérias. Dois casos que se sobressaem nesse argumento são de Walter Galvani e Ruy Carlos Ostermann, ambos “jogados” pelos seus editores diante do desafio de produzir uma matéria e direcionados apenas por informações elementares, como nome da fonte a ser entrevistada e local. Fato inegável é que esse modelo de formação – possivelmente não planejado pelos editores – compelia o aprendiz a se esforçar e expor seus limites e dotes de forma objetiva, ao contrário de programas modernos que preveem a superação de barreiras rumo a um aperfeiçoamento constante. Coincidência interessante, também, é o fato de que ambos os jornalistas iniciaram suas carreiras na Caldas Júnior. Junto aos demais entrevistados, não foi observada realidade semelhante. Ao contrário de Ostermann, que em sua primeira produção já conseguiu cativar seu superior, Galvani quase perdeu o trabalho, tendo que pedir nova oportunidade para seguir na empresa. E foi justamente este jornalista a estabelecer o programa de estágios no jornalismo gaúcho na década de 1960, essencialmente, “por acreditar nos jovens”, como justificou. Em complemento a esse modelo formativo espontâneo da Caldas Jr., cabe reportar o depoimento de Antonio Hohlfeldt, no conjunto de entrevistados da geração de 60, que destacou a constante assistência oferecida pela empresa no sentido de qualificação do jornalista, isto é, verificava-se o investimento do veículo no enriquecimento cultural de seu profissional, ampliando-lhe o espectro de temas, contatos e tendências presentes naquela época. Como ele próprio definiu, “trabalhar no Correio era a glória”.

Esse argumento convoca também outro tema provocado em todos os entrevistados, que tratava da realização (ou não) da faculdade de Jornalismo. Sobre o assunto, antes de tudo, é proveitoso destacar que, em 17 de outubro de 1969, por meio do decreto-lei nº 972, a profissão de jornalista foi regulamentada em diferentes aspectos, além de exigido o diploma em curso superior de jornalismo para o exercício da profissão no Brasil. À época, o país era governado pela Junta Militar integrada pelos três ministros das Forças Armadas: Aurélio de Lima Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha de Guerra) e Márcio Sousa e Mello (Aeronáutica Militar). É razoável analisar que tal decreto impactou os rumos que a atividade tomaria no país. De uma atividade ditada e controlada por seus próprios agentes, ou melhor, pelas empresas jornalísticas, inesperadamente abre-se um caminho regulamentado, sem

mencionar o universo educacional de preparação desses “novos” profissionais, que há alguns anos já vinha sendo preparado¹⁵⁶.

Diante disso, justifica-se, em linhas gerais, o fato de que todos os entrevistados da geração de 40 não possuem diploma de jornalista, apesar de um (Joseph Zukauskas) ter cursado a faculdade, sem, no entanto, finalizá-la. A não conclusão ocorreu por insatisfação com o programa educacional, além de o entrevistado ter percebido maior valor no exercício da profissão, mesmo sem a posse do diploma. Como o jornalista compunha a primeira turma daquela faculdade, pode-se inferir que a proposta pedagógica ainda estava por ganhar força com o passar do tempo. Outros entrevistados, como Ruy Carlos Ostermann, Liberato Vieira da Cunha e Célia Ribeiro graduaram-se nos cursos de Filosofia ou Direito, no âmbito das ciências humanas, o que de uma forma ou outra influenciou o desenvolvimento de suas carreiras. Já Jayme Copstein, ao contrário, graduou-se em Odontologia, mais pela preferência de seu pai do que por vontade própria. À parte o aspecto formativo dos entrevistados, uma informação que chama a atenção é a motivação que levou a grande maioria a optar pelo jornalismo. Em essência, foi indicado o gosto e habilidade pela redação já na época escolar como fator primordial pela escolha da profissão.

No que tange à produção cotidiana da notícia, mostra-se interessante e até curioso a necessidade de o repórter aparecer na fotografia que acompanhava a matéria por ele produzida. O fato foi aportado por Ruy Carlos Ostermann, componente da geração de 40, que de certa forma vai ao encontro da percepção de Celito De Grandi quando afirmou que a classe jornalística se profissionalizou com o avançar do tempo. Por trás de tudo isso, percebe-se uma fragilidade na relação entre editor e repórter, marcada pela desconfiança. Como assegurar a autenticidade das informações?

A relação entre jornalista e fonte de informação, em linhas gerais, é percebida de maneira semelhante pelos entrevistados de ambas as gerações. Jayme Copstein destacou que a relação de afeto entre esses agentes pode ser benéfica no sentido de produzir matéria-prima para o jornalista. A mesma componente afetiva também foi observada por Geraldo Hasse, da geração de 60, no relacionamento entre editor e repórter. Ou seja, segundo Hasse, no passado, a dinâmica da redação era produzida por crenças ideológicas, e estas foram sendo substituídas pela preferência pessoal do editor para beneficiar um ou outro repórter. Retornando à relação fonte-jornalista, a percepção-base dos entrevistados é de que esta deva ser transparente,

¹⁵⁶ No Rio Grande do Sul, duas das principais faculdades de Jornalismo já tinham seus cursos reconhecidos pelo governo federal. A Fabico (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criou o curso em 1952; a Famecos (Faculdade de Comunicação Social), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1956.

responsável, construtiva e baseada em valores éticos. Como exemplo, pode-se citar o caso de Juarez Fonseca, que desenvolveu um relacionamento de tal forma estreito com suas fontes, que ganhava preferência no repasse de algumas informações.

Outra realidade rememorada por jornalistas da geração de 40, mais especificamente Liberato Vieira da Cunha, trata do *modus* como se davam as relações interpessoais entre os próprios jornalistas. O entrevistado lembra com espanto como conseguia se concentrar para escrever em meio a conversas, barulhos e agitação de pessoas dentro da redação. Ele próprio compara com a situação presente, em que cada jornalista trabalha sozinho, concentrado em frente a seu computador, num “silêncio sepulcral”. Ainda, Liberato enfatiza que essas relações eram mais simples, menos burocráticas e também mais humanas, no sentido de que havia mútuo interesse entre os jornalistas em dialogar e socializar, fato este que, inevitavelmente, mantinha-os atualizados em relação a assuntos da sociedade, da política, da economia, que também poderia, inadvertidamente, fazer emergir uma pauta. A crítica de Liberato de que hoje, na era da comunicação, vive-se a incomunicabilidade entre as pessoas, tem impacto na prática jornalística, porque o jornalismo prevê a troca, a conversação, a dialética entre os sujeitos. A mensagem jornalística é uma construção realizada por diferentes agentes, que pode englobar repórter, fonte, editor, pauteiro, pares de redação até chegar ao leitor. Nesse percurso, a troca – se bem utilizada – pode enriquecer, seja com observações experientes para qualificar a mensagem, seja com críticas objetivas para inibir o erro. Registra-se que essa característica das relações interpessoais não foi objeto de reflexão dos demais entrevistados.

Ao contrário do argumento anterior, o tema das relações entre os jornalistas e o governo foi abordado espontaneamente por mais de um entrevistado. Castelo Branco enfatizou que a imprensa era subsidiada pelo poder público. Essa série de conveniências incluía, segundo seu relato, contribuição no papel, no maquinário, na tinta e, inclusive, no salário dos repórteres. À parte essa situação, Castelo destacou os privilégios da categoria, tais como isenção de IPTU, boate, cabaré, cinema, teatro e descontos significativos em passagens aéreas. Cabe observar que esse cenário se desenvolveu aproximadamente na Era Vargas (1930–1946) e na Segunda República Brasileira (1946–1964), porém, não é nosso objetivo analisar a dinâmica político-econômica em correlação com o desenvolvimento da imprensa. O que cabe a nós pontuar, isso sim, são os possíveis efeitos que essa dependência – ou bonificação – possa ter causado na prática jornalística segundo seus protagonistas. Como bem indicou Zukauskas, ninguém em sã consciência vai eliminar seu próprio alimento, ou seja, seria suicida o ato de atacar a instituição provedora de recursos para a própria atividade.

Seguindo nessa linha, Jayme Sirotsky enfatizou que o jornalismo cumpre papel efetivamente importante na sociedade quando é capaz de investigar, criticar e sugerir encaminhamentos e soluções, mas, para fazer isso, precisa ter independência de ordem política e econômica. Recorda que, quando o número de anunciantes era menor, sofriam quando um destes eliminava seus investimentos nos veículos da RBS em função de uma matéria prejudicial à empresa. Com o passar do tempo, segundo conta, os anunciantes foram sendo educados a entender a diferença entre publicidade e informação. E essa pode ter se tornando uma das estratégias vencedoras do Grupo RBS, que capilarizou a fonte de renda entre diversos anunciantes a ponto de nenhum deles tornar-se financiador altamente significativo da empresa. Como pontua Sirotsky: “Se você é um adesista de eventual governo, ou pior, se é financiado por esse governo, está completamente fora da credibilidade que precisa ter para ser respeitado por seus usuários, leitores, ouvintes e telespectadores”.

A temática da tecnologia abordada pelos entrevistados de ambas as gerações também permite tecer conclusões relevantes. Atualmente, dos jornalistas da geração de 40, apenas Célia Ribeiro e Walter Galvani atuam efetivamente na grande imprensa, tendo acompanhado a miniaturização dos equipamentos, a transformação nos processos de produção da notícia, o enxugamento das redações, o surgimento de novas funções, entre outros desdobramentos. Dos integrantes da geração de 60, a grande maioria ainda ocupa funções em veículos. O que se sobressai ao comparar as respostas e também as manifestações voluntárias dos entrevistados diante do argumento tecnológico é uma certa homogeneidade no seguinte sentido: as novas tecnologias de comunicação, inseridas no contexto jornalístico, são ambivalentes, isto é, por um lado, facilitam o trabalho do repórter na captação, edição e apresentação da notícia; por outro, tendem a acomodá-lo na redação, reduzindo, ou até mesmo anulando, sua participação em primeira pessoa nos acontecimentos. Como observou Ostermann, o dilema do jornalismo contemporâneo é que o fato é de fácil captação, mas de difícil apresentação.

Há também, na compreensão dos entrevistados, certa distinção entre o aperfeiçoamento tecnológico dos equipamentos de trabalho (gravador, câmera fotográfica, câmera de vídeo) e o profundo impacto causado a partir do uso da Internet nas redações. É claro, para todos, que da década de 1940 até hoje as mudanças foram significativas no que tange à “casca” jornalística, ou seja, o aparato instrumental de apoio e suporte à notícia, mas pouco profundas em relação à sua “essência”, isto é, os valores e as estratégias do repórter em confronto com os pormenores cotidianos de fabrico do seu produto informativo. Observam, também, quando relacionados os argumentos dos entrevistados de ambas as gerações, que o universo de habilidades pessoais e humanas, também intelectivas e culturais (ou de

formação), do operador da notícia se fragiliza com o passar do tempo, ao passo que o suporte tecnológico progride velozmente. Hohlfeldt aponta que a sobrevivência do jornalismo de referência passa necessariamente pelo aprimoramento e pelo aprofundamento. Cabe ao jornalista aprender a fazer uso da dinâmica de virtualização da informação para também nela exercitar o espírito da atividade, ao mesmo tempo em que se adapta às mudanças que, sobretudo, reduziram o tempo e o espaço para o desenvolvimento de suas mensagens. Jayme Copstein, por exemplo, entrevistado com início mais remoto na profissão entre todos os jornalistas pesquisados, até o presente mantém ativo e atualizado um site¹⁵⁷ com artigos, críticas e textos de outros jornalistas. Mais recentemente, estreou um perfil¹⁵⁸ na rede de relacionamentos Facebook¹⁵⁹, tendo já formado uma rede de 2.650 pessoas, o que indica fama e prestígio conquistados, além de manifestar uma tentativa de fazer seu jornalismo em novas plataformas.

Para tecer conclusões mais pontuais em relação à reportagem, é necessário reler o depoimento dos dois jornalistas cujo perfil mais se aproxima à figura do repórter investigativo (possivelmente em função da experiência na revista *Veja*) – Elmar Bones e Geraldo Hasse, da geração de 60 –, que concordam sobretudo num ponto: a reportagem é incômoda no sentido de que se choca com um interesse.

Um dos exemplos mais factíveis dessa compreensão está registrada no livro *Uma reportagem, duas sentenças*¹⁶⁰, escrito por Elmar, no qual apresenta os desdobramentos da disputa entre Julieta Rigotto, mãe do ex-governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, e a Já Editores Porto Alegre, empresa editora do Jornal Já, em função de uma reportagem publicada em 2001 pelo próprio Elmar a respeito de três episódios da vida do outro filho da acusadora, Lindomar Rigotto: suposto envolvimento em esquema de desvio de verbas da empresa CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica; indiciamento em crime de homicídio; e as circunstâncias de sua morte.

Em decorrência da matéria, Julieta Rigotto processou o Jornal Já por calúnia, difamação e injúria. O periódico foi absolvido no processo penal, mas condenado a pagar indenização por danos morais, o que provocou o encerramento de suas atividades. Interessante observar que – ao menos na Internet – encontra-se um número relevante de informações (matérias, artigos e entrevistas) de apoio ao Jornal Já e nenhum material construídos sob a ótica da família Rigotto. Em linhas gerais, todas as informações

¹⁵⁷ Disponível em: <www.jaymecopstein.com.br>. Acesso em: 2 jan. 2015.

¹⁵⁸ Disponível em: <www.facebook.com/jayme.copstein>. Acesso em: 2 jan. 2015.

¹⁵⁹ Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 2 jan. 2015.

¹⁶⁰ BONES, E. *Uma reportagem, duas sentenças. O caso do Jornal JÁ*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2012.

condicionam o leitor a julgar o periódico como desventurado, miúdo e inócuo e a outra parte como prepotente, insensível e violenta. O caso ganhou repercussão em veículos de abrangência nacional e em diversos sites, mas, ao que se observa, não alterou a realidade do Jornal Já (atualmente disponível apenas na Internet¹⁶¹).

Hasse também lançou diversos livros¹⁶², mas grande parte direcionados para a temática do agronegócio de cunho informativo, sem envolvimento em casos contundentes. Por ter trabalhado mais diretamente com a área econômica, o foco maior de suas matérias foi mais no sentido de contextualizar e dimensionar a realidade do agronegócio, deixando de lado escândalos e figuras públicas. O que se sobressai do seu depoimento a respeito do tema da reportagem é talvez a decadência que a prática vem enfrentando com o tempo. Outrora, lembra que havia certa aura em torno da figura do jornalista, cujo trabalho, muitas vezes, tornava-se impagável monetariamente (sentido de bem comum ou propósito universal). Ele desconsola-se quando observa que o lado comercial das empresas jornalísticas ganhou dimensões e força, muitas vezes, até mesmo superior ao próprio departamento editorial.

Finalmente, pode-se inferir que a geração dos jornalistas de 40 vivia uma atmosfera romântica da profissão, ao mesmo tempo em que seus integrantes, na totalidade, mostraram-se profissionais comprometidos e interessados. Apesar de não haver uma estrutura organizativa densa em relação à prática jornalística, sem dúvida havia o comprometimento de seus agentes. Trata-se de uma geração que conheceu de perto as dificuldades de se trilhar o próprio caminho na estrada profissional. Talvez tenha sido essa complexidade que fez aflorar em cada um a força para superar barreiras e conquistar espaços. Muitos deles revelaram e demonstraram satisfação e um certo sentimento de ideal recompensado para com a profissão. Um dos casos mais marcantes que reforça essa tese é o de Jayme Copstein, que comentou ter sido escolhido pela profissão desde cedo e que teve paciência de concluir seu curso de Odontologia – e ainda trabalhar algum período na área – para se dedicar exclusivamente ao jornalismo. Pode-se inferir, também, que trata-se de uma geração cujo valor motor não era o retorno financeiro imediato, mas servir à sociedade por meio da construção de sentidos.

Por sua vez, a geração de 60 tem como marca fundamental a especialização (cursos, dedicação a um setor em especial, investimento na área acadêmica etc.) e consciência dessa necessidade. Gerado possivelmente pelo aumento da competitividade do mercado, esse fator é visível quando associamos, por exemplo, Hohlfeldt à cultura, Burd à política, Elmar ao

¹⁶¹ Disponível em :<<http://jornalja.com.br>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

¹⁶² *A laranja no Brasil* (1987); *Filhos do fogo* (1996); *O Brasil da soja* (1997); *Pioneiros da ecologia do RS* (2002); *Um espelho de 100 anos* (2004); *Migração e identidade* (2007).

jornalismo investigativo, Hasse ao agronegócio, Fonseca à música, Porcello à televisão. Como efeito dessa mudança, encontramos maior número de rubricas nos periódicos e conseqüente maior produção intelectual em campos específicos. Igualmente à geração de 40, os jornalistas da geração de 60 também enfrentaram dificuldades, especialmente com o governo militar, que impuseram barreiras e exigiram novas configurações do fazer jornalístico.

Muitos outros aspectos poderiam ser aqui aprofundados, mas acreditamos, ao menos, ter lançado elementos para uma compreensão prática de como se desenrolava o cotidiano da profissão segundo seus sujeitos. O que adverte-se significativamente é a possível contribuição deste empreendimento para o ensino do jornalismo no Brasil ao apresentar os resultados e o valor de profissionais de amplo reconhecimento público. Homens e mulheres que cultivaram a própria vida na confiança de exercer uma função emérita para sua sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALFORD, Henry. **Conheça os encantos de ser voluntário em uma fazenda na Itália.** Publicado em: 15/07/2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/viagem/noticia/2014/07/conheca-os-encantos-de-ser-voluntario-em-uma-fazenda-na-italia-4550902.html>>. Acesso em: 12 out. 2014.
- AP IMAGENS. Disponível em: <<http://www.ap.org>>. Acesso em: 12 out. 2014.
- BECHELLONI, G. (1978). Notizia o interpretazione? **Problemi dell'Informazione**, ano III, n. 4, p. 171-178.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.
- BLUMLER, J. G.; GUREVITCH, M. **The crisis of public communication.** Routledge: London and New York, 1995.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação.** São Paulo: Publifolha, 2001.
- GANS, H. J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time.** Nova Iorque: Random House, 1979.
- GLOBALPOST. Disponível em: <<http://www.globalpost.com>>. Acesso em: 12 out. 2014.
- GOLDING, P. & ELLIOT, P. **Making the news.** Londres: Longman, 1979.
- GOMIS, L. **Teoría del periodismo: como se forma el presente.** Barcelona: Paidós, 2004.
- HALL, S. *et al.* **Policing the crisis: mugging, the state and law and order.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1978.
- HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO L.C.; FRANÇA, V.V. **Teorias da comunicação.** Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- IACHAN, A. C. S. Uma história da telefonia no Rio de Janeiro (1930-1962). In: **Congresso Scientiarum Historia III.** Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <[http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/RISK/sh3/Scientiarum%20III%20Risk%20trabalhos%20completos/trabalhos%20sch-iii/livros-simposio-web%20\(1\).pdf#page=51](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/RISK/sh3/Scientiarum%20III%20Risk%20trabalhos%20completos/trabalhos%20sch-iii/livros-simposio-web%20(1).pdf#page=51)>. Acesso em: 11 jan. 2015.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEMPEN, B. **Information et pouvoir**: Essai sur le sens de l'information et son enjeu politique. Lousane: L'Age d'Homme, 1980.

MARAÑON, G. **Vocação e ética**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. **News as purposive behaviour**: on the strategic use of routine events, accidents, and scandals. *American Sociological Review*, v. 39, n. 1, p. 101-112, fev. 1974.

NEVEU, É. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 12 out. 2014.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, M. **Fontes jornalísticas**: contributos para o mapeamento do campo. In: *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 277-294, Braga: Universidade do Minho.

REUTERS. Disponível em: <<http://br.reuters.com>>. Acesso em: 12 out. 2014.

RODRIGO ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSITI, F. La ricerca sull'informazione giornalistica: fra ipotesi macrosociologiche e problem metodologici. In: VV.AA. **Diritto all'informazione e manipolazione televisiva**. Trieste: Trieste Consult, 1981.

RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHLESINGER, P. **Putting "realty" together**. BBC news. London: Constable, 1978.

_____. Repenser la sociologie du journalisme. Les stratégies de la source d'information et les limites du média-centrisme. In: **Réseaux**, 1992, volume 10 n°51. pp. 75-98.

SCHUDSON, M. **Descobrendo a notícia**. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SHOEMAKER, P. J., & REESE, S. D. **Mediating the message**: theories of influences on mass media content. Nova York: Longman, 1996.

SIGAL, Leon V. Sources make the news. In: MANOFF, R. K.; SCHUDSON, Michael (Orgs.). **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

SIMMEL, G. **Sobre la aventura**. Barcelona: Peninsula, 1986.

SOUSA, J. P. **As notícias e seus efeitos**. As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Lisboa: Minerva Coimbra, 1999.

TIXIER-GUICHARD, R.; CHAIZE, D. **Les Dircoms**: à quoi sert la communication? Enquête. Paris: Seuil, 1993.

TRINCHIERI, C. (1977b). Il lavoro di cronista: Pratica e ideologia della professione giornalistica. **Problemi dell'Informazione**, ano II, n. 4, p. 577-614.

TUCHMAN, G. **Making news**: a study in the construction of reality. Nova York: Free Press, 1978.

_____. Qualitative methods in the study of news. In: Jensen e Jankowski (ed.), **A handbook of qualitative methodologies for mass communication research**. Londres: Routledge, 1991.

VALOR ECONÔMICO. Disponível em: <<http://www.valor.com.br>>. Acesso em: 12 out. 2014.

VIZEU, A. O jornalismo e as "teorias intermediárias", cultura profissional, rotina de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso (AD). **Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.